Produtores e Processadores do ramo. (O caso de Londrina - PR)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

"PRODUTORES E PROCESSADORES DO RAMI"

(O caso de Londrina - Pr.)

. ALICE YATIYO ASARI

. Orientadora : profa.dra.Liliana Laganã

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Geografia da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Huma
nas da Universidade de São Paulo .

SÃO PAULO

Setembro/84

Í N D I C E

	Página
Agradecimentos	
Lista de Figuras	
Lista de Tabelas	
Capítulo	
1. INTRODUÇÃO	01
1.1. Considerações preliminares	01
1.2. Objetivos e Hipóteses de Trabalho	10
1.3. Métodos e Técnicas de Trabalho	13
2. A DOMINAÇÃO DO CAPITAL INDUSTRIAL NO CAMPO	22
2.1. O papel da agroindústria nas modificações das re_	
lações de trabalho no campo	22
2.2. Culturas industriais de algumas regiões brasilei_	
ras e o papel do capital industrial	34
3. A PRODUÇÃO DE RAMI NO PARANÁ E AS PEQUENAS PROPRIEDA-	
DES	47
3.1. Características de sua introdução	47
3.2. Pequenas propriedades do rami : produção, benefi_	
ciamento , relações com o capital	51
3.3. A pequena propriedade rural : sua viabilidade em	
função de uma cultura para fins industriais :	
rami	67
4. AS EMPRESAS PROCESSADORAS DE RAMI	77
4.1. Características da introdução do rami e as justi_	
ficativas do ponto de vista do empresário e do	
Estado	78
4.2. Os mecanismos de subordinação do campo ao capi -	
tal urbano-industrial	89
5. AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO RAMI	102
5.1. Perfil dos produtores de rami	103
5.2. Características das relações de trabalho no rami	117
6. CONCLUSÕES	136
BIBLIOGRAFIA	142

LISTA DE FIGURAS E DE FOTOS

Figura :	Página
01 - Localização das propriedades de rami - 1983 Município de Londrina	52
02 - Relação do total de propriedades e o percentual de uso com rami - Londrina - julho/83	69
03 - Distribuição da área colhida e produção de rami = no Estado do Paraná - ano de 1973	86
04 - Distribuição da área colhida e produção de rami = no Estado do Paraná - ano de 1980	88
05 - Pirâmide de idade - Produtor de rami e assalariado Município de Londrina - julho/83	108
06 - Local de nascimento, por Estado - Produtor e assa- lariado do rami - Londrina - julho/83	111
07 - Calendário Agrícola - Londrina - 1975	122
 Foto :	
01 - Máquina 'periquito' - utilizada em propriedade lo- calizada no município de Londrina - julho/83	62
02 - Trabalhadores do rami - Município de Londrina-1983	63
03 - Aspecto da plantação de rami - Londrina/1983	65
04 - Plantação de rami no município de Londrina/1983 ..	65
05 - Trabalhadora do rami - Londrina - 1983	113
06 - O trabalho do menor no rami - Londrina - 1983	114
07 - O trabalho do menor no rami - Londrina - 1983	115
08 - O café na entre-safra do rami - Londrina - 1983 ..	120
09 - Aspecto da descorticateira mecânica - Londrina-1983	129

LISTA DE TABELAS

Tabela :	Página
01 - Área total das principais lavouras do Paranã (ha) , produção(t) do rami na área cultivada - 1960/1984.....	50
02 - Propriedades de rami do município de Londrina-1983 ...	53
03 - Tipos de influências da implantação do rami nas pro - priedades	54
04 - Instalações existentes nas propriedades de rami	58
05 - Maquinários e equipamentos existentes nas propriedades de rami	60
06 - Percentual de uso da propriedade com rami -Londrina ..	68
07 - Tempo de trabalho com o rami - Londrina	71
08 - Comportamento da área plantada de rami	72
09 - Valor Bruto da Produção agrícola das principais cultu- ras , a nível estadual , regional e nacional -1973/74.	82
10 - Idem - 1975/1976/1977	83
11 - Distribuição da área colhida e quantidade produzida de rami no Estado do Paranã - 1973	85
12 - Idem - 1980	87
13 - Atividades de industrialização do rami - 1977	89
14 - Participação relativa dos setores na demanda de rami - Paraná - 1971/1977	91
15 - Total de pessoas por família - Londrina	104
16 - Idade - Distribuição por faixa etária do produtor rural de rami - Londrina - 1983	106
17 - Idem - Assalariado	107
18 - Local de nascimento dos produtores rurais de rami - Lon drina - 1983	109
19 - Idem - Assalariado	110
20 - Escolaridade do produtor rural e do assalariado do rami	112
21 - Tempo de moradia do produtor rural e do assalariado do rami - Londrina - 1983	116

AGRADECIMENTOS

- À Profa.Dra. Lílíana Laganã , pela orientação segura e apoio incondicional oferecido em todos os momentos, minha profunda gratidão .
- À Universidade Estadual de Londrina ,
- Aos companheiros do Departamento de Geociências ,
 - Ao Centro de Ciências Exatas ,
 - À CPG - Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação ,
 - À Biblioteca Central ;
- Aos Companheiros do IPEA-UNESP , Instituto de Planejamento e Estudos Ambientais - Campus de Presidente Prudente, da Universidade Estadual Paulista ;
- À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP ;
- Aos Companheiros dos colóquios de pós-graduação da FFLCH da USP ;
- Aos Acadêmicos de Geografia da Universidade Estadual de Londrina: Cláudio Kazuo Yoshida, Wagner Luiz Kreling, Wagner Rodrigues e Wanderlei David Lopes ;
- Ao Dr. Hajime Kato, do Departamento de Economia Rural da Secretaria de Agricultura do Paraná ;
- Aos Srs. José Gouvêa e Clélio Augusto de Souza , da agência do IBGE , de Londrina ;
- Aos produtores e processadores do rami , do município de Londrina ;
- Às professoras Kumagae Kasukuo Stier, Nilza Aparecida Freres Stipp e Yoshiya Nakagawara ;
- Aos meus familiares e amigos ,

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS .

"Todas as coisas têm seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu segundo o termo que a cada uma foi prescrito . Hã tempo de nascer, e tempo de morrer . Hã tempo de plantar , e tempo de arrancar o que se plantou . Hã tem po de matar , e tempo de sarar . Hã tempo de destruir, e tempo de edificar . Hã tempo de chorar , e tempo de rir . Hã tempo de se afli gir, e tempo de saltar de gosto. Hã tempo de espalhar pedras , e tempo de as ajuntar . Hã tempo de dar abraços, e tempo de se pôr longe deles . Hã tempo de adquirir, e tempo de lançar fora. Hã tempo de rasgar, e tempo de coser . Hã tempo de calar, e tempo de fa lar. Hã tempo de amor, e tempo de ódio . Hã tempo de guerra, e tempo de paz".

(ECL: 3, 1-8)

1. INTRODUÇÃO

1.1. Considerações preliminares

Os enfoques iniciais deste trabalho têm como referência as questões atinentes às transformações que estão ocorrendo no quadro agrário, decorrentes da crescente importância da agricultura no desenvolvimento do sistema capitalista de produção no Brasil.

Sob esta ótica, foram objeto de análise as relações técnicas de produção e transformação e as relações de trabalho da cultura do rami, que se constituíram em elementos explicativos da problemática estudada.

Num nível mais amplo de constatações, referenciando DOBB (1974:32), este autor coloca que o desenvolvimento do capitalismo foi lento e complexo, coincidindo as suas etapas de transição com importantes transformações políticas, de todos os níveis. Duas fases são distinguidas: num primeiro instante, o pequeno produtor obteve a sua emancipação, parcial ou completa, das obrigações feudais que sobre ele pesavam; no segundo, foi separado da sua propriedade dos próprios meios de produção (terra, gado, utensílios agrícolas) e tornou-se dependente do trabalho assalariado para conseguir sua subsistência.

O processo descrito é considerado por Marx, como "acumulação primitiva" ou "acumulação original" (*), originando-se daí a criação de um proletariado, que pode ter seguido os seguintes caminhos :

- a) expulsão direta, com anexações de terras e expulsão de camponeses ;
- b) empobrecimento e endividamento, conduzindo à execução eventual da dívida ; ou
- c) de um crescimento da população em algumas regiões maior do que a terra disponível podia suportar .

Estas constatações, que fazem parte da gênese do capitalismo mundial, não podem e nem devem ser totalmente transferidas a nível de Brasil, pois os momentos históricos e políticos vividos são divergentes e o simplismo levar-nos-ia a algumas resultantes sumamente distorcidas .

No tocante à questão do capitalismo na agricultura, FERNANDES (1979:105) afirma que "a importância da economia agrária para a acumulação originária do capital e a expansão de um pólo econômico moderno, urbano-comercial, já foi exagerada , para em seguida ser subestimada.

(*) Segundo Marx (1980:830/831), a chamada acumulação primitiva é apenas o processo histórico que dissocia o trabalho dos meios de produção. É considerada primitiva porque constitui a pré-história do capital e do modo de produção capitalista .

(...) Marcam época na história da acumulação primitiva, todas as transformações que servem de alavanca à classe capitalista em formação, sobretudo aqueles deslocamentos de grandes massas humanas, súbita e violentamente privadas de seus meios de subsistência e lançadas no mercado de trabalho como levas de proletários destituídos de direitos. A expropriação do produtor rural, do camponês, que fica assim privado de suas terras constitui a base de todo o processo. A história dessa expropriação assume coloridos diversos nos diferentes países, percorre várias fases em sequências diversas e em épocas históricas diferentes".

O "campo" , como núcleo da vida social "civilizada", também já foi superestimado, para depois ser esquecido ". Note-se que a esta afirmação se vinculam os inúmeros trabalhos que se têm realizado, porém, em seguida = desviados para outras áreas de estudo, como por exemplo, o fato urbano, a marginalidade, a migração .

No caso específico do Brasil, necessário se faz colocar as posições de alguns estudiosos da questão agrária, quanto à entrada do capital no mundo rural :

GRAZIANO NETO (1979:71), mostra que a "problemática central da questão agrária reside nas várias transformações pelas quais têm = passado a agricultura no processo de desenvolvimento capitalista brasileiro". Em função deste fato, temas são retomados com vigor, no que diz respeito à Reforma Agrária, a luta dos trabalhadores rurais volantes ou "bóias-frias", a manutenção de formas "arcaicas" de produção no campo, coexistindo com a agricultura empresarial, que é entendida como "a forma de produção plenamente capitalista".

SILVA, no seu artigo 'Formas de Acumulação e desenvolvimento do capitalismo no campo' (1979:09), afirma que "é o desenvolvimento do capitalismo que explica a expansão da produção agrícola, mesmo se ela se realiza sob relações de produção predominantemente pré-capitalistas . Da mesma forma que o início é determinado pelo desenvolvimento do capitalismo, o fim também o é . Os limites da expansão da produção agrícola = sob relações de produção pré-capitalistas e, por conseguinte, os limites das formas de acumulação correspondentes não se encontram no eventual esgotamento dos chamados recursos tradicionais, mas no próprio desenvolvimento do capitalismo, em particular do desenvolvimento do capitalismo na agricultura".

BESKOW (1980:122), referindo-se ao caso brasileiro, e especificamente , às políticas agrícolas, critica a postura adotada, justi-

ficando da maneira seguinte : "(...) a agricultura no Brasil vem sofrendo um violento processo de concentração de terras e capitais, em vista = das políticas agrícolas de crédito rural subsidiado, de exportação e de abastecimento interno favorecerem apenas a uma pequena parcela de em- preendedores rurais, representados pelos proprietários fundiários e capi- talistas agrícolas de maiores recursos econômico-financeiros em detrimen- to da grande parcela de trabalhadores rurais, representados pelos peque- nos produtores-minifundiários, parceiros, rendeiros e posseiros - que têm uma importância muito grande na produção de alimentos . A ênfase na promoção das exportações agrícolas e na produção de matérias-primas para as indústrias é um aspecto de uma política mais ampla de internacionali- zação da economia".

Numa outra linha de idéias, OLIVEIRA (1981:06), citando MARTINS ,in 'Cativo da Terra' (1979) , faz algumas distinções entre os comportamentos peculiares às culturas de alta e baixa renda fundiária. A afirmação a seguir melhor explicita estas variações : "no caso brasilei- ro, o capital não tem atuado na direção da separação entre o capitalista= e o proprietário da terra . O que ocorre é a apropriação da renda da ter- ra pelo capital, tanto na pequena propriedade quanto na grande . Portan- to, o capital tem se apropriado diretamente das grandes propriedades ou promovido a sua formação em setores econômicos no campo, em que a renda da terra é alta, a exemplo do que ocorre com a cana, a soja, e a pecuária de corte . Onde a renda da terra é baixa, como no caso dos setores de alimentos de consumo interno generalizado, o capital não se torna dono da terra, mas cria as condições para extrair o excedente econômico, ou seja, especificamente renda onde ela aparentemente não existe".

Há que se acrescentar a esta situação, uma outra varian- te importante quanto à expropriação dos produtores rurais, que é justifi- cada por GRAZIANO NETO (1977:38) sob duas formas : "uma expropriação to- tal, em que a única forma de sobrevivência dos antigos produtores rurais

é o trabalho, sendo neste caso total a dependência da agricultura à indústria; a outra forma refere-se à expropriação parcial dos meios de produção pelos produtores, porém, isto não impede que os mesmos sejam explorados indiretamente pelo capital". Ressalte-se no entanto, que a agricultura luta em condições desiguais e desfavoráveis com o grande capital industrial, cabendo a esse uma parcela do trabalho excedente gerado na agricultura.

GRAZIANO DA SILVA (1982:33) aponta que são quatro as dificuldades do capital em transformar a agricultura brasileira: "o papel determinante que assume a propriedade da terra; a persistência (e mesmo recriação) da 'pequena produção', constituída por pequenos proprietários, posseiros, parceiros e arrendatários; o alto grau de exploração a que se submete, quer a mão-de-obra familiar, quer a mão-de-obra assalariada; o fato de que, por maiores que sejam os meios e recursos envolvidos, os instrumentos de política agrícola não tem conseguido maiores progressos, a não ser em algumas culturas especiais e regiões privilegiadas".

Portanto, por essas sucintas considerações, consegue-se captar os seguintes pontos, que merecem uma reflexão maior:

- a excessiva concentração de capital e terras, acentua a subordinação da agricultura ao capital;
- a situação cada vez pior dos pequenos proprietários, arrendatários, parceiros e assalariados rurais;
- a ênfase dada às exportações agrícolas e a produção de matérias-primas conduzem à internacionalização da economia (ex: soja, algodão, rami, etc.);
- o capital se apropria da renda da terra de todas as formas, seja para o grande ou para o pequeno proprietário, seja especializando os setores econômicos, seja =

- criando condições para extrair o excedente econômico ,
mesmo que aparentemente este não exista ;
- o desenvolvimento do capitalismo explica a expansão da
produção agrícola, mesmo sob relações de produção 'di
tas' predominantemente pré-capitalistas ;
 - há algumas dificuldades para que o capital transforme=
a agricultura brasileira : o papel da propriedade da
terra, a "*pequena produção*", a exploração a que se sub=
mete a mão-de-obra, a precariedade das políticas agrí=
colas .

Mediante estes pontos de vista de estudiosos da questão=
agrária, note-se que há sem dúvida, uma forte tendência de subordinação =
da força de trabalho rural ao capital industrial, tanto através do assala=
riamento clássico, como pelas variadas formas de apropriação do sobretra=
balho pelo pequeno produtor (trabalho familiar/não remunerado), sociali=
zando o processo de trabalho agrícola . O grau de socialização deste pro=
cesso , o conhecimento dos mecanismos que atuam nos fenômenos que caracte=
rizam as suas interdependências e as suas contradições, a percepção dos
momentos de transição da quantidade e da qualidade dos fatos, constaram =
das formas de interpretação da gênese e do desenvolvimento da entrada do
capital industrial no campo, tendo como base a cultura do rami .

Há que se analisar ainda quais são as ligações entre a
agroindústria, a estrutura agrária e as relações de trabalho rural-urba=
no, procurando identificar os vínculos que se estabeleceram entre estes
setores, comparando as formas de subordinação ao capital, de grandes, mē=
dios e pequenos produtores rurais, e verificar estes reflexos nas rela=
ções de trabalho rural .

Estas preocupações nortearam a pesquisa empírica propria=
mente dita, analisando-se então os vínculos entre as indústrias de proces

samento de rami, os produtores rurais desse produto, no município de LONDRINA, como também os assalariados que fornecem seus serviços, desde o plantio, conservação, colheita e primeiro beneficiamento da fibra(.descorticamento) .

A cultura do rami apresenta-se como um exemplo para o estudo que se pretendeu realizar, pois, uma vez que esta produção desenvolve-se quase que unicamente no Estado do Paraná, é significativo seu percentual exportado (em estado semi-beneficiado) , e exige, no período da colheita, mão-de-obra intensiva .

Segundo informações da Secretaria de Estado da Agricultura do Paraná, o Brasil se posiciona como o segundo maior produtor mundial, porém, seu produto não tem tido muita aceitação no mercado externo, em razão da qualidade insatisfatória da fibra, pois, contém impurezas(lenha, casca), além da desigualdade no comprimento das fibras, causada pela diferença de ramas que ainda não atingiram seu ponto ideal de maturação .

O Estado do Paraná detém praticamente o total da produção do rami (98,5%) brasileiro . Além do Paraná , apenas o Estado da Bahia possui cultivo de rami, com pouco mais de 1% da produção brasileira . (SEAG/DERAL,1982)

A industrialização do produto é efetuada , em sua grande maioria, no próprio Estado do Paraná; posteriormente, o produto é destinado para o Estado de São Paulo e para o exterior . No Paraná, apenas os setores produtores de cordas e barbantes , de fios e de telas para sacaria se acham presentes, além de usinas de amaciamento da fibra, estas últimas normalmente vinculadas a grupos têxteis de outros Estados ou de outros países .

O início do cultivo do rami , na região norte-paranaense, ocorre no início da década de 1950, conjuntamente com a implantação

de algumas indústrias , que garantiriam o consumo da fibra a ser produzida. Data desta época a grande produção no município de Uraí, que levou a ser denominada a "*Capital Mundial do Rami*", concentrando, ainda hoje, considerável produção .

Conforme dados da SEAG/PR, de 1982, o Núcleo Regional = de Cornélio Procópio, do qual participa o município de Uraí, concentra .. 51% da produção estadual, cabendo a Londrina 24% e a Ivaiporã 15% .

A fibra do rami é utilizada para inúmeros fins, como por exemplo, na fabricação de fios em geral (tops, barbantes), sendo também = matéria-prima para o fabrico de linhas de pesca , mangueiras para incên - dios, filtros de ar , papéis finos resistentes ou para papel moeda , en - fim, contribui para o desenvolvimento do setor industrial nacional .

Em relação à área cultivada , em 1960 contava com 6 mil hectares , chegando a atingir 19,9 mil hectares em 1970 . Porém, a par - tir da década de 1970, começa a apresentar decréscimos sucessivos, che - gando em 1982 a uma área plantada de apenas 5.818 hectares .

As causas do evento, segundo a SEAG, são as seguintes :

- (a) alto custo de produção ;
- (b) o surto de expansão das fibras sintéticas, para = fins têxteis ;
- (c) o declínio do consumo de fibras naturais, que pas - saram a ser utilizadas em menor quantidade, mescla - das com as sintéticas ;
- (d) a queda das fibras no mercado nipônico, com proble - mas de demanda nas indústrias têxteis ;
- (e) baixa no consumo de sacarias, uso de transporte e aru

mazenagem a granel ;

(f) o congelamento dos preços no mercado interno no período 68/71 .

Uma das características da exploração do rami é a concentração da produção ; veja-se por exemplo no ano de 1977: dos 174 produtores, apenas dois produziram 28% ; 156 produziram 43% . Segundo o Serviço de Acordo de Classificação do Paraná, esta alta concentração é explicada pelo fato de que as indústrias de beneficiamento possuem lavouras próprias, em grandes áreas, e com tendência a acentuar-se , retirando do processo produtivo do rami os pequenos produtores .

Informações da SEAG/DERAL , mostrou que a exploração é efetuada, predominantemente, pelo proprietário de terra (85%) , e o restante através de arrendamento, o qual é formalizado com base em uma quantia fixa a ser paga ao proprietário. Nas pequenas propriedades, a mão-de obra ocupada é a familiar, havendo suplementação de mão-de-obra no período da colheita, principalmente .

O beneficiamento inicial (descorticamento) é realizado = na própria área de produção , em que utilizam o maquinário denominado "periquito", ocorrendo, esporadicamente , a venda da fibra bruta a outros ramicultores , que têm condições melhores para o beneficiamento .

O "periquito" consiste essencialmente de um tambor metálico giratório, em cuja superfície estão montadas esquadrias que desempenham o papel de facas . O conjunto é protegido por uma capa móvel tendo à frente a boca de alimentação . É movido por motor a óleo diesel com capacidade de 9 HP .

Esta visualização rápida do rami, prende-se a dois objetivos : o primeiro para que se possa ter condições para avançar nas proposições em função das características apresentadas, e segundo, condicionan

do a situação atual do rami, as etapas pretéritas de implantação, do seu período áureo e das suas perspectivas , entremeados com os fatos explicativos de tal desempenho . Em assim sendo, poder-se-á determinar o porquê do cultivo do produto, e os vínculos que se estabelecem entre a indústria têxtil e os produtores rurais, tendo como pressupostos essenciais que essas ligações se configurariam como relações de subordinação-dominação entre setores de produção da matéria-prima e de processamento da fibra . Estes tipos de relações explicam , evidentemente, o "píco" de produção e o atual estágio de declínio da produção ..

...

I.2. Objetivos e Hipóteses de trabalho

Os objetivos propostos para a consecução do trabalho = apresentam dois níveis de abordagem : um geral, em que se pretendeu analisar as transformações que estão ocorrendo no quadro agrário em função da crescente importância da agricultura no desenvolvimento do sistema capitalista de produção no Brasil e os objetivos específicos, que nada mais representam do que os desdobramentos do primeiro .

Quanto aos objetivos específicos procurou-se identificar as formas de atuação das indústrias de processamento junto aos produtores rurais de rami . Este objetivo tem a finalidade de verificar as evidências existentes quanto ao processo de vinculação do produtor rural à indústria de rami, que resulta invariavelmente numa relação de dependência = ao capital urbano-industrial .

Pretendeu-se ainda comparar as formas de subordinação ao

capital, de grandes , médios e pequenos produtores, baseada na lógica de que quanto menor a propriedade maior a vinculação ao capital, na medida em que os grandes produtores possuem, na maioria dos casos, também suas unidades de processamento e transformação da matéria-prima .

Um outro objetivo diz respeito à verificação dos reflexos da implantação de unidades agroindustriais , nas relações de trabalho rural; neste caso, e voltado especificamente para o rami, os estabelecimentos industriais motivaram a expansão da área de cultivo, tendo em vista uma demanda maior, e preços mais competitivos .

O último objetivo procura analisar as ligações entre a implantação das indústrias de processamento de rami, a estrutura fundiária e as relações de trabalho rural-urbano . Neste ponto há que se referir às questões ligadas à estrutura fundiária do município de Londrina , que sofreu profundas mudanças, seja por influência dos fatores externos , seja por força de fatores internos da economia e da política brasileira , que contribuíram igualmente para a instalação de indústrias processadoras da matéria-prima regional, a exemplo do rami .

De outra forma, a elaboração de um trabalho pressupõe a tomada de algumas posições que auxiliam o seu encaminhamento dentro de uma coerência e de uma reflexão ampla sobre a problemática em estudo. Algumas hipóteses foram levantadas, tendo em vista o tema geral que se refere às relações entre pequenos produtores e as empresas processadoras de rami, configurando uma situação de subordinação-dominação . Esta condição é ainda reforçada pela pouca capacidade de retenção de capital que se observa nos pequenos produtores, seja sob a forma de estoque de produção, seja mediante a poupança monetária . Verdade é que não lhes restam muitas alternativas, na medida em que o próprio sistema econômico levam-nos à redução de locais para a busca de crédito, reforçando assim sua depen-

dência ao capital urbano-industrial .

Uma outra hipótese levantada diz respeito aos momentos de implantação, auge e declínio da cultura do rami, que estão relacionados aos deslocamentos do capital, em busca de melhores condições de reprodução e de acumulação capitalista . Neste ponto há que se referir à lógica do capital que possui a sensibilidade para captar os sinais favoráveis e desfavoráveis para a realização dos seus empreendimentos, os quais ignoram os indivíduos - produtores envolvidos, suas famílias e suas expectativas .

A hipótese seguinte refere-se à disputa entre produtos têxteis naturais e sintéticos, quando o primeiro sofreu sérios revezes a partir da década de 1970, com repercussões nos preços e na consequente diminuição da sua área plantada . A entrada vigorosa da moderna tecnologia industrial, acompanhada de intensa campanha publicitária, com resultados significantes, provocou a diminuição na demanda de produtos têxteis naturais, optando-se pelas novas alternativas que se apresentavam . O reflexo mais evidente, no rami, foi a queda brusca da área plantada, acompanhada da desativação de algumas unidades de processamento industrial .

A última hipótese parte do princípio de que a produção de rami de boa qualidade permitiria uma maior capacidade de barganha por parte do rami no mercado internacional, superando inclusive a estagnação em que se encontra o setor, e talvez com alguma perspectiva de melhoria = por parte dos trabalhadores assalariados . Esta situação mostra-se ainda desfavorável ao produtor rural visto que a fibra se encontra atrelada aos preços do mercado internacional, que é ainda mais competitivo e mais exigente quanto à qualidade do produto .

I.3. Métodos e Técnicas de Trabalho

Paralelamente à revisão bibliográfica efetuada, fêz-se reflexões no campo teórico do tema em referência, visando a compreensão das formas variadas com que se apresentaram, desde que as relações de produção e de trabalho foram se tornando objeto de intensa discussão, em função da progressiva pauperização do pequeno produtor e do assalariado temporário ou permanente .

Procurou-se , evidentemente, trabalhar as hipóteses formuladas, a fim de que se orientassem para os objetivos propostos .

Quanto aos materiais utilizados, foram os que mais se adaptaram ao desenvolvimento de uma investigação científica, incluindo técnicas de laboratório (gabinete) e de campo. Os trabalhos de gabinete incluíram : revisão bibliográfica, levantamentos cartográficos e documentais, pesquisa de dados estatísticos, elaboração de questionários e roteiros de entrevistas . Nos trabalhos de campo, foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelos órgãos públicos de assessoramento e de assistência técnica ao agricultor, com os administradores das empresas de processamento de ramê e foram aplicados questionários aos produtores da fibra e os seus trabalhadores assalariados residentes no município de LONDRINA .

Quanto ao método de investigação, há que se fazer algumas considerações preliminares para justificar o direcionamento tomado neste trabalho . Tem-se a consciência de que o método de investigação constituiu-se na maioria das vezes uma forma determinada de concepção a respeito dos diferentes fragmentos de uma realidade, um modo de investigação dos fenômenos e dos processos naturais e sociais . Sabe-se também que dada a heterogeneidade das formas do movimento da matéria, assim como dos

distintos aspectos da realidade, há uma diferenciação dos métodos de investigação . Assim sendo, tal como no processo produtivo, o emprego de uma determinada classe de material requer instrumentos específicos e uma tecnologia própria, também a investigação dos fatos que compõem a realidade que nos circunda exige uma atitude metodológica própria .

Tendo em vista estes pressupostos, o método dialético= apresentou-se como o mais adequado para o encaminhamento do trabalho em referência, na medida em que trata-se de um método que possibilita a análise da mutabilidade da existência, além do que no instante em que se reconhece as múltiplas formas do mundo, a doutrina marxista não concebe o desenvolvimento de maneira mecânica .

Portanto, ao utilizarmos a dialética, que é segundo = KONDER (1981:08), "o modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação", justificamos o direcionamento dado ao trabalho.

Segundo ZURAWICKI (1972:136), a principal característica do método dialético é a concepção de todos os fenômenos em sua interdependência, permitindo investigar o mais adequadamente possível todas as manifestações da vida . Ainda segundo o autor, o método dialético não é, absolutamente, infalível , porém, constitui-se , sem dúvida alguma, numa melhor opção em termos metodológicos .

Este método apresenta-se como o mais adequado porque , "é um método genético, já que busca sempre as causas ; é um método comparativo, pois confronta os fenômenos e seus efeitos ; é um método histórico, já que concebe e compara determinado tipo de fenômenos contemporâneos com fenômenos similares de épocas passadas; é um método analítico, porque trata de desintegrar os fenômenos examinados em seus elementos e forças correspondentes ; é um método sintético porque procura conceber a relação que existe entre os distintos elementos que compõem os fenômenos .

Este método se vale tanto da indução como da dedução, da interpolarização e da extrapolarização; o método dialético é implícito no aspecto estrutural, já que analisa a estrutura dos sistemas examinados . Apesar destas qualidades todas, os argumentos extracientíficos tendem constantemente a empreender uma luta contra o método dialético somente porque este se apoia na premissa teórico-cognoscitiva de que a força motriz do desenvolvimento está constituída pela luta constante das contradições, o que na prática social é sinônimo de "*luta de classes*". O método dialético permite esclarecer o fato de que toda tendência origina antitendências, de que todo processo é um jogo de forças e uma expressão dos predomínios transitórios, o que na prática social implica que o capitalismo é um fenómeno transitório e, mais ainda, que pode ser derrotado por meio de uma força . E o marxismo tem se convertido numa poderosa força revolucionária, já que explica de maneira científica o papel do proletariado". (ZURAWICKI, 1972:136/7).

O método dialético permitiu descobrir as contradições internas das formações estruturadas na propriedade privada dos meios de produção . Tendo em vista que o pensamento marxista nasceu de uma análise aprofundada da atividade prática do homem, vem a ser uma contribuição sólida ao conhecimento dos processos sociais .

Há que se colocar ainda que o crescente grau de domínio sobre as forças da natureza modifica a divisão do trabalho, dá origem a uma nova estratificação e a novas contradições no campo das relações interhumanas e sobretudo nas relações econômicas . Um outro fato a ser destacado é o papel que vem sendo exercido pelo Estado, na vida econômica , na intensificação dos processos e urbanização, na formação da "*sociedade industrial*", com consequências danosas para aqueles que não detêm o poder, nem possuem os meios adequados para se contrapor às injustiças .

Nesta situação se encontram os pequenos produtores de

rami, os quais se constituem em atores da situação vivida dentro das contradições inerentes ao sistema capitalista de produção .

As contradições referenciadas podem ser exemplificadas mediante as análises referentes à pequena produção familiar que são nitidamente subjugadas pelo capital . STINCHCOMBE (1979:49) na tentativa de localizar a gênese deste fato apontou os seguintes elementos : "(...) a pequena produção familiar deve ter, como origem histórica mais frequente= o sistema de arrendamento familiar, resultando de reformas agrárias ou revoluções . Porém, eles também podem surgir através da colonização promovida por governos, nos quais os grandes proprietários não detêm as rédeas do poder político, como por exemplo, nos EUA e Noruega . Uma outra causa do surgimento deste tipo de sistema são as forças de mercado num estágio= avançado de industrialização . Existe alguma evidência de que as propriedades maiores ou menores do que as requeridas para o trabalho de duas pessoas adultas tendem a desaparecer nos Estados industriais da Europa = Ocidental".

Talvez o melhor caminho para iniciar a análise deste = sistema seja o de constatar que virtualmente todos os custos de produção= são fixos . O trabalho neste sistema é de certo modo "*gratuito*" : quer trabalhem ou não, os membros da família devem ser sustentados , logo, não há razão para deixar de trabalhar . Do mesmo modo, não há pagamento de aluguel da terra, e não há, portanto, qualquer razão para o proprietário= deixá-la sem cultivo. Esta predominância de custos fixos significa que a produção agrícola não diminui com a queda dos preços, como acontece na maioria das empresas urbanas, onde o trabalho constitui um custo variável.

Segundo GUIMARÃES (1979:246), há um fortalecimento do caráter familiar da agricultura capitalista, ocorrente na maioria dos paí= ses , tanto nos desenvolvidos , como nos menos desenvolvidos .

A industrialização crescente da agricultura, em todo o

mundo, faria supor um crescimento maior do trabalho assalariado do que do trabalho familiar, à medida em que iam sendo abandonadas as relações de trabalho pré-capitalistas, herdadas sobretudo do feudalismo, tais como as formas mais atrasadas de "parceria" e iam sendo substituídas pelas relações de trabalho capitalistas ou semicapitalistas. Mas não é isso o que se está verificando, em termos predominantes, em vários países, inclusive no Brasil.

De fato, a acentuação do caráter familiar da agricultura brasileira é revelada pela crescente importância do trabalho não remunerado dos membros da família, desde o ano de 1940, quando começaram os censos agrícolas a registrar as mutações da composição do emprego na agricultura. De cerca de uma terça parte dos efetivos, os familiares não remunerados vão aumentando sua participação até chegarem a mais da metade, em 1970:

- 1940 - 3.800.000 pessoas, num total de 11.343.000.
- 1970 - 9.100.000 pessoas, num total de 17.500.000.

Os números acima possibilitam formular a hipótese de que estaria havendo o acamponesamento da agricultura brasileira, isto é, a transformação dos estabelecimentos agropecuários, na sua grande maioria, em unidades produtivas semelhantes ao sistema de organização camponesa, baseadas preponderantemente no trabalho dos membros da família, os quais declararam, ao serem recenseados, não perceber nenhuma remuneração em dinheiro ou em produtos.

Ainda segundo GUIMARÃES, nas condições brasileiras, o sistema camponês de trabalho - que de acordo com os critérios por ele adotado, estaria genericamente caracterizado pelas unidades de produção em que o trabalho dos membros da família do responsável pela exploração predomina sobre o trabalho dos assalariados e semi-assalariados -, abrange = uma larga faixa de estabelecimentos agropecuários que inclui desde os me-

nores de 01 ha até os menores de 100 ha. Esses estabelecimentos, no censo de 1970, representavam 90,5% do total de estabelecimentos e 23,5% da área total .

GUIMARÃES (1979:265) , coloca em discussão o comportamento , quanto à absorção da mão-de-obra em grandes e pequenas propriedades ; os latifúndios , via de regra absorvem pouca mão-de-obra, dedicando-se a atividades poupadoras de mão-de-obra, ou introduzindo o progresso técnico; no outro extremo, no setor minifundiário, é flagrante a superabundância de mão-de-obra. Ao pessoal excedente, que precisa de rendimentos suplementares para garantir a subsistência da família e que não pode dedicar mais que uma pequena parte do seu tempo ao cultivo de sua diminuta exploração familiar, só lhe resta incorporar-se ao contingente de reserva do trabalho e aguardar a oportunidade de um emprego instável, estacional ou nômade, oferecida pelos agricultores de maiores recursos .

Conclui disto tudo, que no crescimento agrícola, diferentemente do que ocorre no crescimento industrial ou comercial, a tendência à centralização não se faz sempre à custa da eliminação absoluta ou quase absoluta dos pequenos estabelecimentos . Ao contrário, na agricultura, os movimentos de centralização e de fragmentação da propriedade são alternativos ou simultâneos, de vez que, se por um lado as terras se concentram em mãos de reduzido número de proprietários de estabelecimentos de grande extensão, por outro lado multiplica-se constantemente o número de explorações de tamanho extremamente reduzido, nas quais se agrupa a massa cada vez mais numerosa do campesinato . Nesse processo dúplice, tanto a centralização quanto a fragmentação surgem e se identificam como movimentos geradores de excedentes de mão-de-obra, o primeiro por efeito do progresso técnico ou substituição de atividades menos extensivas por outras mais intensivas; o segundo , pela extremada redução da área média das propriedades fragmentadas ou pelo empobrecimento geral e

crescente das pequenas explorações .

RANGEL (1979:183) , referindo-se à pequena produção , diz que a crise agrária , caracteriza-se pela desagregação da produção de autoconsumo estruturada à base e em torno da pequena produção mercantil = de bens agrícolas . Com efeito, o mesmo domínio da parcela familiar, que servia de base para a produção mercantil de bens agrícolas, prestava-se = como suporte da produção de autoconsumo, tanto agrícola, como não agrícola. Perdido nesse domínio, o trabalhador pode, por exemplo, engajar-se = como assalariado agrícola, na fazenda capitalista e, nas novas condições, sua produção agrícola por pessoa pode multiplicar-se várias vezes, mas a produção de autoconsumo ficará irremediavelmente comprometida, a menos que lhe seja assegurado *"novo e adequado suporte físico"* .

A produção familiar de autoconsumo é, por certo impraticável sem uma fonte de renda monetária que tome o lugar da pequena agricultura mercantil, deslocada pela grande produção capitalista . Entretanto, essa renda monetária pode ter origem não agrícola, a exemplo do salário auferido pela família, em troca de parte do seu tempo total de trabalho, em atividades não agrícolas, ou , com mais razão, em atividades = agrícolas temporárias, especialmente nas explorações monoculturais. Noutros termos, ainda segundo RANGEL, "nada obriga a tentar a recomposição = da pequena exploração agrícola familiar, desde que , de algum modo seja = facultada a reconstituição da autarcia familiar nucleada por uma renda monetária assente em base física adequada".

Segundo GRAZIANO DA SILVA (1982:75), a organização do trabalho nessas pequenas unidades se assenta basicamente sobre a família, incluindo o próprio proprietário e seus dependentes que aí prestam serviços sem remuneração . Segundo os dados do INCRA, a nível de Brasil, a participação da família na composição da força de trabalho permanente dessas pequenas propriedades é superior a 80% .

Ainda conforme o INCRA, os imóveis classificados como minifúndios representavam 72% das propriedades cadastradas em 1972, mas ocupavam apenas 12% da área . Mesmo assim, eram responsáveis por cerca = de 50% da área colhida no Brasil com produtos básicos de alimentação (arroz, feijão, fava, mandioca e milho) , bem como, por estranho que possa = parecer, por mais de 30% da área colhida com produtos de transformação = industrial (destacando-se o algodão, o amendoim, o cacau, o café, o chá, o fumo e a mamona) . Ou seja, os pequenos proprietários minifundistas = não têm apenas importância na produção de alimentos básicos, considera = dos "*culturas de pobre*", mas também nas matérias-primas industriais de origem agrícola, tidas como "*culturas de rico*". E aí não necessariamente empregam uma "*tecnologia atrasada*", como dizem certos técnicos governamentais, que querem estabelecer uma relação de causalidade dessa variável com a situação de miséria dos pequenos produtores rurais .

Conclui GRAZIANO DA SILVA, que é na pressão do grande proprietário vizinho, do comerciante, e do usurário, na presença de grandes capitais controlando a venda de insumos e a compra de seus produtos, que se deve buscar a razão última da miséria desses pequenos produtores = minifundistas .

Deve-se ainda lembrar que boa parte da área explorada das grandes propriedades está nas mãos de parceiros e pequenos arrendatários aí instalados, cuja produção poderia ser somada à parcela produzida nas pequenas propriedades . Isto se justifica pelo fato de que a produção dos parceiros e arrendatários não capitalistas é realizada em pequenas áreas e nos moldes de produção dos menores proprietários, ou seja, através do uso intensivo do trabalho da família, face à impossibilidade de elevar a sua produtividade . Assim sendo, o papel da grande propriedade na produção agropecuária tem uma valorização excessiva .

Visualiza-se, dessa maneira, que a maior parte da pro

dução agrícola origina-se de um número elevado de pequenas propriedades .
Esse fato poderia ter duas origens totalmente distintas :

- aquela reduzida fração de área representa um setor = altamente capitalizado, produtivo e lucrativo, que sozinho tem a capacidade de prover mais da metade da produção agrícola ;
- ou abriga-se aí um sem-número de pequenos produtores pauperizados, explorando ao máximo a sua própria força de trabalho e a da família, a fim de poder sobreviver e assim permitir a reprodução e a ampliação de outros setores, que se tornam lucrativos, à medida = que se apropriam direta ou indiretamente do trabalho excedente desses pequenos produtores .

...

2. A DOMINAÇÃO DO CAPITAL INDUSTRIAL NO CAMPO

2.1. O papel da agroindústria nas modificações das relações de trabalho no campo

A subordinação do produtor rural ao capital agroindustrial foi objeto de estudo de inúmeros pesquisadores, os quais mediante a constatação empírica trouxeram subsídios significativos para o encaminhamento da discussão .

Segundo GRAZIANO NETO (1977:113) , que analisou a agroindústria do tomate paulista, "percebeu-se claramente que o capital industrial vai tornando-se dominante na agricultura à medida em que o sistema capitalista se desenvolve" . Dois momentos são percebidos pelo autor : num primeiro momento dessa investida, o capital industrial destrói as bases da indústria doméstica rural ao mesmo tempo que leva à ruína os pequenos capitais aplicados ao mesmo ramo de produção em que se desenvolve o grande capital. O segundo momento refere-se à fase posterior à consolidação das bases sobre as quais dar-se-á a acumulação de capital no determinado ramo de produção, em que o capital dominante parte para a subordinação das suas fontes de matéria-prima, para a expropriação dos produtores rurais .

Há que se notar ainda que a industrialização da agri-

cultura, segundo GRAZIANO DA SILVA (1981:44), "representa a subordinação da Natureza ao capital, quando então se liberta o processo de produção = gradativamente das condições naturais dadas, passando-se a fabricá-las = sempre que se fizerem necessárias . Assim, se faltar chuva, irriga-se ; se não houver solos suficientemente férteis, aduba-se ; se ocorrerem pragas e doenças, responde-se com defensivos químicos ou biológicos, e se houver ameaças de inundação, estarão previstas formas de drenagem. A produção agropecuária deixa, assim, de ser uma esperança ao sabor das forças da Natureza para se converter numa certeza sob o comando do capital!"

Nessas circunstâncias não se mostra relevante o fato= de que se dá uma redução do nível de rendimentos auferidos pelo produtor rural porque este se vê pressionado por dois fatos contraditórios, chama= do por GUIMARÃES (1979:15), de "*tesoura de preços*" : de um lado compra= insumos agrícolas num mercado oligopolista e de outro, porque vende seus produtos em mercados monopsônicos (ou às vezes, oligopsônicos), como se verifica comumente nas agroindústrias . Observa-se que há uma redução = dupla do seu nível de rendimentos : pelo crescimento à montante dos preços dos insumos e pela redução à jusante dos preços dos produtos ofereci= dos. Não fica porém, somente aí a redução dos rendimentos dos produto= res . GRAZIANO DA SILVA (1981:44), acrescenta ainda "os preços políti= cos administrados pelo Governo, que procura evitar o crescimento dos preços dos produtos agrícolas a fim de conter os custos da produção indus= trial, o custo de vida e os salários da população urbana".

Para BESKOW (1980:118) , " a agricultura passa a ser um ramo da indústria, estando as esferas agrícola e industrial submetidos ao mesmo capital, ocorrendo o processo de acumulação de capital em ambos= os setores pela extração do sobretrabalho produzido pela força de traba= lho assalariado e apropriado pela fração agrícola do bloco de capital = agroindustrial, sob a forma de lucro médio e renda fundiária capitalista".

O aumento da importância da agricultura no campo de aplicação do capital urbano-industrial, iniciou um processo de subordinação da agricultura ao capital, que se manifestou na modificação das relações técnicas de produção (com a intensificação da utilização de maquinários, implementos agrícolas e insumos de origem industrial), e no aprofundamento das relações de produção capitalistas no campo, mediante a importância cada vez maior do trabalho assalariado temporário.

Ainda segundo BESKOW (1980:114), a crescente inserção do capital no campo, pode ser vista a partir dos seguintes aspectos :

- a) expansão do capital produtivo na agricultura e crecente controle de produção, beneficiamento e comercialização interna e externa dos produtos agrícolas pelo capital industrial, expansão do capital produtivo na agricultura, via arrendatário e proprietário fundiário ;
- b) tendência à especialização da pequena produção baseada na policultura alimentar, intensificando a dependência aos mercados de produtos, insumos e força de trabalho assalariado ;
- c) aumento da lucratividade da produção agrícola em vista do grande aumento das necessidades de alimentos para a reprodução da força de trabalho urbana e rural e de matérias-primas para as indústrias processadoras de produtos agrícolas, requeridas pelo processo de industrialização-urbanização da sociedade brasileira ;
- d) aumento da lucratividade da produção agrícola destinada ao mercado externo, *in natura* ou beneficiada ,

em vista dos inúmeros incentivos dados pelas políticas agrícolas .

Dentre os aspectos arrolados por BESKOW, a modalidade = de dominação que foi privilegiada no presente trabalho, refere-se às relações de trabalho que são disseminadas no momento em que, ao invés da empresa industrial plantar a sua própria matéria-prima, dá-se um processo = de subordinação da pequena produção às exigências do capital industrial , o qual tem em contrapartida uma sensível redução nos seus custos de produção industrial .

Note-se que esta problemática era visualizada por KAUTSKY (1968:289) , que já em 1898, deplorava o papel exercido pela indústria , considerando-a como a subjugadora da agricultura, direcionando inclusive a lei da evolução agrícola . Para ele, "o camponês deixa de ser, pois, o senhor na sua exploração agrícola . Esta se torna um apêndice de exploração industrial, por cujas conveniências deve orientar-se . Ele se torna um operário parcial de fábrica . Frequentemente, também, cai sob a dependência técnica da exploração industrial (...) . Paralelamente, a esta subordinação técnica se verifica ainda uma subordinação puramente econômica do camponês em relação à cooperativa . Esta não fornece apenas os recursos para aperfeiçoamento da exploração agrícola e para a cobertura = dos seus débitos possíveis . Ela se torna também, na medida em que a exploração se adapta às suas exigências, o comprador único das mercadorias produzidas pelo camponês(...)" .

Mais recentemente, no trabalho denominado "As relações= de produção na agropecuária brasileira e a mobilidade do trabalhador rural", realizado pelo Departamento de Economia Rural da Faculdade de Ciências Agrárias/UNESP, Botucatu (1979:285), constatou-se que "são as condições que cercam a instabilidade dessas pequenas produções que explicam a mobilidade de parte de seus membros para integrar os contingentes de assau

lariados. É no interior do processo de produção da pequena propriedade e de suas relações com o sistema econômico que se desvenda a sua instabilidade. As formas específicas que assume a instabilidade resultam da atuação de um complexo de condições direcionadas à produção. O fato de tornar-se progressivamente cada vez mais necessário a padronização das condições e procedimentos na produção, seja no nível da qualidade do produto, sementes, etc., seja no nível das transformações e desequilíbrios ecológicos provocados pelas forças que a grande produção introduz com a utilização desenfreada de fertilizantes e defensivos químicos, impulsiona e torna necessário para a pequena agricultura o ingresso na agricultura de insumos. A instabilidade aparece ao nível da consciência desses pequenos produtores como resultantes da "força do dinheiro", ou como "na base da roça não dá". Expressam dessa forma as dificuldades para prosseguir a produção que conhecem e praticam há longos anos. Expressam a impossibilidade de manter a terra enquanto meio de trabalho, de cultivá-la em sua qualidade de produtores diretos de mercadorias, apontam para a dominação e a subordinação de sua produção à força do capital".

Portanto, dessa forma, a instabilidade da pequena produção através do processo de subordinação direta do capital, significa a sua manutenção e recriação em bases piores. Leva à redução da qualidade de vida dos pequenos produtores. É essa pauperização que acompanha a implantação do modelo econômico de modernização da agricultura, cujos determinantes centrais são a presença do capital no interior do processo produtivo agrícola e a transformação da terra em mercadorias de alto valor.

Note-se inclusive que esta situação é agravada pela ação do Estado, através de sua política modernizante, via incentivos fiscais, subsídios à mecanização, legislação de trabalho que permite a mais ampla exploração da força de trabalho pelo capital, quer excluindo vastos setores dos trabalhadores de quaisquer seguranças e benefícios sociais, quer,

no caso oposto, criando uma estrutura sindical inadequada à expressão dos seus interesses . É também dessa forma que a atuação do Estado permitiu e estimulou a especulação com terras, elevando o seu preço e fazendo com = que seja mais rápida a expulsão dos trabalhadores".(STEIN et alii, 1977 : 259) .

STEIN et alii (1977: 282), retomam as análises quanto = aos pequenos produtores, ressaltando as formas de dominação e de explora- ção pelo capital, verificando-se duas que se sobressaem :

- a mais importante delas é a exercida pelo capital co- mercial que, aproveitando a dispersão e o tamanho re- duzido das produções de pequenas propriedades, im- põe-lhe as condições de comercialização, reduzindo o preço de compra . Ainda mais, submete também os peque- nos produtores, ao financiar-lhes a produção, exploran- do-os pela cobrança de juros exorbitantes e espoliati- vos .
- um segundo tipo de exploração é o realizado pelo prô- prio capital industrial, quando localizado nos setores processadores de matérias-primas agrícolas . Os casos= mais evidentes se encontram na cultura de frutas, algo- ão, tomate, mamona, fumo, etc. Aí o capital indus- trial assegura a expropriação do excedente dessa pe- quena produção através de práticas monopsônicas ou às vezes , utiliza-se de mecanismos próprios à subordina- ção indireta(**) exercida pelo capital comercial, quan-

(**) a subordinação indireta do trabalho ao capital ocorre quando o pro- dutor direto dispõe de todas as condições de realização do seu trabalho, sendo ,portanto, um trabalhador-proprietário. A exploração pelo capital= passa a ser a nível de circulação ou no financiamento da produção se, to- davia , transformá-lo em trabalhador assalariado. Difere da subordinação

do não combina as duas formas . Mais comum é a empresa industrial estimular a produção de mercadorias que lhe interessa, elevando os preços de compra acima dos vigentes no mercado . Garante que muitos produtores dediquem-se àquela determinada cultura, abre créditos facilitados, cede sementes selecionadas, subsidia a compra de equipamentos especiais, defensivos, etc . Quando tem uma produção em quantidade garantida, abaixa bruscamente os preços de compra, em geral alegando a superprodução e, com isto, atrela, definitivamente, esses pequenos produtores aos seus interesses . Desta maneira, tem abastecimento garantido com preços muito abaixo dos de mercado, sem investimentos e sem pagar salários. Com isto, os pequenos produtores que detêm apenas a propriedade formal e ilusória da terra, tem seu nível de vida consideravelmente rebaixado na tentativa de recuperar a sua independência , o que acaba por levá-los à miséria".

Sob uma outra ótica, a subordinação se dá através do fornecimento de insumos e assistência técnica, gerando a dependência financeira do pequeno produtor rural e forçando a adoção de um padrão técnico-agrícola compatível ao processo produtivo industrial e fornecendo o produto para um mercado único da matéria-prima agrícola . A tecnificação , segundo GRAZIANO DA SILVA (1982:130) , ocorre na maioria das vezes por imposição do grande capitalista comprador, que exige uma padronização da produção ; ou por necessidades inerentes ao próprio tipo de cultivo, pois

formal, anteriormente discutida, na medida em que, nesta, o produtor direto já é, pelo menos parcialmente, expropriado dos meios de produção e o capital se imiscui na produção. (STEIN et alii, 1977:282)

a maioria das culturas que os pequenos produtores são pressionados a plantar (tomate, uva, fumo, hortifrutigranjeiros, etc.), são altamente produtivas quando acompanhadas de um verdadeiro *pacote tecnológico*, o qual, por sua vez, é uma imposição do grande capital industrial, que produz os chamados *insumos modernos*. Observe-se que a empresa agroindustrial interessa a especialização do pequeno produtor na produção de determinada matéria-prima, sem que se desestime o cultivo de subsistência. Esta perspectiva parece à primeira vista extremamente paternalista, porém, na verdade, ocorre a reprodução da força de trabalho familiar, através do cultivo de subsistência, e em consequência, a indústria pode pagar preços mais baixos ao produtor.

Segundo PEROSA JÚNIOR (1977:101), cabe ver nestas circunstâncias, o papel desempenhado pela indústria na agricultura. Já não se trata apenas de um papel de agente modificador do processo produtivo, através da venda de insumos e compra da produção. Consiste muito mais numa tendência ao comando direto do setor agrícola pelo capital industrial, onde a venda de insumos à agricultura e a compra de sua produção constituem parte de sua presença. A outra parte é representada pela condição adquirida da indústria de organizar a produção agrícola, ditando as regras que vão desde a escolha das culturas até a escala necessária de produção para o seu abastecimento.

Lembre-se que esta forma de organização da produção é muito encontrada nos minifúndios, em que prevalece a mão-de-obra familiar, que produz matéria-prima para as agroindústrias (de fumo, vinho, conservas, frios, têxteis). Segundo SORJ et alii (1982:41), em geral, quando se faz o contrato de integração, há o relacionamento e dependência direta entre produção agropecuária e empresa integradora, que pode ser formulada explicitamente através de contratos escritos, cadastros ou oralmente. O conteúdo desses *contratos ou pactos*, formulados juridi

camente ou não, diz respeito substancialmente à exclusividade na aquisição dos insumos por parte do produtor rural, ao padrão tecnológico e manejo a ser posto em prática sob orientação e assistência técnica da empresa, e, fundamentalmente, à exclusividade e garantia da produção agropecuária por parte da empresa integradora.

GRAZIANO DA SILVA (1979:65), vai mais adiante e especifica o caso do tomate, como se denota da afirmação: "muitas vezes, as agroindústrias estabelecem contratos diretamente com os pequenos produtores, como é o caso do tomate, do fumo e de outras atividades de alto risco e que são bastante exigentes em termos de mão-de-obra nos tratamentos culturais. Em outros ainda, o pequeno produtor se vê preso em sistemas de comercialização que foram teoricamente criados para favorecê-lo e se converteram numa fórmula mais eficiente de espoliá-los, como é o caso das CEASAs (que acabaram fortalecendo os grandes intermediários) e das cooperativas (que acabaram representando apenas interesses próprios ou de uma minoria de grandes cooperados)".

Retomando a problemática industrialização/agricultura / mão-de-obra, um dos pontos levantados anteriormente referia-se à importância cada vez maior do trabalhador assalariado temporário, contrapondo-se à existência de uma mão-de-obra familiar. Autores como GUIMARÃES (1979:246), afirmam que a industrialização crescente da agricultura, em todo o mundo, faria supor um crescimento maior do trabalho assalariado do que o do trabalho familiar. Não é na verdade o que aconteceu porque, estando a população agrícola em mais rápido declínio do que o número de explorações agrícolas, daí, resulta uma diminuição do número de explorantes e do número de trabalhadores familiares.

Em termos brasileiros, há uma acentuação do caráter familiar da agricultura, conforme se observa no quadro a seguir:

A N O	número de pessoas				
	TOTAL	familiares(1)	empregados	% sobre famíl.	% tot. empreg.
1940	11.343.415	3.810.545	5.628.281	33,6	49,6
1950	10.996.834	3.957.391	3.729.244	36,0	33,9
1960	15.633.985	6.510.958	4.412.674	41,7	28,2
1970	17.582.089	9.182.171	2.643.708	52,2	15,0

Fonte : Censos Agrícolas - IBGE

(1) estimativa obtida excluindo-se um responsável por estabelecimento .

in "A crise agrária", de Alberto Passos Guimarães (1979:250)

Portanto, para GUIMARÃES, estaria havendo o acamponesamento da agricultura brasileira,utilizando uma larga faixa de estabelecimentos agropecuários que inclui desde os menores de um hectare até os menores de cem hectares .

GORENDER (1979:55) apresenta uma visão pessimista, pois segundo ele, pesquisas empíricas recentes vêm demonstrando a extraordinária vitalidade do desenvolvimento da agricultura brasileira por via da pequena exploração familiar, que, em última análise, garante a maior parte do abastecimento alimentar das populações urbanas . E, essa modalidade de exploração familiar, quando embricada ao capital industrial recria formas de trabalho a domicílio, características da fase mais inicial do capitalismo na Europa . Os camponeses são providos de financiamentos, de matérias-primas e ajuda técnica, mas produzem o que interessa ao capital industrial que se manterá enquanto for vantajoso para este, porém poderá ser substituída adiante pelo puro e simples assalariamento .

O que importa é que, apesar disso, a pequena exploração

familiar, submetida à crescente pressão demográfica, explorando terras = disponíveis próprias ou arrendadas, resiste e prolifera, conforme se constata à vista dos dados dos Censos Agrícolas . O que ocorre é que isso se dá porque o camponês - segundo GORENDER -, "abre mão da renda da terra e do excedente que equivaleria ao seu lucro, porque se contenta = com o que equivale a um salário. Um salário que, muitas vezes, permite a estrita sobrevivência a nível baixíssimo, reconhecidamente subhumano".

Um ponto ainda a ser analisado refere-se à dependência = de nossa indústria, e de toda a economia nacional do Capitalismo Oligopo = lista Internacional, acarretando em consequência uma política de preços = voltada para interesses estranhos a nossa própria economia .

Para SORJ et alii (1982:10) , "o processo de internacio = nalização da agricultura brasileira pode ser enfocado de vários pontos = de vista (transferência de tecnologia, reorganização da divisão mundial = do trabalho, estratégias empresariais, etc.)" . São importantes, portan = to, na análise desta problemática, reflexões sobre os efeitos da presen = ça da agroindústria na reorganização da produção , nas formas de repre = sentação política e nas relações sociais no campo .

Veja-se por exemplo OLIVEIRA (1982:48), quando se refe = re ao algodão, quando o "capital internacional, sob a égide das *três ir = mãs*, SANBRA, CLAYTON e MACHINE COTTON, realiza , internacionalmente, sob seu controle, o valor dessa mercadoria . E cria, aproveitando a estru = tu = ra de reprodução do latifúndio-minifúndio, um intermediário que vai de = sempenhar a tarefa de re coletar, das milhares de pequenas plantações de = algodão, os resultados da colheita : os fazendeiros, principalmente os grandes, convertem-se nesse intermediário comercial, que faz à vezes tam = bém de intermediário financeiro, por conta própria ou com recursos das = *três irmãs* , para financiar as entre-safras ou o período morto que media entre uma e outra colheita . Elas se desempenham com os mecanismos das

três irmãs nessa operação : compra na *folha*, isto é, fixa de antemão o preço que irá pagar ao meeiro pelo algodão que ele colherá, independentemente das variações *para baixo* ; se as *três irmãs* fixarem um preço mais baixo, ele descontará do meeiro a diferença entre o valor ou o preço ajustado na *folha* e o preço que será efetivamente pago por ocasião da colheita . Aduzirá a esse mecanismo, também uma de invenção própria : financiará em espécie, as poucas mercadorias que o próprio meeiro não produz : o parcosal, o querosene que alumiará a miséria, a roupa e o calçado dominical . Descontará na colheita, cobrando preços exorbitantes, esse fornecimento = em espécie : no fim, restará ao meeiro tão-somente sua própria força de trabalho e a de sua família, com a qual recomeçará o círculo infernal de sua submissão".

BESKOW (1980:122) , também opina sobre o assunto, afirmando que "a ênfase na promoção das exportações agrícolas e na produção = de matérias-primas para as indústrias é um aspecto de uma política mais ampla de internacionalização da economia". Segundo o autor, esta orientação aprofunda um padrão de industrialização que agrava a dependência às importações, aos investimentos diretos dos oligopólios estrangeiros e aos empréstimos do sistema financeiro internacional, privilegiando os setores agrícolas mais favorecidos em terras e capitais - agroindústria produtora de cana-de-açúcar , cafeicultura, cacauicultura, agroindústria apoiada na produção de frutas e da soja . Da mesma forma, o trigo, que se constitui numa produção para substituição de importações é produzido pelos empreendedores rurais mais favorecidos em terras e capitais .

À guisa de conclusão, é coerente a afirmação de SORJ et alii (1982:09), quando observa que "o processo de internacionalização do capital no setor agrícola significa, fundamentalmente, a interiorização = dos processos produtivos desenvolvidos nos países capitalistas avançados, veiculados pelas grandes empresas multinacionais ligadas ao setor agroin-

dustrial. Esse processo independe do controle direto da terra pelas multinacionais ou pelo capital agroindustrial em geral".

Portanto, ao nível das relações de mercado, onde pelo menos parte do excedente agrícola é transferido para o pólo industrial, e pelo fato deste constituir-se como um oligopsônio, enquanto a produção agrícola é pulverizada, a indústria impõe a sua razão sobre a agricultura. GRAZIANO NETO (1977:02), que enfocou o caso da cultura do tomate industrial, considera que "as possibilidades de usurpação efetuada sobre os produtores encontram um limite no ponto em que os mesmos desistam da produção agrícola, pois a indústria ficaria tolhida do fornecimento da matéria-prima, já que não a produz". Enfim, a organização agrária - agricultura e pecuária - , por ser um suporte de acumulação global do sistema econômico, deixa de ter uma dinâmica própria, sendo, até certo ponto, manipulada de acordo com as necessidades de reprodução do capital no setor industrial da economia.

...

2.2. Culturas industriais de algumas regiões brasileiras e o papel do capital industrial.

Procurar-se-á delinear, rapidamente, num primeiro instante a formação da agricultura brasileira, para em seguida focar algumas culturas industriais brasileiras e o impacto (positivo ou negativo) da sua inserção no contexto agrário, via subordinação do produtor ao capital urbano-industrial.

SORJ (1980:11), fazendo um retrospecto da formação da

agricultura brasileira contemporânea, diz ser possível "distinguir dois cortes fundamentais nas condições sociais e mecanismos de geração e apropriação de excedentes agrícolas, e do lugar destes no processo de acumulação de capital". Note-se em ambas as fases (1920 e 1960) , a particular constelação de relações de forças entre as classes e as formas = de estruturação e atuação do Estado, que serão decisivas para a determinação desses processos .

O primeiro corte pode ser localizado em fins da década de 1920, quando parte importante da produção agrícola passa a se orientar para o mercado interno, no começo como simples expressão da crise do setor exportador e logo depois como expressão da expansão e demanda do setor urbano-industrial. Ao nível da produção agrícola, esse processo = determinará uma crescente monetarização , mercantilização e especialização da pequena produção e do latifúndio tradicional orientados para o mercado interno, aumentando a oferta de excedentes, fundamentalmente = através da expansão horizontal, isto é, do aumento das áreas cultivadas= e sem maiores modificações - na maioria dos casos - , nos instrumentos = de produção utilizados .

O segundo corte, afirma-se , nos meados da década de 1960, e caracteriza-se por uma redefinição das relações entre a agricultura e a indústria, a partir do desenvolvimento do complexo agroindustrial . A agricultura passa a se reestruturar a partir de sua inclusão imediata no circuito de produção industrial, seja como consumidora de insumos e maquinarias, seja como produtora de matéria-prima para a sua transformação industrial . Embora se mantenha a transferência de excedentes do setor agrícola, essa transferência é realizada principalmente pela ação do complexo agroindustrial, que passa a comandar os processos de produção na agricultura .

Ainda segundo SORJ (1980:12), o complexo agroindustrial

se transforma , num dos elementos centrais, no processo de acumulação de capital na medida em que permite :

- a) a expansão da produção agrícola , tanto para o mercado interno quanto para o externo, que incrementa a massa de sobretrabalho gerada na agricultura ;
- b) gerar um novo campo de valorização do capital, de insumos e produtos industriais ligados à agricultura;
- c) o incremento de divisas necessárias para a expansão= do atual modelo econômico, além de economizã-las = através do suprimento das necessidades do mercado interno .

A agroindústria determina uma transformação qualitativa nas condições de geração e apropriação de sobretrabalho, seja do pequeno= produtor, seja do trabalhador assalariado . A agroindústria passa a comandar a produção, colocando-se como condição básica de geração de novos excedentes, transformando a agricultura no campo de realização de mais-valia gerada no setor de insumos e máquinas agrícolas e no fornecedor da matéria-prima para a indústria de transformação agroalimentar .

Assim sendo, no caso da produção agrícola, tanto para a exportação quanto para o atendimento do mercado interno, da pequena ou da grande propriedade, o crescimento da agricultura passa a depender da existência da indústria de insumos e maquinaria agrícola e dos processos de elaboração industrial, modificando dessa forma o lugar e importância das diferentes classes na produção agrícola . As formas tradicionais de exploração da força de trabalho rural dão lugar às novas formas de produção, onde a mais-valia relativa e a capacidade de capitalização da pequena produção se transformam no centro de reestruturação das relações de produção.

Portanto, o processo de penetração crescente do capital

na base do processo produtivo agrícola determina uma transformação e diferenciação constante das características dos diferentes tipos de empresas agrícolas . A maior parte dos latifúndios se transformam em modernas empresas capitalistas, diferenciando-se cada vez mais dos antigos latifúndios tradicionais assentados na exploração da renda do pequeno produtor . A pequena produção por sua vez ou é marginalizada ou se integra ao complexo agroindustrial, gerando uma camada de pequenos produtores capitalizados .

Note-se ainda que existem algumas determinações que caracterizam a *penetração do capital* na agricultura, mostrando os seguintes enfoques :

- a) há uma fração de capital ligado à modernização agrícola que determinará a existência de interesses industriais específicos, na orientação e na forma que assumirá esta modernização, isto é, a modernização não tem uma forma universal, dependendo dos padrões de acumulação que a viabilizam ;
- b) no nível de análise das relações sociais na agricultura, mostra-se a diversidade de situações das formas de produção no campo, que já não são somente em termos das relações sociais predominantes no interior da empresa, como também em relação ao tipo de integração com o capital industrial e comercial .

Segundo GRAZIANO NETO (1982:68), nota-se nos países do Terceiro Mundo, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, um sério agravante : boa parte do setor industrial é dominada por grupos econômicos estrangeiros, representantes de grandes conglomerados - as chamadas multinacionais . Evidentemente, esta situação agrava a dependência ao capital industrial, e por tabela, todo o país é dependente, tanto econômica como política

camente.

Na maioria dos casos, o comando político das atividades da agricultura no sentido das determinações do que, quanto e como produzir -, encontra-se fora do setor . São as empresas produtoras de tecnologia agrícola , tanto maquinários como insumos, juntamente com as empresas processadoras de matérias-primas e alimentos, que, em boa parte, determinam os rumos da modernização da agricultura brasileira .

Esta perda de autonomia da agricultura é mais flagrante nos chamados complexos agroindustriais , com as várias formas de integração produtiva cada vez mais comuns na agropecuária brasileira . Na produção de frangos de corte, de suínos, de fumo, de tomate, de uva, de laranja, entre outros, a integração com o setor industrial que processa o produto é cada vez mais intensa, havendo relacionamento bastante próximo entre os produtores rurais e as empresas transformadoras . E a regra geral é a existência , de um lado, de milhares de agricultores, e de outro, de uma ou duas grandes empresas .

Um exemplo gritante da perda de autonomia da agricultura é a produção de frangos para corte em Santa Catarina, onde a indústria que abate e comercializa a carne de frango determina , através de contratos, o tamanho do galinheiro e a raça a ser criada ; controla o preço da ração e da alimentação ; cuida dos tratamentos sanitários e, por fim, estipula o preço da carne que comprará . Portanto, à indústria não cabem a terra e o risco da produção . O agricultor, apesar de manter sua condição de proprietário dos meios de produção , é transformado, "num trabalhador da espécie nova dos quase-assalariados", segundo GUIMARÃES (1977), ou conforme AMIN (1977:29), baseado nos trabalhos de CHAYANOV, o camponês inserido na formação capitalista é reduzido à condição de "trabalhador a domicílio".

Esta é a realidade da agricultura modernizada do Brasil. O grau de integração dos complexos agroindustriais varia em cada caso, dan

do maior ou menor autonomia para os produtores rurais . No caso da laranja e, ainda , da soja, a dependência não é absoluta . Já no caso da agroindústria açucareira, o capital industrial é proprietário da maior parte das terras onde se produz a matéria-prima .

Em linhas gerais, os agricultores defrontam-se, de um lado, com um setor industrial que produz a tecnologia agrícola e força = sua demanda com preços controlados e, de outro lado, com um setor indus-trial que processa e/ou distribui a produção , impondo preços aos agri-cultores . Nestas condições de oligopólios na compra e na venda, confi-gurando o que GUIMARÃES (1979) denominou de *tesoura de preços*, ocorre = claramente uma transferência de renda do setor agrícola para o setor in-dustrial. E, se o setor industrial é dominado pelo capital internacional, a renda é transferida em grande parte para o exterior.

A situação subordinada da agricultura reflete-se na sua rentabilidade . Regra geral, a taxa de lucro das atividades agrícolas é mais baixa que a da indústria . Lembre-se que há a transferência de exce-dente econômico entre a agricultura e a indústria através do mecanismo de preços relativos, com conseqüente comprometimento da própria expansão ca-pitalista no campo .

Para *amarrar* as questões vistas até o momento, obser-ve-se que o capital industrial que controla o processo de modernização = de nossa agricultura prejudica a própria acumulação de capital na econo-mia, à medida que, pela imposição de tecnologia, e pelo controle de pre-ços, afeta a rentabilidade no setor agrícola . O Estado, através da polí-tica agrícola, ampara e garante o processo de acumulação, criando, ao mesmo tempo, melhores condições de demanda das máquinas e insumos, e , tornando artificialmente barato tais meios de produção, via crédito ru-ral subsidiado .

O processo de acumulação como um todo é contraditório , porque contraditório é o próprio capitalismo, mas não há dúvida de que , quem mais perde nas disputas são os que não são capitalistas, representados aqui, por assalariados, parceiros, arrendatários, pequenos proprietários .

Um outro aspecto de capital importância para a organização do espaço, vista por GRAZIANO NETO (1982:75), é a de que a modernização da agricultura brasileira , as culturas industriais, longe de melhorar as condições de vida da população rural, piorou-as, drasticamente, mostrando a falácia das teorias econômicas e sociológicas, que colocam a modernização da agricultura como forma de elevar a renda agrícola, e por consequência, elevar o padrão de vida da população rural .

Nas regiões de agricultura mais avançada do país, o que se vê é uma modificação na composição e no uso da mão-de-obra, sem significar uma melhoria das condições de vida . Nas regiões do Sudeste e do Sul, de *colono* passou-se ao *bóia-fria* ou trabalhador volante . Os salários rurais até se elevaram, mas é preciso considerar a diminuição do salário não monetário, representado pela possibilidade - hoje quase inexistente -, da garantia de parte das necessidades básicas de alimentação pelos trabalhadores, nas chamadas roças de subsistência. E, é preciso considerar , ainda, a perda da moradia e outras vantagens não pecuniárias = dos trabalhadores permanentes das antigas colônias .

O progresso técnico ocorrido na agricultura diminuiu a utilização de mão-de-obra em algumas fases do ciclo de produção , como o plantio e certos tratos culturais, mas em outras fases a utilização de = trabalho continua intensa , principalmente nas colheitas da cana-de-açúcar, do café, da laranja, e mesmo do algodão . Desta forma, a demanda = de mão-de-obra não é constante durante o ano, havendo certas épocas de pouca necessidade, ou seja, o trabalho é sazonal .

Um outro aspecto estudado por OLIVEIRA (1981:17) é que o processo de expansão do capitalismo monopolista no Brasil tem sido feito não só pela sujeição da agricultura à indústria, através da transformação desta em consumidora dos produtos industriais, mas também através do tributo que os rentistas cobram à agricultura (renda da terra). Em resumo, a agricultura brasileira está subordinada à indústria, de um lado, como consumidora potencial de produtos de origem industrial, mediada pelo Estado, e de outro, subordinada aos proprietários de terras que têm cobrado também o seu tributo para permitir a produção necessária.

Para OLIVEIRA (1981:29), a grande empresa, não subjugou ao mesmo tempo todos os setores da produção agropecuária. Mas, parte deles tem uma história de submissão igual a própria história do capitalismo industrial.

Veja-se o que ocorreu com a produção de origem vegetal, em que o monopólio praticado pelo capital industrial subordinando a produção à circulação é praticado na agricultura brasileira, há muito tempo. Talvez, os melhores exemplos sejam os do setor de produção de fibras têxteis e oleaginosas que, por se constituírem em matéria-prima industrial, por excelência (caso dos têxteis), estiveram historicamente sempre ligadas ao capital industrial ou, em algumas conjunturas, ligadas ao capital comercial.

Reportando-se ao trabalho de OLIVEIRA (1981:36), denominado "Agricultura e indústria no Brasil", o autor faz as seguintes colocações quando examina o setor têxtil e o das oleaginosas:

No setor têxtil, o algodão arbóreo, produzido sobretudo no Nordeste brasileiro, tem sua produção destinada basicamente aos intermediários (72%) e apenas 21% diretamente às indústrias. Já o algodão em caroço (herbáceo) tem 42,7% de sua produção destinada a intermediários, no caso da produção brasileira em geral, e 58,1% destinada à indús

tria, no caso do Estado de São Paulo. Mas , a que se deve essa participação , ainda elevada, de intermediários no controle dessa matéria-prima = industrial ? É óbvio que o capital comercial tem sabido subjugar principalmente os pequenos produtores regionais, entrando, posteriormente, na disputa com as grandes indústrias na busca do monopólio de matéria-prima (exportada ou consumida internamente) . A parcela entregue diretamente= à indústria é um indicador básico da sujeição dos produtores aos interesses e a lógica do capital industrial . Mas, ainda sobre a parcela entregue aos intermediários, cabe ressaltar que às vezes são verdadeiros = *testas de ferro*, pois são , na realidade, contratados do capital industrial que se colocam frente aos produtores como comerciantes autônomos . As transações são feitas com capital das indústrias do setor, particularmente as multinacionais (SANBRA, CLAYTON) que, dado o longo tempo que atuam no setor, exploraram, subjugaram a renda da terra, principalmente= do pequeno produtor . Não tendo mais *crédito de confiança* junto aos produtores, contratam então esses falsos comerciantes autônomos que têm atuado sobretudo no oeste paulista e norte do Paraná, aparecendo em cena, propondo preços melhores que os oferecidos pelas indústrias . Há ainda laços de amizade, pois são geralmente pessoas de origem rural, portanto , conhecendo o que compram, e conhecendo também o mundo de relações que compõem o universo do pequeno produtor .

Esse exemplo não se restringe apenas ao setor de fibras têxteis, mas praticamente a todo o setor de oleaginosas : amendoim, girasol, mamona, soja, sorgo. No caso das usinas de beneficiamento locais (de algodão), elas atuam apenas como agentes das citadas indústrias, adquirindo a produção, separando a pluma do caroço e vendendo os subprodutos à indústria têxtil e às fábricas de óleo . Nesse caso e em outros, está-se = diante de um processo de atuação do capital mercantil altamente vinculado com o capital industrial, restando como campo de luta entre ambos a disputa pela fatia de terra apropriada .

No caso das oleaginosas, segundo OLIVEIRA, a estrutura de sujeição se repete : 28,2% do amendoim , por exemplo, se destina à indústria, 64,8% para os intermediários (ou *falsos*), em termos de Brasil ; no caso da mamona, 6,6% se destinam às indústrias e 89,6% para os intermediários . Deve-se ressaltar aqui, uma das especificidades da produção de mamona, que, produzida em grande parte em estabelecimentos com menos de cinco hectares, e por posseiros (no oeste paulista) , têm-se constituído em presa fácil do pequeno e do médio comerciante . Entretanto, gradativamente, através de seus *testas de ferro*, as indústrias vão controlando toda a circulação da produção .

Entre as oleaginosas, a que tem ganho projeção nos últimos anos é a soja . Apresenta uma estrutura de destino peculiar, pois .. 34,2% é vendida aos intermediários (*falsos ou não*), 12,1% diretamente para as indústrias e 51,9% para as cooperativas , a nível de Brasil . Sabe-se que a soja representa hoje, o ramo mais importante do setor oleaginoso e se constitui no produto que mais cresceu nos últimos 15 anos, dando ao Brasil posição de destaque na produção mundial dessa leguminosa . Essa expansão está ligada a dois fatores : a entrada das multinacionais no ramo da produção de rações e na exportação do farelo, principalmente e a mudança do hábito alimentar urbano, substituindo-se as gorduras de origem animal para óleos vegetais . No entanto, ressalte-se que a expansão da cultura da soja tem que ser entendida sob relações de poder que comandam o modelo brasileiro, numa ação conjunta do capital privado, do capital internacional e estatal .

Ainda com relação à produção de soja, cabe observar que a entrada dos grandes produtores capitalistas na produção, tem apresentado fatos interessantes, pois nos últimos anos uma mobilização nacional dos produtores , conseguiu romper com o confisco cambial que o Estado impunha às importações. É óbvio que essa medida atendeu em parte aos produ-

tores , mas atendeu muito mais, às multinacionais que atuam no setor, e que tem garantido agora, o aumento da produção .

Verifica-se então, que em todos os casos, o que realmente ressalta é a ação das multinacionais, que começando por atuar na esfera da intermediação mercantil e financeira, chegam em seguida à esfera industrial, estabelecendo liames com a mediação do Estado, garantindo em conjunto a apropriação do excedente agrícola .

Um outro caso de subordinação ao capital é o do vinho, cuja uva é produzida predominantemente em propriedades abaixo de 50 hectares . SANTOS (1978:173) , estudando a desarticulação da indústria doméstica, e assumido o controle por multinacionais, como a Dreher (USA), Vinícola Aurora (USA), Martini & Rossi (Itália), coloca da seguinte forma esta nova condição :

"(...) as situações expostas (...) permitem caracterizar o processo de trabalho camponês como uma modalidade de subordinação formal do trabalho ao capital . Isto porque, de uma parte, o capital subordina o processo de trabalho reproduzindo sua singularidade : o camponês permanece proprietário das suas condições de produção ; mantém-se a utilização da força de trabalho familiar e a maior participação da atividade viva do trabalho relativamente aos meios de produção ; continua a produção direta dos meios de vida . Por fim, a extração do sobretrabalho camponês pelo capital é mediada por uma relação monetária, de um possuidor de mercadoria a outro possuidor de mercadoria . Ao mesmo tempo o capital impõe suas determinações ao processo de trabalho camponês : converte a terra em equivalente de mercadoria ; efetua controles parciais do processo = produtivo; estabelece a produção de valor de troca e a extensão da jornada de trabalho ; possibilita, pelo critério bancário, a reposição de meios de trabalho". Conclui o autor que "uma relação contraditória une = colonos e burguesia industrial, esta detendo o poder, dominando e explo -

rando o camponês . Por seu lado, o camponês define-se como *colono*, expressando a consciência empírica de personagem subalterno da sociedade = capitalista".

A cultura do rami se insere no grupo das "formas subordinadas às agroindústrias e cooperativas capitalistas", segundo GRAZIANO DA SILVA et alii (1983:24), onde a subordinação se dá mediante o financiamento dos insumos e da assistência técnica, criando no pequeno produtor uma dependência e forçando-o à adoção de novas tecnologias, e através da venda num mercado monopsônico de matéria-prima agrícola . Outra característica liga-se ao fato de que exige mão-de-obra intensiva e situa-se na região centro-sul do país . As contradições principais situam-se nas negociações em torno do preço que se deve pagar ao produtor agrícola pela matéria-prima, que podem ser : legumes, frangos, ovos, frutas de mesa, fumo, vinho, suínos, fibras .

A maior parte destas características estão presentes = no rami e em maior ou menor grau refletem as várias formas em que o capital urbano-industrial se apropria do excedente que é produzido penosamente pelo pequeno produtor rural de rami, que ainda participa na primeira fase de beneficiamento da fibra , o descorticamento .

Note-se que , segundo dados da Secretaria de Agricultura do Paraná, as pequenas propriedades produzem reduzida parcela da fibra, estando portanto a cargo das grandes propriedades a maior contribuição, e, estas são estreitamente vinculadas a importantes indústrias de processamento do rami, e são dotadas de grande experiência no cultivo de beneficiamento . No entanto, os pequenos produtores conseguem ainda encontrar no rami a sobrevivência e/ou maior rentabilidade para a atividade agrícola, porém sofrendo a subordinação de um mercado oligopolista .

No capítulo seguinte, serão objeto de análise as ques-

tões referentes às características das pequenas propriedades produtoras = de rami, as formas de subsistência complementares ao cultivo e beneficiamento do rami, assim como verificar-se-ã as modalidades usualmente encontradas de relação direta com os grupos de apoio financeiro .

Verificar-se-ã que na abordagem desta problemática se acentuam os aspectos relativos à inserção do capital na agricultura, a = qual se dá de formas diversas : mudança no tipo de relação de trabalho , utilização de insumos e maquinários, a participação financeira de ór-gãos ligados a crédito ou das próprias empresas compradoras de matériasprimas .

...

3. A PRODUÇÃO DE RAMI NO PARANÁ E AS PEQUENAS PROPRIEDADES

3.1. Características de sua introdução

A ocupação do território norte-paranaense foi realizada com pequenas e médias propriedades, à base da lavoura de café, complementada com milho, feijão e arroz . Observe-se que a utilização de terras = de grande fertilidade, os custos de produção baixos, a colocação dos produtos alimentares paranaenses nos mercados consumidores urbanos de São Paulo e Rio de Janeiro, a preços compensadores, garantiam à economia nacional como um todo a reprodução da força de trabalho a custos reduzidos.

Quanto à cultura do rami, especificamente, note-se que o seu registro estatístico , segundo a SEAG/DERAL (1975:11), começa em 1960, com 6 mil hectares, e a partir daí houve aumentos contínuos até 1970, alcançando até 19,9 mil hectares , que representa a triplicação da área ocupada pelo rami .

Ressalte-se que apesar da pequena representatividade do rami no conjunto da produção agrícola brasileira, a ramicultura apresentou em relação às demais culturas, o maior crescimento de área no período 1960/68, pois de 0,19% chegou a 0,41% , com uma participação média de 0,30% .

No período de 1971/75, a cultura do rami tem conhecido= crescente diminuição em sua área plantada, em função de problemas ligados aos custos de produção excessivamente altos, a expansão do uso de fibras= sintéticas na indústria têxtil e em decorrência, um menor consumo de fi= bras naturais, problemas na exportação, com queda das cotações do rami , proibição da utilização da máquina *Periquito*, diminuição do emprego de sacarias, utilizando-se o transporte a granel .

Estudos da SEAG/DERAL (1975:12), demonstram que, apesar da área plantada ter diminuído, a produtividade vem sendo incrementada, em razão das práticas de adubação e calagem que foram introduzidas nos anos recentes .

Considerando-se a alta fertilidade dos solos sob o ponto de vista de textura, os solos sílico-argilosos leves e soltos, são os mais indicados à cultura, -como é o caso do Latossol Roxo e da Terra Roxa Estruturada, assim como os solos de aluvião, ricos em matéria orgânica e bem drenados -, era de se esperar uma maior produtividade para esta cultura, a qual, pelas condições edáfico-climáticas favoráveis, poderia atingir uma produção em torno de 2.500 kg/ha, quando a produtividade média = dos últimos 20 anos foi de apenas 1.536 kg/ha .

No que se refere às condições climáticas, a região ocupada pelo rami no Paraná é favorável, pois apresenta características necessárias ao bom desenvolvimento da cultura, a qual se adapta ao seguinte quadro :

- a *Bohemeria Nívea*, *Gaud* (rami branco) vegeta melhor= com precipitação em torno de 1.200 mm e é menos exigente em calor ;
- como valores limites, a *B. nívea* se dá bem nas faixas = de temperatura média entre 12 e 28°C , com umidade atmosférica superior a 65% ;

- o rami exige uma adequada distribuição de chuvas, visto que , embora a planta suporte deficiências hídricas, estas não poderão ser de longa duração ;
- as geadas, embora prejudiquem a parte aérea da planta, não chegam contudo a eliminá-la, já que os rizomas permanecem protegidos no solo ;
- o rami é bastante prejudicado com a ocorrência de ventos secos e intensos, porque estas provocam redução da umidade do solo e da atmosfera .

Retomando a questão da queda da produtividade, note-se que esta é acentuada nos anos de 1965, 1966 e 1967, podendo atribuir-se à idade da planta, que, após o sétimo ano, começa a apresentar produtividade decrescente, reflexo da carência de adubação, que, atualmente começa a ser praticada .

A tabela 01, a seguir, que se refere a área, produção, produtividade e participação do rami na área cultivada total (de 1960 a 1984) , melhor explicita os fatos em discussão .

Note-se ainda que o auge do cultivo do rami acha-se no período de 1968 a 1971, para decrescer gradativamente, chegando aos níveis de 1960 na década de 1980 . Um fato que deve ser ressaltado é o aumento de produtividade verificado nos anos recentes, visto que práticas culturais = têm sido observadas pelos ramicultores para conseguir níveis mais compatíveis de desempenho da produção.

Para a safra 84/85 está previsto um aumento de 370 alqueires ou 900 hectares, dos quais 150 alqueires ou 363 hectares serão = plantados no município de Londrina . As causas da expansão da área de cultivo, segundo técnicos da Secretaria de Agricultura devem-se aos bons preços conseguidos pelos produtores e à campanha promovida pelos consumidores da fibra .

TABELA 01

ÁREA TOTAL DAS PRINCIPAIS LAVOURAS DO PARANÁ , ÁREA (ha) , PRODUÇÃO(t)
DO RAMI NA ÁREA CULTIVADA - 1960/1984

ANOS	em hectares		toneladas	kg/ha
	Área total	Área rami	Produção	Produtividade
1960	3.124.893	6.050	7.302	1.207
1961	3.296.285	7.260	9.000	1.240
1962	3.683.329	8.470	10.500	1.240
1963	3.955.370	9.680	11.800	1.219
1964	4.086.765	10.890	14.300	1.313
1965	4.391.183	13.310	16.500	1.240
1966	4.253.031	15.730	17.500	1.113
1967	4.337.545	16.940	18.000	1.063
1968	4.476.329	18.150	24.000	1.322
1969	4.902.671	19.602	26.000	1.326
1970	5.568.303	19.965	29.500	1.478
1971	5.785.920	22.700	30.000	1.321
1972	5.923.702	23.100	30.000	1.299
1973	6.459.350	24.725	27.500	1.112
1974	6.560.516	16.770	27.000	1.610
1975	6.700.000	12.360	23.780	1.924
1976	8.451.862	9.675	18.500	1.912
1977	8.504.709	8.200	14.020	1.710
1978	8.393.101	6.400	7.220	1.128
1979	8.445.710	6.200	8.800	1.419
1980	8.636.760	6.780	17.000	2.507
1981	7.718.476	7.160	10.164	1.420
1982	7.697.849	5.818	9.477	1.629
1983	7.668.936	4.670	9.583	2.052
1984(*)	7.543.005	4.200	9.000	2.143

(*) estimativa para 1984

Fonte : DERAL/CEPA-Secretaria de Estado da Agricultura do Paraná .

3.2. Pequenas propriedades do rami : produção, beneficiamento , relações com o capital

A escolha de um tema de pesquisa envolve razões as mais diversificadas , que vão desde a afinidade existente com o assunto e o interesse sobre a problemática, até a busca de explicações para as contradições inerentes a um sistema econômico-social .

A postura adotada para a escolha do tema obedeceu à algumas particularidades : a primeira diz respeito à preocupação no tocante aos pequenos produtores rurais, fornecedores de matérias-primas às indústrias, sejam elas alimentícias ou têxteis ; a segunda refere-se ao local de moradia e de trabalho do pesquisador, o qual residindo no norte do Paraná, interessou-se por uma fibra produzida quase que exclusivamente no Estado. A estas duas particularidades somou-se o fato de que a cultura do rami é absorvedora de mão-de-obra , e com algum grau de especialização = no tocante à primeira fase de beneficiamento da fibra (descorticação), o que não ocorre em outras culturas para exportação existentes na região.

A escolha do município de LONDRINA como área geográfica de estudo deveu-se a dois fatos : a existência de pequenas propriedades fornecedoras de rami para duas indústrias do município, e a facilidade de acesso às áreas de cultivo, como se verifica pela localização dos estabelecimentos rurais produtores da fibra (fig. 01 e tab. 02) .

As áreas de cultivo de rami, no município de Londrina, apresentam uma maior concentração nos patrimônios de Guairacá, Gaviãozinho , e nos distritos de Irerê, Paiquerê, Guaravera e Lerroville .

Note-se que as vias de acesso são razoavelmente conservadas, ocorrendo problemas quando da incidência de chuvas contínuas e prolongadas, a exemplo daquelas de maio/junho-83, quando inúmeras pontes foram

MUNICÍPIO DE LONDRINA
LOCALIZAÇÃO DAS PROPRIEDADES DE RAMI - 1983

-52-

FIGURA - 01

tragadas pelos rios, e muitas estradas vicinais ficaram intransitáveis . Nesta época, os prejuízos para a lavoura foram consideráveis, na medida em que se impediu o escoamento da produção, e o abastecimento às casas comerciais dos patrimônios não pôde ser realizado, pelas empresas atacadas do distrito-sede .

Tabela 02

PROPRIEDADES DE RAMI DO MUNICÍPIO DE LONDRINA - 1983

Localização	nº propriedades	área (alqueire)
. Patrimônio Guairacá	22	97
. Gleba Coroados	10	58
. Patrimônio Gaviãozinho	09	33
. Distrito de Maravilha	08	169
. Distrito de Paiquerê	04	20
. Distrito de Guaravera	04	78
. Distrito de Lerroville	02	07
. Patrimônio Três Bocas	02	12
. Distrito de Irerê	01	03
Total	62	477

Fonte : pesquisa in loco - 1983

Os ramicultores do município de Londrina (Pr) , possuem predominantemente pequenas áreas plantadas ; à exceção de uma empresa de processamento de rami, que também conta com sua área de cultivo; todas as demais inserem-se no conjunto das pequenas propriedades (até 10 alqueires).

Num primeiro momento, indagou-se sobre a valorização ou não da propriedade, em função da existência do rami, verificando-se também as

benfeitorias existentes na propriedade, assim como as formas de uso de crédito bancário .

Uma descrição detalhada e as interpretações da situação fazem parte deste item, que procura apresentar dados empíricos da inserção do capital na cultura do rami .

O benefício ou não que o rami trouxe à propriedade, encontra-se ilustrado na tabela 03 .

Tabela 03
TIPOS DE INFLUÊNCIAS DA IMPLANTAÇÃO DO RAMI NAS PROPRIEDADES

Alternativas	nº respostas	%
. trouxe benefícios	41	66,13
. não trouxe benefícios	06	9,68
. não afetou (equilibrou)	06	9,68
. não sabe	01	1,61
. não respondeu	08	12,90
Total	62	100,00

Fonte : pesquisa in loco

Observa-se que percentual significativo dos entrevistados (66,13%) considera que houve valorização da propriedade , devido a existência do rami. Alguns depoimentos permitem melhor perceber a situação relatada :

- "Valorizou, porque não é coisa de comer".
- "Valorizou, o rami não precisa de maquinários caros, apesar de dar muito trabalho".

- "É uma planta que não dá erosão. Traz benefícios o ano todo, com lucros a curto prazo (a cada 3 meses) ; vale mais, pois o produto está em alta".
- "Paguei 900 mil cruzeiros há dois anos, e recebi uma oferta de compra de 6 e 10 milhões há poucos dias".

Há preocupações por parte do produtor rural quanto ao problema da degradação do solo e as consequências resultantes de um ineficaz manejo da terra, solapando as bases mediante o aceleração do processo erosivo . Neste particular o fato da cultura do rami ter seus rizomas permanentemente em estado de brotamento, favorece a contenção da erosão , pois a terra não fica nua, mesmo no período (de agosto a dezembro) em que não há colheita .

Note-se que GRAZIANO NETO (1982:91), se refere ao absurdo de pensar que as práticas agrícolas possam ser universalizadas, pois " as diferenças de solos, radiação solar, regime de chuvas, temperatura, diversidade de espécies e outras, levam a que certas técnicas, como a adubação química, o controle químico de pragas, o manejo do solo, por exemplo, apresentem resultados duvidosos e insatisfatórios nas condições de nossa agricultura tropical". Assim como se referiu o produtor de rami, a preocupação pelo solo é grande, pois este é a base de toda a vida vegetal e, indiretamente, da vida animal . E, o problema do controle da erosão é enfocado , quando GRAZIANO NETO (1982:98), se refere a dois dados : de PRIMAVESI (1980) e do IAPAR - Instituto Agrônomo do Paraná (1981) :

PRIMAVESI mostra que "a erosão não é um fenômeno natural e que sua origem verdadeira é a infiltração deficiente da água no solo, pela perda de sua bioestrutura e por um manejo incorreto . É certo que a intensidade e a duração das chuvas, assim como o declive do terreno, influenciam a erosão . Mas basta ver que nas matas ou nos campos naturais não há perdas de solo, mesmo após o mais forte dos temporais . As águas dos rios de florestas são sempre límpidas e atestam a inexistência de ero

são. A prática da agricultura sempre provoca pequenas perdas de solos, da ordem de 2 a 5 t/ha/ano. Perdas da ordem de 12 t/ha/ano são ainda consideradas *normais* por publicações especializadas norte-americanas".

Pesquisas do IAPAR "indicam que nas lavouras de soja e trigo, plantadas em solos argilosos pelo sistema convencional, as perdas = anuais pelas enxurradas atingem 144 t/ha/ano, o que corresponde a mais de 01 cm da camada do solo perdido por ha durante 01 ano".

Daí então, a preocupação de alguns ramicultores com este aspecto, que vem também sendo objeto de campanhas do governo para que haja uma conscientização e ação para que sejam evitadas tais ocorrências calamitosas .

Aliada a questão conservacionista, coloca-se o fator circulação de capital, pois segundo os entrevistados, poucas culturas favorecem tanto a entrada de dinheiro, pois, logo em seguida ao corte, descort^ucamento e secagem, há possibilidades de se comercializar, o que é feito = de tempos em tempos . Outro ponto a ser ressaltado é a facilidade de manutenção da cultura do rami, que não é tão exigente quanto outros cultivos, porém há uma ressalva quanto à mão-de-obra, que é cara e em algumas = funções , *especializada* . Por exemplo, o *maquineiro* é um dos elementos da cultura do rami melhor remunerado porque exige uma certa experiência em trabalhar com a máquina descort^ucadora , e também porque há riscos de ocorrência de acidentes de trabalho .

Um depoimento significativo é aquele em que o entrevistado diz que a propriedade valorizou *porque não é coisa de comer* . Aqui , ele se refere ao fato de que as propriedades que plantam alimentos , ou seja, produtos de subsistência não tem a valorização desejada, pois além de serem culturas temporárias, não exigem alguns dos equipamentos do rami, nem alcançam preços rentáveis . Note-se que intuitivamente, o produtor traça=

um perfil do que é valor de uso e valor de troca, valorizando as culturas que entram no circuito da comercialização, mesmo que de forma a desfavorecê-lo .

Quanto aos que consideram que a propriedade não se valorizou (9,68%) , há opiniões como :

- "Não foi valorizada, queria diminuir para plantar amora".

- "Se tivesse um café seria bom, era melhor se não tiver geada".

- "Em tempos passados valorizou, agora o que vale é a soja e o trigo, e também o preço do rami hoje não está tão pior, mas com um quilo de rami não dá para comprar um quilo de feijão".

Note-se que os que estão com o rami , mas estão descontentes , acham que outros cultivos devam ser feitos na propriedade : é a busca da opção pela amoreira, café , soja/trigo . A procura de uma atividade mais rentável e menos trabalhosa é ponto de partida para que mais produtores busquem alternativas para a sua atividade, desde que não se mostrem compensadores com relação aos preços oferecidos pelo seu produto .

Os 9,68% dos produtores que consideram que não houve benefícios nem prejuízos para a propriedade, justificaram suas assertivas com as seguintes considerações :

- "Nem que tenha rami, o preço é igual, tendo benfeitoria pegaria um preço melhor".

- "Tem gente que compra e tira o rami, e coloca pasto".

Para estes entrevistados, o rami é uma cultura como qual quer outra, não houve percepção quanto à valorização ou não em função da existência do rami; o que se leva em consideração é a quantidade e a qualidade das benfeitorias da propriedade, ou então aqueles fatores que independem da cultura que esteja sendo explorada : proximidade de estradas ,

idades, contiguidade das propriedades, tipo de solo .

Quanto às benfeitorias existentes nas propriedades do rami, se sobressaem (tab. 04) :

- . instalações (casa, garagem, paiol, barracão)
- . luz elétrica e água encanada
- . maquinário e equipamentos .

Tabela 04

INSTALAÇÕES EXISTENTES NAS PROPRIEDADES DE RAMI

instalações	nº	% em relação ao total das propriedades
. casa (residência)	47	75,8
. paiol, tulha	46	74,2
. casas para empregados	38	61,3
. garagem	11	17,7
. mangueirão	08	12,9
. barracão para aves e bicho-da-seda	06	9,7
. terreiro	05	8,1

Fonte : pesquisa in loco .

Note-se , num primeiro instante, que o total de residências dos proprietários é significativo, evidenciando que, originariamente o produtor rural era morador na sua propriedade. Das propriedades entrevistadas, 38 (61,3%) possuem alojamentos para empregados , fato este de vital = importância para o ramicultor que nos períodos de corte/descorticação do produto utiliza mão-de-obra intensivamente e, naturalmente necessita de acomodações para os assalariados . Dentre os entrevistados, o maior núme-

ro de *casas de colonos* atinge 35 unidades, aparecendo ainda os de 23 , 11 casas . A maior frequência recai no intervalo entre 01 e 03 e a média é de 5,4 casas de colonos por propriedade . Quanto ao paiol ou tulha, 74,2% das propriedades possuem tal instalação, no qual se armazena o rami descorticado até alcançar preços compatíveis , ou se consiga atingir uma quantidade que torne viável o fretamento de um caminhão para o transporte até à indústria . Neste paiol são ainda abrigados os insumos agrícolas a serem utilizados na lavoura . Uma ressalva que deve ser feita é a constatação de que em algumas propriedades o paiol também faz parte do conjunto da casa, evidenciando neste caso a precariedade das condições de sobrevivência do grupo familiar, que vive lado a lado com fertilizantes, defensivos , rami descorticado, o que deve acarretar sérios riscos de saúde .

A existência de garagens (17,7%) deve-se ao significativo número de veículos (carros de passeio e utilitários) existente nas propriedades . O mangueirão e o barracão para aves e bicho-da-seda fazem de notar que se cria porcos e bovinos em algumas propriedades, e que a atividade granjeira e a sericicultura são as alternativas de sobrevivência econômica ou se constituem numa atividade complementar à cultura do rami .

A existência do terreiro (8,1%) é uma evidência de que há resquícios da cultura cafeeira em algumas propriedades, que também exploram o rami. Lembre-se ainda que são perfeitamente compatíveis ambas as atividades, pois o *pico* de colheita do café coincide com o período de inatividade do corte de rami. Pelo fato de utilizarem grande contingente de pessoas, mostra-se como uma atividade que já foi trabalhada conjuntamente sem criar áreas de fricção, havendo mesmo casos em que ao café geado, a alternativa de subsistência do produtor rural se baseou no rami .

Em relação à luz elétrica e água, cerca de 35,0% possuem este tipo de *comodidade* , o que na verdade é um total que deve ser melhorado, em função dos incentivos para a eletrificação rural paranaense, e

consequentemente haveria maiores possibilidades de se instalar um sistema de água encanada, seja mediante o uso de motores para bombeamento da água dos poços, ou mediante o aproveitamento de minas . Além da infra-estrutura referenciada, as propriedades possuem maquinários e equipamentos, discriminados na tabela 05 .

Tabela 05

MAQUINÁRIOS E EQUIPAMENTOS EXISTENTES NAS PROPRIEDADES DE RAMI

maquinários e equipamentos	total	% em relação ao total
. Máquina descorticadora de rami	62	100,0
- CACOL	32	
- PERIQUITO	28	
- CRISTAL	01	
- CORONA	01	
. Trator	23	37,1
. Utilitário	15	24,2
. Veículo de passeio	11	17,7
. Caminhão	07	11,3
. Carroça	04	6,5

Dentre as máquinas descorticadoras utilizadas , encontram-se predominantemente os tipos CACOL e PERIQUITO, ambas problemáticas e com opiniões desfavoráveis e favoráveis quanto ao seu desempenho e funcionamento .

Segundo a SEAG/PR (1978: 62) , o "ponto vulnerável do rami como cultura economicamente rentável, residiu sempre nas dificuldades de se obter a extração mecânica da fibra".

A produção em bases rentáveis requer a extração da fibra por meio do processo mecanizado ; na China ainda hoje, faz-se a extração das fibras manualmente, separando-se as cascas do caule e sobre elas executando a raspagem da epiderme mediante o auxílio de facas . Esse processo apresenta, sem dúvida, um baixo rendimento (cerca de 5 kg de fibras brutas/dia, por operário), porém a fibra obtida é de ótima qualidade e alcança preço elevado no mercado .

A máquina pioneira de descorticação de alimentação manual (FAURE), surgiu na França, sendo mais tarde aperfeiçoada por japoneses e norte-americanos , e muitas das descortificadoras hoje utilizadas se baseiam nesta máquina francesa, apresentando o inconveniente da alimentação manual da máquina. São representados na região pelas máquinas dos tipos *Periquito* e *Cacol* .

Uma outra alternativa , já comum em grandes propriedades do rami (em Londrina, em uma só propriedade), é a utilização da descorticateira mecânica, apontada como a solução para o problema fundamental da exploração do rami em larga escala, além do que há garantia de condições menos desumanas de trabalho, de vez que o índice de acidentes de amputação registrados no manejo do *Periquito* chegou a atingir proporções alarmantes (a descorticação de 1000 alqueires resulta em cerca de 06 acidentes , em média) .

Veja-se as denúncias do senador paranaense, LEITE CHAVES (1981:99), acerca do problema, localizando-o no município de Uraí :

"(...) essa fibra é colhida e desfibrada numa pequena máquina , chamada máquina *Periquito*, muito rudimentar. Desde que o rami foi introduzido naquela região, o seu desfibramento é feito através deste processo . Sendo máquinas desguarnecidas de mecanismo de proteção, oferecem grande possibilidade de risco aos seus operadores . Não é por outra razão que muitos deles têm perdido dedos, braços inteiros, sobretudo

nas camadas mais pobres da população, mesmo porque o grande produtor do rami ou o pequeno produtor jamais, pessoalmente, se aproximam delas . = Quando os trabalhadores perdem os braços - na grande maioria, bôias-frias, nordestinos sofridos -, recebem miserável indenização, são até mesmo enxotados para que não cheguem a dar conhecimento à Justiça ou à polícia desses acontecimentos que podem ensejar obrigatoriedade de pagamento de indenização".

Complementando a alternativa anterior, em outros países = (Filipinas), a descorticação é feita em instalações fixas, localizando-se as máquinas fora da lavoura, exigindo uma operação adicional de transporte . No Norte do Paraná, as instalações são móveis, pois a tarefa de descorticação precisa ser executada logo em seguida ao corte, porque a não observância dessa exigência implica em dificuldades na extração, bem como produção de fibras de qualidade inferior .

FOTO 01 - Máquina 'PERIQUITO' - utilizada em propriedade localizada no município de Londrina . (julho/83)

A foto apresentada, melhor visualiza a máquina descorticado ra, que é um maquinário movido a óleo diesel, o qual realiza o primeiro = beneficiamento do rami. Essa máquina consiste essencialmente de um tam - bor metálico giratório, em cuja superfície estão montadas esquadrias que desempenham o papel de facas . O conjunto é protegido por uma capa móvel, tendo à frente a boca de alimentação, é movido por motor a óleo diesel = com capacidade de 9 HP .

Segundo CHAVES (1981:102), em função de uma reportagem da revista VEJA, publicada em 1974, sobre URAÍ - cidade dos manetas, em que denunciava a falta de segurança e o incrível número de acidentes envolvendo os operadores da máquina, fez com que o Ministério do Trabalho exigis - se uma redução na boca do *Periquito* de 20 para 12 cm, para que as mãos = dos trabalhadores não atingissem as lâminas cortadoras . Acontece que com a máquina aberta, a produção é bem maior, por isso os produtores de rami podem ter interesse em operá-la com 20 cm de abertura . Ainda segundo a publicação, em 1975, a abertura da boca de entrada do rami passou de 12 para 3,5 cm, para evitar que a mão do trabalhador fosse puxada pelo tritura dor .

FOTO 02 - Trabalhadores do rami - Município de Londrina (julho/83)

O trabalho no rami é uma atividade que exige grande esforço físico, principalmente por parte do *maquineiro*, ou o encarregado da *bateção ou descorticação*. A foto 02, mostra uma cultura de rami localizada no Distrito de Irerê; tem-se dois maquinheiros, um cortador e um bagaceiro. No primeiro plano está o *carro* que serve para transportar as folhas, o *bagajo* o caule do rami para a plantação, servindo então como adubo, e ao lado esquerdo da máquina um feixe de fibras descorticadas = que serão levadas em seguida para os varais (pelo *fibreiro*) a fim de se processar o seu secamento. Neste plano ainda se visualizam os feixes = de rami que se amontoam próximos à máquina descorticadora, e ao fundo = aparecem os varais para secagem (varais estes construídos com bambus).

Um outro fato a se ressaltar é o aspecto geral dos trabalhadores de rami no campo. Apresentam-se todos com as roupas manchadas = pelas pectinas do caule do rami, assim como as mãos também ficam escurecidas. Comentou-se ainda que a roupa usada para o trabalho com o rami fica totalmente comprometida, daí o uso generalizado de protetores (*aventais* e, em alguns casos, luvas para as mulheres).

As fotos 03 e 04, a seguir, apresentam a cultura do rami, onde se observa as características botânicas: altura do caule, tipos de folhas, e a localização mais recomendável para o seu plantio.

FOTO 03 - Aspecto da PLANTAÇÃO DE RAMI, em 1ª plano .
No 2ª plano , área preparada para o plantio de
trigo, e em 3ª plano, área cafeeira e pastagens
Município de Londrina (julho/83)

FOTO 04 - Plantação de rami no Município de Londrina
(julho/83)

O rami é muito pouco exigente em relação à declividade do terreno. Segundo o DERAL (1978:55), a cultura do rami pode processar-se em terras amorradas ou mesmo de acentuado declive, tendo os resultados demonstrado que o seu rendimento é mais elevado onde a topografia se apresenta com alguma declividade . Já se evidenciou que os rizomas e a rede radicular da planta impedem a erosão, formando forte barreira natural .

Um outro aspecto a ser analisado refere-se à utilização de crédito bancário, ou de outras fontes de auxílio financeiro . Pretendeu-se com esta abordagem estabelecer as possíveis vinculações ou subordinações do produtor rural ao capital urbano-industrial .

O uso do financiamento bancário apresenta os seguintes dados :

	<u>nº propr.</u>	<u>%</u>
- possui financiamento bancário	26	41,9
- não possui financ.bancário...	32	51,6
- não respondeu	04	6,5

Dos produtores que recorrem a estabelecimentos de crédito, a maior parte (73,1%) recorre ao Banco do Brasil, seguida do Banco = Mercantil de São Paulo (15,4%) e do Banco América do Sul(7,7%) . A procura maior pelo Banco do Brasil deve-se ao fato de tratar-se de banco oficial, e as duas outras agências , a primeira porque possui agência no = Distrito de Paiquerê , próxima a algumas propriedades de rami e a outra = porque se trata de um estabelecimento bancário de origem japonesa, e são em número significativo os produtores rurais descendentes de japoneses = (22,6%) . Aparecem ainda como financiadores, o Banco Brasileiro de Descontos e o Banco Bandeirantes . Cerca de 15,4% afirmaram receber ajuda , quando necessário, da indústria compradora e do patrão, ou do proprietário da terra .

Indagados sobre a forma de uso do financiamento, a maior parte dos entrevistados (77,4%) utiliza para o custeio da safra, porém, não somente do rami, mas principalmente para o milho, o café. Os demais usos são para aquisição de maquinários, tratores, implementos, caminhão e para a instalação de luz elétrica.

Evidencia-se por estes dados que percentual significativo tem ligações intensas com o capital urbano-industrial permitindo fazer colocações no sentido de que há uma capitalização do campo, e, que as bases em que se realizou tal transformação continuam sendo extremamente desfavoráveis para o pequeno produtor, apesar do mascaramento de algumas situações, seja possibilitando um maior uso de maquinaria, insumos, eletricidade, ou aumentando a produtividade. No entanto, a questão dos preços mínimos, compatíveis com os custos da produção, o risco das safras continua sendo uma barreira para o produtor, não se omitindo as questões ligadas ao sobretrabalho extraído do grupo familiar e as condições precárias do trabalhador assalariado temporário.

...

3.3. A pequena propriedade rural : sua viabilidade em função de uma cultura para fins industriais : RAMI

As 62 propriedades do município de Londrina, produtoras de rami, e objeto de pesquisa, apresentam as seguintes características :

- média da área total da propriedade : 34,1 alqueires ;
há propriedades de dois alqueires até 398 alqueires ;
- quanto a área cultivada de rami, a média é de 8,9 al-

queires, apresentando um mĩnimo de 01 alqueire, e um mĩximo de 90, seguida de 50, 38 e os demais, predominantemente na faixa de 02 a 10 alqueires ;

- o percentual de uso da propriedade em rami ẽ de 26,2% caindo significativamente nas grandes propriedades (.. 0,3% e 15,6%), onde outros tipos de atividades econõmi cas (cafẽ, milho, pastagens) predominam no estabelecimento rural (fig. 02, tab. 06) .

Tabela 06
PERCENTUAL DE USO DA PROPRIEDADE COM RAMI - LONDRINA

percentual de uso com rami	total propr.	%
. atẽ 10%	01	1,85
. de 10,1 a 20%	04	7,41
. de 20,1 a 30%	18	33,34
. de 30,1 a 50%	16	29,63
. de 50,1 a 60%	03	5,55
. acima de 60%	12	22,22
Total	54	100,00
Não respondeu	08	

Fonte : pesquisa in loco

Uma outra caracterĩstica nas propriedades do rami ẽ re lativa a diversificaçãõ de atividades, pois estas nãõ se restringem a um sãõ tipo de produçãõ ; na sua grande maioria dedicam-se a mais de duas cul turas . Os dados a seguir mostram a variedade de atividades exercidas pe los produtores rurais de rami :

- milho , cultivado em 30 propriedades
- cafẽ , " " 17 "

PRODUTOR RURAL DE RAMI

LONDRINA - JULHO/83

**RELAÇÃO DO TOTAL DE PROPRIEDADES E O PERCENTUAL
DE USO COM RAMI**

FIGURA - 02

- feijão , cultivado em 11 propriedades
- arroz , " " 08 "
- amora , " " 05 "
- soja/trigo, " " 05 "
- cereais , " " 04 "
- algodão , " " 04 "
- hortaliças, " " 02 "
- uva , " " 01 "
- gado, existente em 20 propriedades e
- galinhas (granja), explorada em 03 propriedades .

Quanto ao gado bovino, existem em 45,2% das proprieda -
des , variando o total de .. uma cabeça até 600 cabeças . Poucos, apenas =
os que têm plantel acima de 50 cabeças (sete proprietários), destinam o
gado para corte ; a grande maioria vende e/ou consome o leite . Ocorre fa
to semelhante com os suínos, quando 51,6% das propriedades possuem-nos, =
predominantemente para consumo próprio (somente dois, com acima de 70 ca-
beças, destinam para venda) ; a frequência maior está entre 05 e 20 cabe-
ças, por propriedade . Quanto aos caprinos, apenas 6,5% possuem-nos, sen
do basicamente para o consumo .

No tocante a outras criações, destacam-se os galináceos,
com 72,6% de possuidores, quase todos para suprir as necessidades de con
sumo da família, ã exceção de três que possuem granja (5.000 a 10.000 ca-
beças) . Os demais possuem entre 03 a 300 cabeças, predominando a quanti
dade que está em torno de 40 cabeças . Os outros animais como o carneiro,
o pato, o peru e os equinos são em pequeno número, os últimos sendo utili
zados no labor da terra .

Quanto ao período de experiência com o rami, a tabela 07
apresenta os dados seguintes :

Tabela 07

TEMPO DE TRABALHO COM O RAMI - LONDRINA

Período de tempo	total de pessoas	%
. Menos de 01 ano	01	1,72
. De 01 a 03 anos	07	12,07
. De 04 a 05 anos	03	5,17
. De 06 a 10 anos	11	18,96
. De 11 a 20 anos	27	46,56
. Acima de 20 anos	09	15,52
Total	58	100,00
Não respondeu	04	

Fonte : pesquisa in loco

Verifica-se que mais da metade dos entrevistados(62,1%) possuem considerável tempo de experiência no rami, justificando-se também a sua continuidade, em virtude de investimentos feitos com o rami, o seu plantio e a facilidade na manutenção da cultura . Muitos já adquiriram a propriedade com o rami plantado e continuaram com este tipo de atividade, vislumbrando melhorias no preço de venda, e também porque há casos de compra de novas propriedades com o produto do rami . No entanto, alguns tiveram modificações no uso do solo, pois 17,5% diminuíram a área plantada e 14,0% aumentaram, quase que ocorrendo um equilíbrio .

A tabela 08 , quantifica as informações apresentadas, = quanto ao comportamento da área plantada de rami .

Tabela 08

COMPORTAMENTO DA ÁREA PLANTADA DE RAMI

Alternativas	total de propr.	%
. permaneceu a mesma área plantada	39	68,43
. diminuiu a área plantada de rami	10	17,54
. aumentou a área plantada de rami	08	14,03
Total	57	100,00
Não respondeu	05	

Fonte : pesquisa in loco .

A principal causa detectada nas entrevistas para a redução da área plantada é a queda dos preços, o que levou à substituição por cana, pastagem, soja, trigo, milho ; para os que aumentaram a área, a justificativa prende-se à erradicação do café, a compra de propriedades vizinhas, porque, segundo um dos produtores, viu esperanças na valorização do rami .

Indagados sobre as razões que justificassem a opção pelo rami, as respostas mais significativas foram as seguintes :

- " O rami é mais lucrativo" 23 produtores , 37,1%
- "Comprou a propriedade com o rami" 14 " , 22,6%
- "Tinha experiência, facilidade no trabalho do rami"..... 10 " , 16,1%
- "Por causa da geada" 05 " , 8,1%

Este conjunto de respostas é justificado pelos entrevistados com argumentos que mostram o espírito capitalista deste segmento ,

constituído predominantemente por pequenos produtores. Os que optaram pelo rami em função da lucratividade apresentam razões como :

- " Pelo lucro. Antes era a 'meia'; depois foi subindo, fiz umas economias e consegui comprar a propriedade".
- " Naquele tempo parece que era a planta que dava mais do que os cereais (milho, feijão). Café não, porque todo ano havia geada".
- " Na época, o preço era bom, bem melhor do que agora , e também havia mais firmas compradoras".

Veja-se por estes exemplos que o rami se apresentava como a opção mais rentável para o agricultor, havendo inúmeros depoimentos de famílias que conseguiram inclusive adquirir propriedades com o trabalho do rami , isto, porque os preços estavam compatíveis com os gastos , havia algum excedente e um maior número de pontos de venda da produção.

No entanto, alguns chegaram a viver os resultados negativos desta *ilusão* do lucro, como se verifica pela afirmativa :

- " Todo mundo falava do rami, depois me arrependi, pois nunca deu lucro".

O esforço individual ou familiar, a intuição que leva o ser humano a investir trabalho na terra é sentida quando se argumenta que "optei porque achei que dava mais lucro, mas dá lucro se a gente puder zelar o seu". De fato, nas visitas feitas aos estabelecimentos produtores de rami, verificou-se toda uma variação em termos das lides no mundo agrário . Havia aqueles que tinham somente o rami (corte, descorticação) como meio de vida, os outros produtos eram adquiridos na cidade , nem a criação de galinhas era feita, alegando-se que estas comiam os brotos do rami. Evidenciou-se aí uma clara acomodação e uma certa apatia, às condições vigentes . Em outros havia uma preocupação com aspectos como: melhoria do pomar, plantio de hortaliças e legumes , beneficiamento da

mandioca, plantio de arroz nas varzeas, fabrico da rapadura, melado, cuidados com o visual da casa (pintura, jardim). Esta consciência não é adquirida repentinamente, mas depende de um processo contínuo de vivência = do assunto, discussões e a procura constante de condições mais favoráveis de existência, sem ficar no marasmo, ou na expectativa de que as coisas = melhorem por si sô . Um trabalho fecundo, os olhos voltados para o presente diligente e um viver concreto, autêntico, constroem as realidades = necessárias ao enfrentamento das dificuldades numa economia capitalista.

Dos produtores de rami, cerca de 22,6% já tinham o rami na propriedade adquirida; e os antecedentes permitiam antever que a cultura era viável, como no exemplo a seguir :

" Já existia o cultivo na propriedade desde 1951, e na propriedade que tinha em Uraí, pôde-se sobreviver graças ao rami e à granja, quando das geadas que castigaram o café nos anos de 1953, 1955, 1962 e 1975".

Outros compraram barato, a preços acessíveis e haveria = condições de obter bons rendimentos com o rami como se denota pela afirmação :

" Estava abandonado (o rami) quando comprou a propriedade, então cuidei e achei que rendia".

Alguns produtores estão com o rami porque já têm experiência e é mais fácil de trabalhar no setor, mesmo em se tratando de não-proprietários :

" Trabalhava com o rami desde os 17 anos, parei e fui trabalhar com o bicho-da-seda durante 6 anos e hoje voltei a trabalhar com o rami".

- "Desde que comprei o sítio , o rami é um produto estabilizado, não dá trabalho de parte alguma, tendo uma base para o agricultor".

Um outro fato relevante é a questão da incidência de gea-

das e doenças no cafeeiro, inviabilizando a cultura e fazendo com que os agricultores se voltassem para o rami :

- " Por causa da geada e a ferrugem no café, fui para o rami".

Em suma, a pequena propriedade rural se viabiliza com a cultura do rami, pois notou-se que há uma adequada diversificação em grande parte das propriedades entrevistadas . O cultivo de cereais, de café, de produtos de subsistência, de hortaliças e a criação de gado bovino, de suínos, de aves (galináceos) , permitem superar os contratempos ocasionados pelas condições climáticas, pelos preços não compatíveis com os custos de produção, possibilitando em alguns casos lucros substanciais, e permitindo assim a aquisição de terras, bens e uma melhor qualidade de vida. Note-se ainda que há uma predominância de produtores com bastante experiência no cultivo e no labor do rami, pois mais de 80% possuem entre seis e mais de vinte anos de convívio com a fibra .

Um outro fato a ressaltar é a questão da diminuição da área plantada de rami, a nível de Estado. Consultando os produtores verificou-se a existência de uma situação de equilíbrio, quando os que erradicaram o rami o fizeram premidos pelos baixos preços, que não permitiam a compensação necessária para continuar produzindo, e estes optaram pelas pastagens ou pelo plantio de cereais . Os que aumentaram a área plantada de rami foram levados a esta posição em função dos percalços devidos às geadas que destruíram grande parcela da população cafeeira, à ferrugem que grassou na região em anos seguidos e à baixa produtividade dos cafeeiros mais antigos . Dado que o rami não exige grandes tratamentos culturais , muitos têm permanecido com a cultura, inclusive com sucesso . É necessário lembrar que o labor do rami, assim como de outras atividades , principalmente no setor primário, dependem de condições intrínsecas - trabalho=

familiar, coesão entre empregados e empregadores -, e de condições extrínsecas, estas quase impossíveis de controle, como por exemplo, as intempéries, a maior ou menor demanda de produtos e os preços, estes embriados ao capital urbano-industrial e manipulados pelo capital financeiro e estatal .

Como se verá no capítulo a seguir, os pequenos produtores rurais de rami suprem um mercado oligopsônico e por esta razão enfrentam sérias dificuldades, pois é diminuta a sua capacidade de barganha por melhores preços, sujeitando-se ainda às especificações quanto à qualidade da matéria-prima exigida pelas empresas . Justifica-se a existência deste tipo de mercado na medida em que foram drasticamente reduzidas as chances de viabilização das outras empresas, em função da concorrência de produtos sintéticos no mercado de fibras, aliada a uma situação conjuntural nacional que permitia esta abertura a novos produtos .

...

4. AS EMPRESAS PROCESSADORAS DE RAMI

No capítulo referente às empresas processadoras de rami, pretende-se estudar a vinculação entre a implantação da cultura no Estado e o estabelecimento de indústrias beneficiadoras da fibra .

Num primeiro momento, caracterizar-se-á a planta *RAMI* , e procurar-se-á as justificativas para a sua implantação no Estado. Claro é que são múltiplos os fatos que contribuíram para possibilitar o plantio desta planta para fins têxteis, como por exemplo a demanda no mercado externo, a necessidade de se suprir o mercado interno com barbantes, sacarias , principalmente . O papel do Estado no incentivo ao cultivo do rami verifica-se ao exigir que se utilize sacaria de fios naturais para os produtos agrícolas .

Num segundo momento, mediante a caracterização das atividades de industrialização da fibra e a análise de empresas sediadas= em Londrina, procurar-se-á verificar os mecanismos de subordinação do campo ao capital urbano-industrial .

É importante realçar o papel exercido pelo capital urbano-industrial na conservação desta atual área plantada de rami, pois que, na medida em que há uma diminuição gradativa de sua produção, vai havendo maiores condições de negociação por parte dos pequenos produtores, seja em termos de preços, seja quanto à maior flexibilidade na classificação =

dos tipos de fibras . A preocupação da indústria passa ainda para o campo técnico, colocando à disposição dos produtores os novos experimentos = realizados em conjunto com órgãos públicos, ou então gerando soluções = mais adequadas no campo creditício, financiando pequenas quantias a curto prazo, a juros baixos .

Neste sentido, os itens constantes do capítulo 04, têm como preocupação básica a ligação entre a cultura do rami e o beneficiamento da fibra, para no capítulo 05 resgatarmos as questões referentes às relações de trabalho no rami - nas suas fases de cultivo e descorticação - , que são realizadas ainda no campo, porém sob a tutela do setor urbano-industrial, que controla e faz a estimativa da produção de cada corte ou safra .

4.1. Características da introdução do rami e as justificativas do ponto de vista do empresário e do Estado .

O rami é planta herbácea da zona tropical, fornecendo = uma fibra muito resistente, sendo empregado em diversas indústrias . Segundo a SEAG/DERAL (1978:15) , "provavelmente , o rami é nativo das regiões temperadas da Ásia Oriental ou dos Vales Montanhosos do Sudoeste da China, de onde se difundiu posteriormente, para as Filipinas, Índia, Japão e Coreia . Em muitas múmias do Egito foram identificados tecidos confeccionados com fibra de rami, em bom estado de conservação. Estes tecidos eram utilizados por pessoas mais abastadas, pois eram de grande valor, devido a grande dificuldade na extração e preparo de sua fibra. Por esse motivo, talvez, deixaram de ser utilizados, sendo substituído por outras fibras vegetais".

Segundo HAIDA (1964), as variedades de rami cultivadas =

para aproveitamento de fibra são poucas, visto que, para que a produção = seja economicamente suficiente para cobrir as despesas e propiciar lucros , é necessário que as condições de solo e clima se adaptem com a variedade plantada .

A história do rami no Brasil remonta ao ano de 1885 , quando foi introduzido no Estado de Santa Catarina e do Espírito Santo , como planta forrageira. Posteriormente, no ano de 1892, foi introduzida no Estado de São Paulo uma variedade procedente da França . Somente em 1937, com a importação nacional do rami pela firma Tokiyo Assaito Bosseki K.K. com o intuito de instalar uma fábrica de tecidos de rami no Brasil, foi que tomou impulso a produção, além do que os mercados externo e interno vinham aumentando a demanda, incentivando desta forma os produtores que não só recuperaram os ramizais abandonados como, realizaram também , plantios em grande escala .

Complementando a informação, a SEAG/DERAL (1978:15), observa que "(...) a data correta da introdução do cultivo desta lavoura = no nosso país se desconhece, porém, presume-se que houve uma rápida expansão no cultivo desta lavoura logo após a última guerra mundial. Pela dificuldade de exportação e consumo interno, a ramicultura sofreu um declínio acentuado no início da Segunda Guerra Mundial . Mais tarde, em 1950, é que voltou a ser cultivado, com a implantação de algumas indústrias , que garantiram o consumo da fibra produzida . A implantação = nesta época ocorreu em grande escala na região Norte do Paraná, mais precisamente no município de Uraí, hoje considerada a *Capital Mundial do Rami*, que é atualmente o maior centro de produção".

Quanto as variedades de rami, tentou-se adaptá-la ao solo e clima : Anhumas, M.Grosso, Miyazaki, Tatsuda, M.Roxo, foram algumas das tentativas , porém somente as variedades Miyazaki 120 e Murakami deram resultados satisfatórios , sendo estas as mais cultivadas no Brasil.

Conforme HAIDA (1964), a variedade Miyazaki foi importada para o Brasil no ano de 1937, tendo sido as sementes selecionadas no Campo Experimental de Miyazaki - Japão, pelo gerente da fazenda Pirianito, de rami, localizada no município de Uraí (PR) . Foram plantadas de início, em caráter experimental, nos municípios de Jundiaí, Campinas e Jaboticabal (SP) e Uraí (PR) . O resultado mais satisfatório e econômico foi obtido apenas em Uraí ; esta variedade, que foi importada em semente, foi cultivada na Fazenda Pirianito, com cuidados especiais por parte do sr. Atsushi Kuriyama, em canteiros especiais, sendo que entre as que foram cultivadas, a de número 112 foi a que mais se desenvolveu e melhor se adaptou ao nosso clima e solo . Quanto à variedade Murakami, foi importada pelo sr. Seiki Murakami, no ano de 1939, e foi reproduzida no município de Nazaré (SP) e, posteriormente distribuída para os ramicultores de diversos municípios . Esta variedade foi importada para o Brasil em rizomas, os quais foram selecionados e melhorados no Campo Experimental de Miyazaki . À época , foi considerada a variedade de maior produtividade e resistência à variação térmica .

Informações contidas na publicação da SEAG/DERAL (1978), subsidiaram a elaboração dos itens seguintes, referentes às justificativas do ponto de vista do empresário e dos órgãos públicos . Segundo esta fonte, a cultura do rami desenvolveu-se muito, quando o parque industrial do Brasil expandiu-se e aumentou o consumo . Houve igualmente uma demanda maior do rami, com as guerras no Oriente Médio, na Indonésia, na Índia, visto que as produções daqueles países baixaram, e , elevaram seus custos de produção e de taxas de fretes . Então, as indústrias e os compradores se voltam para o mercado brasileiro . Ao mesmo tempo em que ocorria igualmente aumento no consumo interno, em função, principalmente da falta de juta em safras passadas, por sua vez as indústrias de sacarias , passam a misturar na sacaria de juta uma porcentagem de fibras de rami. Nesta época, foram importadas máquinas modernas pelas indústrias =

de tecidos de rami, iniciando assim o fabrico de tecidos .

O Governo Federal também contribuiu bastante para o desenvolvimento da cultura do rami, com medidas tomadas para a utilização = de sacarias de fios naturais para os produtos agrícolas . Neste sentido, há que se lembrar que as fibras naturais permitem um melhor arejamento, e condições mais razoáveis para o armazenamento de cereais, café, etc.

No tocante ao uso de fibras de rami nas indústrias moder^unas, estas são ilimitadas, devido às suas propriedades físicas, de durabilidade, de resistência, de facilidade de se misturar com outros produtos= vegetais e químicos, além do que há facilidade de respiração e absorção = de umidade, condições que se apresentam indispensáveis para a saúde e higiene corporal .

Além de tecidos, a fibra do rami pode ser aplicada na fabricação de fios em geral, finos e grossos , retentores de hélice de navio, linhas de pesca, mangueiras para incêndios, camisa incandescente para lampião, filtros de ar, revestimento de parede, e ainda no fabrico de= papel moeda e papéis finos resistentes .

Quanto à representatividade do rami, na composição do = valor bruto de produção agrícola, é pequena, pois em 1977 representou ... 0,20% do VBP dos principais produtos paranaenses e 0,05% do VBP dos principais produtos agrícolas brasileiros . No entanto, esta cultura tem seu valor multiplicado pela possibilidade de utilização industrial, que conforme itens anteriores mostra-se potencialmente favorável em termos nacionais . Lembre-se ainda que é uma cultura que possui grande capacidade de absorção de mão-de-obra, tanto na produção , como no seu beneficiamento e industrialização .

Veja-se, em termos comparativos a posição do rami quanto= ao valor bruto das principais culturas, a nível de Estado, Região Sul e = Brasil. As tabelas 09 e 10 apresentam o quadro evolutivo do desempenho =

TABELA 09.

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DAS PRINCIPAIS CULTURAS, A NÍVEL ESTADUAL, REGIONAL E NACIONAL - 1973/1974

(1)	ANOS CULTURAS	1 9 7 3 (2)						1 9 7 4					
		Paraná	%	Região Sul	%	Brasil	%	Paraná	%	Região Sul	%	Brasil	%
1.	Algodão	727.502	8,48	983.140	5,14	3.894.998	7,76	642.580	6,48	1.083.081	4,21	3.265.402	5,68
2.	Amendoim	157.978	1,84	191.683	1,00	790.150	1,57	147.000	1,13	186.825	0,72	616.753	1,07
3.	Arroz	588.692	6,87	2.362.389	12,36	8.121.848	16,19	828.000	6,37	2.508.011	9,75	7.682.662	13,37
4.	Batata	381.242	4,44	609.193	3,19	1.257.323	2,51	132.700	1,02	745.670	2,90	1.605.357	2,79
5.	Café	1.494.773	17,43	1.327.466	6,94	4.706.071	9,38	3.616.080	27,82	3.466.317	13,48	2.667.593	15,09
6.	Cana	96.835	1,13	202.683	1,06	4.830.952	9,63	76.110	0,59	194.171	0,78	4.909.447	8,55
7.	Feijão	1.060.063	12,36	1.351.055	7,07	4.707.108	9,38	994.890	7,66	1.518.061	5,91	4.748.911	8,27
8.	Mandioca	351.723	4,10	1.256.702	6,57	6.120.829	12,20	265.050	2,04	1.171.437	4,56	5.082.994	8,85
9.	Menta	247.104	2,88	247.104	1,29	247.104	0,49	375.000	2,89	375.000	1,46	375.000	0,65
10.	Milho	1.200.380	13,99	3.542.424	18,53	7.766.967	15,48	1.694.000	13,04	4.218.627	16,41	8.907.383	15,51
11.	R A M I	81.048	0,94	81.048	0,42	81.048	0,16	54.250	0,42	54.250	0,21	54.250	0,09
12.	Soja	1.856.149	21,64	4.318.844	22,60	4.949.080	9,86	3.185.980	24,52	6.671.447	25,96	7.765.099	13,52
13.	Trigo	334.230	3,90	2.643.287	13,83	2.704.899	5,39	782.450	6,02	3.507.215	13,65	3.767.066	6,56
Total		8.577.719	100,00	19.117.018	100,00	50.178.377	100,00	12.994.090	100,00	25.700.132	100,00	57.447.907	100,00

Fonte : CEPAGRO/SUPLAN-MA/DERAL-CEPA/PR

(1) 13 principais culturas que compõem o VBP do Paraná, em aproximadamente 90%

(2) Preços corrigidos - Índice deflator da FGV-Cultura II-Conjuntura Econômica - a preços de 1974

TABELA 10

VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DAS PRINCIPAIS CULTURAS, A NÍVEL ESTADUAL, REGIONAL E NACIONAL - 1975/1977

ANOS (1) CULTURAS	1 9 7 5 (2)						1 9 7 6 (2)						1 9 7 7 (2)					
	Paraná	%	Região Sul	%	Brasil	%	Paraná	%	Região Sul	%	Brasil	%	Paraná	%	Região Sul	%	Brasil	%
1. Algodão	647.000	4,37	849.814	3,20	3.001.051	5,21	721.556	5,41	631.987	2,39	1.981.866	3,47	900.231	6,37	937.238	3,47	3.317.692	5,43
2. Amendoim	159.690	1,08	159.642	0,60	595.769	1,04	87.767	0,66	107.474	0,41	690.027	1,21	62.304	0,44	70.444	0,26	431.157	0,71
3. Arroz	1.439.721	9,72	3.002.897	11,29	8.698.563	15,13	1.050.404	7,89	3.321.147	12,57	10.793.224	18,88	723.240	5,11	3.411.544	12,64	9.837.791	16,11
4. Batata	311.016	2,10	789.457	2,97	1.263.668	2,20	664.225	4,99	956.062	3,62	1.754.746	3,07	630.571	4,46	993.135	3,68	1.749.540	2,87
5. Café	3.998.816	27,00	3.410.153	12,83	6.937.831	12,06	2.895	0,02	2.170	0,01	1.795.288	3,14	1.517.051	10,73	574.121	2,13	5.023.633	8,24
6. Cana	76.381	0,52	193.525	0,73	4.737.800	8,24	134.099	1,01	198.075	0,75	5.629.018	9,84	161.078	1,14	234.253	0,87	6.233.529	10,22
7. Feijão	1.151.396	7,78	1.671.779	6,29	4.763.107	8,28	1.904.333	14,30	1.482.083	5,61	3.856.702	6,74	1.436.997	10,16	1.538.531	5,70	4.783.570	7,84
8. Mandioca	566.398	3,83	1.145.370	4,31	5.943.768	10,34	322.213	2,42	950.156	3,60	5.652.417	9,89	274.237	1,94	966.285	3,58	4.440.275	7,27
9. Menta	229.967	1,55	229.967	0,86	229.967	0,40	114.540	0,86	114.450	0,43	114.540	0,20	86.198	0,61	86.198	0,32	86.198	0,14
10. Milho	2.068.845	13,97	4.351.244	16,37	9.170.951	15,95	2.275.589	17,08	5.034.006	19,06	9.580.675	16,76	1.796.760	12,70	5.145.671	19,06	10.223.458	16,75
11. R A M I	44.012	0,30	44.012	0,17	44.012	0,08	35.795	0,27	35.795	0,14	35.795	0,06	27.950	0,20	27.950	0,10	27.950	0,05
12. Soja	3.532.804	23,86	8.482.421	31,90	9.741.961	16,94	4.637.530	34,81	9.679.332	36,65	11.057.023	19,33	4.978.429	35,21	10.536.923	39,02	12.235.395	20,04
13. Trigo	580.525	3,92	2.256.726	8,48	2.376.080	4,13	1.369.866	10,28	3.900.806	14,76	4.238.332	7,41	1.546.060	10,93	2.477.041	9,17	2.646.786	4,34
Total	14.806.571	100,00	26.587.007	100,00	57.504.528	100,00	13.320.812	100,00	26.413.543	100,00	57.179.653	100,00	14.141.106	100,00	26.999.334	100,00	61.051.974	100,00

Fonte : CEPAGRO/SUPLAN-MA/DERAL-CEPA/PR

(1) 13 principais culturas que compõem o VBP do Paraná, em aproximadamente 90%

(2) Preços corrigidos - Índice deflator da FVG-Coluna II - Conjuntura Econômica- a preços de 1974

do rami de 1973 a 1977, em relação ao algodão, amendoim, arroz, batata , café, cana, feijão, mandioca, menta, milho, soja e trigo, evidenciando - se a diminuição gradativa do valor bruto da produção do rami, nestes cinco anos . É necessário que se considere que o Estado do Paraná produz = a quase totalidade do rami brasileiro e que no capítulo 03 já foi feita a referência quanto à diminuição da área plantada de rami e as possíveis causas deste desempenho .

Justifica-se a concentração da produção no Estado do Paraná, pela localização das indústrias de beneficiamento manufatureiras , expandindo-se a cultura do rami nas imediações, ocorrendo principalmente nos municípios de Uraí e Londrina .

Analizando-se os dados dos anos de 1973 e 1980 sobre a área colhida e a quantidade produzida de rami , constantes nas tabelas = 11 e 12, e nos cartogramas respectivos (fig. 03 e 04), verifica-se num primeiro momento que a distribuição espacial da cultura não sofreu grandes modificações, apenas diminuindo o número de municípios plantadores = de rami (seis deixaram de produzir) . Basicamente, concentram-se no Norte do Estado as áreas de cultivo , sendo relevante a participação dos municípios de Uraí e Londrina , que representam cerca de 60% do total = produzido do Estado . No ano de 1973 , aparecem com destaque, ainda, os municípios de Rancho Alegre, Sertaneja, Alvorada do Sul, Leopólis, na região norte-paranaense e Campina da Lagoa, no centro-oeste do Estado . Em 1980 , além dos dois municípios citados (Londrina e Uraí), municípios = próximos ao Vale do Ivaí, no Norte Novo de Apucarana e na Microrregião = de Campou Mourão , se apresentam com algum destaque, porém, no total da área colhida o Estado apresentava apenas 27% da área plantada de 1973 .

Esta situação tende a se estabilizar, na medida em que algumas empresas do Estado já possuem , por tradição, fazendas para o = cultivo de sua matéria-prima e as que não possuem têm mantido os preços = a níveis compensadores para que não falem fornecedores de fibras .

TABELA 11

DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA COLHIDA E QUANTIDADE PRODUZIDA DE RAMI
NO ESTADO DO PARANÁ - ANO DE 1973

Municípios		área colhida (ha)	quantidade prodz.(t)
01.	Uraí	12.000	18.000
02.	Londrina	3.400	8.200
03.	Alvorada do Sul	2.000	1.600
04.	Sertaneja	1.800	2.700
05.	Rancho Alegre	1.520	3.040
06.	Campina da Lagoa	968	2.260
07.	Cornélio Procópio	800	800
08.	Leópolis	720	1.080
09.	S.Pedro do Ivaí	430	795
10.	Barbosa Ferraz	400	720
11.	Andirá	360	972
12.	Fênix	360	700
13.	Grandes Rios	300	300
14.	Ivatuva	300	240
15.	Itambaracá	300	600
16.	Santa Mariana	200	500
17.	Engenheiro Beltrão	180	463
18.	Ubiratã	150	415
19.	Quinta do Sol	140	325
20.	Jardim Alegre	100	100
21.	S. João do Ivaí	90	174
22.	Apucarana	75	180
23.	Campo Mourão	60	148
24.	Foz do Iguaçu	28	17
25.	Marilândia do Sul	25	60
26.	Ivaiporã	14	14
27.	Jussara	05	10
Total		26.725	44.418

Fonte : FIBGE - Superintendência de Estatísticas Primárias
Centro Brasileiro de Estatísticas Agropecuárias.
1973

TABELA 12

DISTRIBUIÇÃO DA ÁREA COLHIDA E QUANTIDADE PRODUZIDA DE RAMI
NO ESTADO DO PARANÁ - ANO DE 1980

	Municípios	área colhida (ha)	quantidade prodz(t)
01.	Uraí	2.730	2.456
02.	Londrina	2.042	4.220
03.	Grandes Rios	484	1.016
04.	Rancho Alegre	434	390
05.	Cornélio Procópio	322	290
06.	Sertaneja	177	160
07.	Jataizinho	167	150
08.	Barbosa Ferraz	160	330
09.	Peabiru	105	70
10.	Matelândia	95	230
11.	Borrazópolis	94	188
12.	Itambaracá	58	52
13.	Jardim Alegre	56	110
14.	Leópolis	48	48
15.	São João do Ivaí	40	80
16.	Formosa do Oeste	40	100
17.	Fênix	35	63
18.	Bom Sucesso	30	30
19.	Ibiporã	30	60
20.	Ivaiporã	16	30
21.	Cambé	15	30
22.	Sabáudia	10	20
23.	Andirá	07	06
	Total	7.195	10.129

Fonte : Censo Agropecuário do IBGE - 1980

FIGURA - 04

4.2. Os mecanismos de subordinação do campo ao capital urbano-industrial .

A abordagem que será realizada privilegia alguns aspectos descritivos do setor têxtil de rami e das empresas componentes, porque se julgou indispensável este tipo de informação para que se pudesse em seguida partir para uma generalização das formas diversas observadas quando da inserção do capital no campo .

No tocante ao rami, serão vistos nesta seção, os fatos relacionados à subordinação das atividades de produção da matéria-prima ao capital industrial, que age de forma oligopolista . Os consumidores do rami estão concentrados entre as seguintes indústrias , sediadas em Londrina : Toyo-Sen-I do Brasil, Têxtil Carpas Ltda. e P. Maggi .

As duas primeiras têm como fornecedores, basicamente, os pequenos produtores e a terceira possui sua área própria de produção, tendo como produto final barbantes e fios . As indústrias restantes trabalham com a elaboração de fios .

No entanto, a nível nacional, mostram-se relevantes seis atividades distintas de industrialização da fibra (tabela 13) .

Tabela 13

ATIVIDADES DE INDUSTRIALIZAÇÃO DO RAMI

	tipos de atividades	quantidade empresas	localização por Estado
1.	Setor de sacaria	06	PR/SP/RJ
2.	Alvejamento	02	PR
3.	Fios de tecidos	05	SP/PR
4.	Fios grossos e barbantes	04	SP/PR
5.	Tapeçaria	03	SP
6.	Exportação -.....	04	PR

Fonte : DERAL/CEPA-PR . 1977

Dentre as citadas, o setor de sacarias foi o que consumiu a maior parte de produção de rami bruto na safra 76/77, participando com 33% da produção total, que correspondeu a 5.000 toneladas . Este setor é constituído por seis unidades de fabricação, sendo que a empresa = industrial Matarazzo do Paraná (em Jaguariaíva) , participou com 50% do total consumido no setor de sacaria , e com 17% da demanda total de fibra bruta de rami no ano de 1977. Em 1981, esta empresa é vendida para o Grupo Itimura de Uraí .

Outro fato significativo é o constituído pelas indústrias de alvejamento em número de duas, que consumiram 25% da demanda total em 1977, correspondendo a um total de 3.800 toneladas, sendo a sua maior parte destinada à exportação . As empresas estão situadas em Londrina e Uraí .

O setor de fibras no setor de fios e tecidos também teve significativo desempenho, consumindo 21,5% da produção da safra 76/77, isto é, 3.250 toneladas ; o setor é composto de cinco indústrias, e uma das indústrias sediadas em Londrina, participou com 46% do total consumido no setor, e com 10,5% da demanda total do ano em referência .

No setor de fios grossos e barbantes, a demanda foi de 8,5% da safra 76/77, e composto por quatro empresas, com demanda total de 1.300 toneladas . A indústria londrinense participou com 78% no total do setor e com 10,5% da demanda total da produção de fibras brutas no período 76/77 .

A tabela 14 "Participação relativa dos setores na demanda do rami", situa a atuação dos setores : exportação , sacarias, fios/tecidos, tapeçarias, fios grossos/barbantes e alvejamento, no período 1971/1977, sendo que predomina o setor de sacarias, seguido do setor de fios / tecidos .

Quanto as indústrias sediadas em Londrina, atuam básica-

TABELA 14

PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS SETORES NA DEMANDA DE RAMI - PARANÁ

1971/1977 (em t)

anos setores	1971=100		1972=100		1973=100		1974=100	
	abs.	rel.	abs.	rel.	abs.	rel.	abs.	rel.
1. Exportações	3.855	13	3.487	16	5.438	22	6.050	24
2. Sacarias	14.300	47	9.950	45	9.700	39	9.150	36
3. Fios/tecidos	6.800	23	3.100	14	5.260	20	4.500	18
4. Tapeçarias	1.200	04	1.560	07	900	04	1.400	06
5. Fios grossos/barbant.	3.800	13	4.100	18	3.800	15	4.150	16
6. Alvejamento	-	-	-	-	-	-	-	-
Totais	29.955	100	22.197	100	25.098	100	25.250	100

anos setores	1975=100		1976=100		1977=100	
	abs.	rel.	abs.	rel.	abs.	rel.
1. Exportações	890	04	1.000	06	1.500	10
2. Sacarias	13.700	64	9.350	54	5.000	33
3. Fios/Tecidos	3.900	18	5.150	30	3.250	21,5
4. Tapeçarias	1.000	05	600	03	300	02
5. Fios grossos/barbant..	1.850	09	1.200	07	1.300	8,5
6. Alvejamento	-	-	-	-	3.800	25
Total	21.340	100	17.300	100	15.150	100

Fonte : DERAL/CEPA-PR

mente em três setores :

- fios
- barbantes
- fios e tecidos .

A Toyo-Se-I do Brasil, Ind. e Comércio Têxtil Ltda. foi fundada em 27.11.1973, sendo que em 1983, o capital era composto pelas empresas : Toyo-Sen-I Co.Ltda, com 75,4% e Nomura Trading Co.Ltda., com 24.6% .

Constam das atividades da empresa, o beneficiamento, a industrialização e a comercialização de fibras de rami, como também a cultura de rami . O total de empregados é de 280 pessoas, os quais residem no Distrito de Irerê , e na área urbana de Londrina .

Quanto aos maquinários, são possuidores de máquinas de amaciamento, desgomamento, alvejamento e penteamento, além das máquinas = de Tops . O setor agrícola conta com 160 alqueires .

A produção anual distribuiu-se da seguinte forma em 1983:

- fibras de rami, alvejado e penteado 2.400 t
- fibras de rami Tops 800 t .

A comercialização no mercado interno representa 10,3% , enquanto o mercado externo abarca 89,7% das fibras produzidas na região .

Cerca de 80% da produção de fibras alvejadas e penteadas são diretamente exportadas para a Toyo Sen-I Co.Ltd.do Japão , e 10% para a Europa .

Conforme o folheto informativo da Toyo-Sen-I do Brasil = (1983) , "a matriz , Toyo Sen-I Co.Ltd. foi fundada há 65 anos no Japão e é a única no mundo que se dedica desde o plantio do rami até a fabricação de tecidos . Mantém a tradição no seu profundo conhecimento e especialização no ramo . As matérias-primas que são usadas na matriz, são fornecidas

principalmente pela nossa empresa. Quanto ao produto, é lançado no comércio com a marca de fama internacional : TOSCO" .

Um outro a ser ressaltado é a fundação em junho de 1976 da Toyo Pesquisa e Comércio Agrícola Ltda. , criada com o objetivo de = realizar pesquisas para a melhoria da qualidade e produtividade, criação= de novas variedades , abrangendo também a pesquisa de adubação e aperfeiçoamento da máquina desfibradeira de rami, com uso de tecnologia própria. Foi firmado convênio com o IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná), a fim de colaborar mutuamente para a melhoria da produtividade e de qualidade = do rami. No contexto do IAPAR (1983:47), o rami se insere no *Programa Diversificação e Sistemas Agrícolas*, e o projeto em execução denomina-se = *Desenvolvimento Tecnológico do Rami* , o qual coloca que "tendo em vista= a demanda crescente de fibras no mundo e um interesse cada vez maior pelas indústrias têxteis, por meio deste projeto pretende-se buscar novas = tecnologias de produção do rami" .

Quanto à indústria P.Maggi, foi fundada em 1892, por Henrique Maggi, imigrante italiano, e até 1950/52 , processava o cânhamo, que era importado da Itália e do Chile . Segundo um dos diretores, houve= um relativo abandono da cultura do rami, abandono este que persiste até 1981, sendo substituído pelo milho, soja, cereais. Este retorno é explicado por fatores psicológicos como por exemplo a *moda* da fibra natural, a volta da *cornatural* e também pela crescente escassez de petróleo, que influi significativamente na produção de fibras sintéticas .

A indústria é adquirida pelo Grupo Itimura em 1966, e em 1982 iniciam-se as atividades na indústria implantada no Distrito de Guaraçara , desativando-se a unidade industrial existente em São Paulo. Os riscos da transferência eram grandes, pois temia-se colocar maquinários = sofisticados no *mato*, assim como não se previa o bom desempenho da mão-de-obra local. O que ocorreu é que houve uma perfeita compatibilização de

mão-de-obra local, que se adaptou aos maquinários e a proximidade da matéria-prima, tornando-a rentável .

A produção da indústria é constituída de :

- fios para tecidos, para decoração e para confecções = *rústicas* , tipo *jeans* ;
- fios para cordoarias, barbantes, para cortinas , base para tapetes ;
- fios retorcidos e barbantes .

Quanto ao destino da produção, 75% se vincula ao mercado interno e 25% para exportação . Os países importadores são : Bolívia, Chile, Venezuela, Estados Unidos, Itália, Suíça , Alemanha . Para os países= da América do Sul são exportados barbantes, para a Europa e Estados Unidos, fios para tecelagem . Este percentual deve se elevar a 50%, visto = que os contatos feitos, recentemente, permitiram avaliar a capacidade de demanda e reforçar os laços comerciais . No tocante ao mercado interno , as fábricas de tapetes, as atividades agrícolas (por exemplo, fios e barbantes para embalar as folhas de fumo), são as maiores consumidoras .

O total de trabalhadores na indústria gira em torno de = 220 pessoas, sendo 85% mulheres . Os homens trabalham na manutenção, carregamento de mercadorias, e as mulheres, como ocorre comumente no setor têxtil, tem provavelmente uma capacidade de adaptação maior, em face da agilidade manual, propiciada pela própria constituição física . Todos os trabalhadores residem no Distrito de Guaravera .

A média de idade varia de 18 a 30 anos, e não tem ocorrido rotatividade da mão-de-obra ; veja-se que a maioria possui 18 meses de tempo de serviço (a fábrica funciona há 02 anos) .

A terceira indústria processadora do rami é a Textil Carpas Ltda., que se instalou na cidade em 1972, com a denominação de Indústria Têxtil Carambeí s/a , mudando sua razão social para Textil Carpas em

1982.

Segundo informações da empresa, sua implantação se deu = devido às facilidades de obtenção de matéria-prima na região, além do que esta é a área onde se registram os melhores índices de produtividade do rami .

O processamento da matéria-prima tem como produto final = o fio *Tops*, o qual é destinado à exportação (Japão, China, Europa) e para o mercado interno .

Quanto aos trabalhadores da indústria, contam em média = com 350 funcionários, sendo 320 na produção direta e 30 na área adminis - trativa . Dentre os trabalhadores na produção, a faixa de idade varia en - tre 17 e 50 anos e na área administrativa entre 20 e 40 anos .

A rápida visualização da atuação das indústrias londri - nenses de processamento do rami permite fazer algumas colocações :

- o mercado externo ainda é de grande importância para o escoamento dos produtos ;
- há vínculos estreitos com empresas internacionais ;
- há utilização de mão-de-obra dos Distritos Administra - tivos de Londrina (Irerê e Guaravera) ;
- notou-se uma preocupação pela melhoria da qualidade da fibra e da produtividade, inclusive conveniando com or - ção de pesquisa do Estado do Paraná ;
- o mercado interno absorve fios, barbantes e tecidos = mais grosseiros (para tapeçaria, forrações) .

A outra faceta da indústria foi questionada junto aos produtores rurais de rami (cap. 05), pois julgou-se relevante captar dos envolvidos as formas utilizadas pela empresa para a reprodução dos meios = de produção capitalista .

Portanto, através dos questionários aplicados aos produtores rurais, indagou-se das formas de comercialização dos produtos, dos tipos de contratos feitos com as indústrias, das maneiras utilizadas para se prestar assistência técnica ao produtor, se há problemas na entrega do produto, e em que medida a indústria se mostra exigente com a qualidade da fibra recebida.

Quanto à comercialização dos produtos, todos os produtores, à exceção das propriedades vinculadas à indústria de barbantes, entregam os produtos à Toyo-Sen-I do Brasil e à Têxtil Carpas. Os não possuidores de condução fazem o fretamento do caminhão até a indústria, onde se faz a classificação do produto, através da verificação do comprimento das fibras e da limpeza na descorticação.

Evidenciou-se nas entrevistas, que há empresas que pagam melhor, não exigem uma qualidade altamente superior, mas não pagam à vista, sendo vinculados à nota promissória rural, o que torna pouco atraente a transação. Vê-se exemplos de subordinação em dois níveis: no primeiro, retardando o pagamento, por dificuldades momentâneas de capital de giro (a espera alcança de um a dois meses), no segundo, pagando um preço menor, porém, exigindo uma melhor qualidade de fibras, o que se constatou por referências a recusas em receber o *rami chuvado*, o qual apresenta manchas, alterando consideravelmente a qualidade da matéria-prima. Muitas vezes o preço dado não é visto como o mais justo porque se diz comumente que *o classificador está sempre do lado da indústria*, incorrendo em baixos rendimentos para a colheita.

Quanto ao tipo de contrato com a indústria, verificou-se que não há um contrato formal, o problema surge em períodos de grande produção, quando a compradora dá preferência a fornecedores tradicionais. Neste sentido, nota-se entre os produtores a preocupação em ter uma indústria que não recuse, nem *castigue* demasiadamente nos preços. Há in-

dústrias que, sob o rótulo de auxílio a curto prazo, fazem empréstimos = (pequenas quantias) , que são abatidos quando da entrega do produto. Os juros são baixos, e menos burocratizante e demorado do que os empréstimos em estabelecimentos de crédito . Esta é uma fórmula que vincula o produtor ao capital industrial .

As declarações a seguir colocadas, melhor explicam estas ocorrências :

- " Não há contrato, sendo o preço variável, a gente vende para quem pagar melhor".
- " A gente freta o caminhão, leva na indústria e recebe na hora".
- "No dia em que levamos, classifica-se e eles estabelecem o preço do dia. Depende da classificação para dar o preço melhor ou pior".
- "Não tem contrato; vendemos e recebemos na hora, se a gente precisa de dinheiro a firma empresta, mas com juros".
- "Antes quando tinha mais firmas era mais fácil de vender".
- " A gente vende para a firma atual porque nos damos bem com o pessoal; eles pagam certo. Se precisamos de adiantamento dão ; já pedi duas vezes e os juros são mais baixos do que dos bancos".

Nó que diz respeito à assistência técnica, esta se resume à regulação da máquina descorticadora e ao tipo de adubo a ser utilizado. Esta assistência técnica na verdade, se presta à coleta de dados para se ter uma estimativa da produção, ao mesmo tempo em que se dão as coordenadas para que os produtores tenham condições de conseguir fios da qua-

lidade desejada pela indústria , apregoando que um bom produto alcança um preço melhor .

Assim se expressaram os entrevistados, quando indagados= a respeito da assistência técnica prestada pela indústria :

"Dão orientação : adubar, bater bem, limpar bem; fiz a análise da terra na VALCOOP".

"Eles dão assistência técnica, verificam o motor, regulam o motor, fazem a análise da terra e falam do tipo de adubo a ser usado".

"Eles vêm para animar e pedir para caprichar nas fibras".

"Vem visitar para saber a precisão da produção".

"Não há assistência técnica; vem para sondar, para ver se vendem ou não para outra firma".

Dos produtores entrevistados, 16,1% afirmaram não haver assistência técnica, destes , duas opiniões são significativas :

"Não há assistência técnica, só são curiosos".

"Não tem assistência técnica, o patrão traz o adubo e pela experiência dele, é aplicado na plantação".

O que se depreende destas informações é que a preocupação da indústria é pela qualidade do produto, e também para consolidar os laços entre o produtor rural e a firma compradora . Daí as frequentes visitas dos técnicos, que foram em sua maioria ramicultores em tempos passados e sua experiência é então transmitida aos atuais produtores .

A entrega do produto na fábrica não sofreu grandes críticas, tal como ocorre com a soja, com o tomate, com a uva, prejudicando profundamente os transportadores e produtores . O máximo de espera constatado foi de dois dias, em função das chuvas e do pico da produção . O que tem

sido verificado é quanto ao preço pago, que varia conforme o comprimento e grau de impurezas da fibra . Em alguns produtores já houve casos de não recebimento da produção porque a fibra não alcançou os índices desejados,, sendo inservível para o processamento de fios de qualidade, geralmente para fins de exportação . Neste caso, a fibra é vendida para outras firmas= que trabalham com fios de qualidade inferior, e naturalmente, para usos = mais rústicos .

Hã casos de produtores que se referem da seguinte maneira quanto a esta questão :

- "A firma recebe a fibra, porém existe desonestidade na classificação do produto . Em época de baixa produção, o produto é comprado de qualquer maneira".

Note-se que não se trata basicamente de honestidade ou = desonestidade ; o que se tem de levar em conta é a lógica do capital que procura sempre a realização de acumulação, e então todas as brechas são aproveitadas para que se possa viabilizar a indústria e, por consequência, o capital urbano-industrial .

Em itens anteriores, a expectativa dos preços, da classificação da fibra, do recebimento ou não do produto girava em torno das = exigências da indústria . Estas exigências referem-se ao comprimento dos fios, a limpeza da fibra, que interferem no preço e em algumas firmas, no recebimento ou não do produto, visto que uma fibra de qualidade inferior= não se presta à exportação .

A classificação do produto, no Estado , é realizada pelo Serviço de Acordo de Classificação , órgão vinculado à Secretaria de Agricultura do Paraná . Os padrões vigentes , constam da Portaria 568 , de .. 06.12.1974 , que estabelece as especificações de padronização, classificação e comercialização do produto .

Os argumentos apresentados pelos produtores de ramí quan

to às exigências da indústria em relação à qualidade do produto, não variam muito ; referem-se basicamente a :

-*"É exigente, pois alegam que a sujeira não dá fibra boa".*

-*"O rami tem de ser bom, limpo , porque dá pouca mão-de-obra para eles (a indústria)".*

-*"A indústria é exigente, pois só quer fibra boa e comprida".*

-*"Falam que tem de ser de boa qualidade para exportação".*

Há produtores que fazem referências aos problemas climáticos interferindo na qualidade e no preço da fibra, como por exemplo :

-*"O rami 'chuvado' (isto é, a fibra que toma chuva depois de 'batido', descorticado) fica mais escuro, e pega uma classificação ruim, e o preço quase que não compensa, só paga a mão-de-obra".*

-*"No ano que não gea, a indústria exige no produto, porque há uma maior oferta ; quando não há rami suficiente, = eles aceitam qualquer coisa".*

A maioria dos produtores faz a descorticação da fibra, e ainda auxilia os vizinhos . Estes são remunerados como diaristas ou trabalham por empreita, deslocando-se então para a área da plantação . Há presença do sentimento de solidariedade entre os plantadores de rami , que = não desconhecem as dificuldades existentes para se conseguir mão-de-obra = capaz e eficiente . Daí a ajuda efetuada , que também representa um auxílio para sua subsistência, cooperação que se assemelha ao mutirão, que é = peculiar à economia *pré-capitalista*, inexistente atualmente entre os produtores de rami .

Em síntese , o rami possui um mercado nitidamente oligopolizado, em que a subordinação do pequeno produtor ao setor urbano-indus -

trial é evidenciada pela questão referente ao preço alcançado pela fibra comercializada, ao controle exercido pelas empresas ainda no campo e as condições de alto risco que estão presentes na atividade primária .

Ao produtor rural cabem algumas opções, como por exemplo melhorar a qualidade da fibra, o que exigirá uma melhor remuneração para seus *peões*, a fim de que produzam fibras mais longas e com menor teor de impurezas . Porém, esta é uma ínfima medida, que poderá vir a ser importante na medida em que a área colhida de rami do Estado irá se reduzindo gradativamente ; este é um trunfo que os pequenos produtores terão às mãos para aumentar o escasso poder de barganha , caso este nível alcance índices insuportáveis para as indústrias .

...

5. AS RELAÇÕES DE TRABALHO NO RAMI

As questões relativas à mão-de-obra no meio rural são bastante complexas, visto que se apresentam de diversas formas, sejam remuneradas monetariamente ou não (no caso, o pagamento é realizado em espécie) .

Segundo estudos da SEPLAN-SP (1978:11), "nas últimas = três décadas verificou-se um avanço das formas de trabalho familiar e operário , de um lado, e de outro, do trabalho volante - concomitante a um recuo, com característica de extinção do trabalho residente organizado = sob o regime de colonato e sua substituição pelo operariado residente". Ainda segundo o estudo, a mudança qualitativa e quantitativa da massa de mão-de-obra necessária à produção rural paulista acha-se relacionada, ao vigoroso aumento da produção, à diversificação de linhas produtivas, ao extraordinário incremento no emprego de fertilizantes, defensivos, corretivos, sementes, mudas adquiridas e de tratores , bem como ao uso difundido de esquemas de financiamento . Por outro lado, essa mudança está associada à vigorosa queda, em termos absolutos e relativos, da população rural do Estado (SP) e, em menores proporções, mas não menos significativas, à queda do pessoal ocupado nas unidades produtivas rurais .

Portanto, ocorreram mudanças na tecnificação e capitalização de fazendas e sítios, convertendo-se essas organizações de produção em empresas , ao mesmo tempo em que há uma nova escala social de produção

que pressiona a unificação dos mercados de máquinas e insumos industriais, assim como dos mercados de trabalho e de consumo, reunindo campo e cidade.

Nesta linha de idéias, fêz-se as reflexões acerca das relações de trabalho no rami, que envolvem predominantemente pequenos produtores rurais, em sua maior parte constituídos de pequenos proprietários, porcentageiros/meeiros, arrendatários, além dos assalariados temporários.

5.1. Perfil dos Produtores de Rami

Neste item serão objeto de análise as informações referentes aos produtores rurais de rami do município de Londrina. Estas informações possibilitaram traçar um perfil dos entrevistados no tocante à condição do produtor perante a propriedade (arrendatário, meeiro, proprietário), as características de sua família (idade, escolaridade, origem, tempo de moradia).

As análises que complementam os dados pesquisados permitiram melhor encaminhar o item 5.2., que se refere basicamente às relações de trabalho no rami, sendo que, neste, as preocupações estão voltadas para as formas empregadas quanto à divisão do trabalho, tendo em vista as peculiaridades da produção da fibra.

É mister que se faça então a caracterização da mão-de-obra envolvida na produção do rami em Londrina. Para este fim foram entrevistados, na pesquisa:

- 62 famílias de produtores rurais, sendo 32 proprietários; 25 porcentageiros e 05 arrendatários;
- cerca de 24 famílias de assalariados foram questionados.

Os dados a seguir identificam o grupo de produtores rurais de rami pesquisados no município de Londrina :

- a média de pessoas por família, entre os produtores é de 6,82 , predominando grupos familiares numerosos = conforme se verifica pela tabela 15 , em que 85,0% = das famílias possuem entre 03 a 10 pessoas , o que em termos de média nacional coloca-os bem acima do normal .

TABELA 15

TOTAL DE PESSOAS POR FAMÍLIA

nº de pessoas por família	nº famílias	%
. até 02 pessoas	03	5,00
. de 03 a 05 pessoas	19	31,67
. de 06 a 07 pessoas	19	31,67
. de 08 a 10 pessoas	13	21,66
. de 11 a 16 pessoas	06	10,00
Total	60	100,00
Não respondeu	02	

Fonte : pesquisa in loco

- quanto ao assalariado, a média de pessoas por família é de 4,41; que se apresenta dentro dos padrões nacionais; note-se porém que dentre os 24 entrevistados , oito (33,3%) não possuíam família; são os chamados .. peões, que percorrem as propriedades no período da safra para oferecer seus serviços ;
- no tocante à idade, tanto entre os produtores quanto=

entre os assalariados há grande predomínio de população jovem, característica de áreas de recente colonização, a exemplo do Norte do Paraná ;

- as tabelas 16 e 17, e a figura 05, que apresenta a pirâmide de idade dos produtores e assalariados melhor explicitam o fato apresentado . Ressalte-se que o *rami* é uma cultura exigente em mão-de-obra, principalmente no labor de descorticar ou *bater* o *rami*, em que o esforço físico é acentuado, visto que é um trabalho considerado *pesado* e de alto risco, em função das máquinas utilizadas, a exemplo da *Periquito* e *Cacol*, que exigem agilidade, precisão e muita resistência física;
- quanto ao local de nascimento, tanto os produtores quanto os assalariados são predominantemente originários do Estado do Paraná (67,26% e 73,61%) , seguindo-se os Estados de Minas Gerais, São Paulo, Bahia, com percentuais menos significativos (tabelas 18 e 19, fig. 06);
- no tocante à escolaridade, as variações verificadas entre o assalariado e o produtor não são significativas, em termos globais . Os analfabetos e aqueles que somente assinam, quase se equivalem (17,36% para produtores e 21,69% para assalariados) ; dos que cursaram o primário - completo e incompleto - , resultou em 47,68% e 46,22%. Entre os produtores , encontrou-se 3,67% que tem o colegial (completo e incompleto) e 2,93 com curso superior incompleto ;
- a tabela 20 complementa e especifica melhor os dados = apresentados . Há que se lembrar que os menores de 18 anos também se constituem em parcelas importantes da =

TABELA 16

IDADE - DISTRIBUIÇÃO POR FAIXA ETÁRIA

PRODUTOR RURAL DE RAMI DO MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

faixa etária	homens	mulheres	total
. de 0 a 05 anos	30	27	57
. de 06 a 10 anos	24	24	48
. de 11 a 15 anos	18	30	48
. de 16 a 20 anos	32	28	60
. de 21 a 25 anos	24	16	40
. de 26 a 30 anos	12	12	24
. de 31 a 35 anos	09	13	22
. de 36 a 40 anos	15	09	24
. de 41 a 45 anos	09	09	18
. de 46 a 50 anos	16	13	29
. de 51 a 55 anos	05	04	09
. de 56 a 60 anos	07	05	12
. de 61 a 65 anos	05	02	07
. de 66 a 70 anos	01	03	04
. de 71 a 75 anos	03	00	03
. de 76 a 80 anos	00	02	02
. de 81 a 85 anos	02	0	02
Total	212	197	409

Fonte : pesquisa in loco .

TABELA 17

IDADE - DISTRIBUIÇÃO POR FAIXA ETÁRIA

ASSALARIADO DO RAMI - MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

faixa etária	homens	mulheres	total
. de 0 a 05 anos	08	15	23
. de 06 a 10 anos	07	05	12
. de 11 a 15 anos	07	06	13
. de 16 a 20 anos	05	09	14
. de 21 a 25 anos	04	02	06
. de 26 a 30 anos	06	06	12
. de 31 a 35 anos	02	04	06
. de 36 a 40 anos	05	02	07
. de 41 a 45 anos	02	0	02
. de 46 a 50 anos	03	01	04
. de 51 a 55 anos	04	01	05
. de 56 a 60 anos	0	01	01
. de 61 a 65 anos	0	0	0
. de 65 a 70 anos	0	0	0
. de 71 a 75 anos	01	0	01
. de 76 a 80 anos	0	0	0
. acima de 80 anos	0	0	0
Total	54	52	106

Fonte : pesquisa in loco

PIRÂMIDE DE IDADE

PRODUTOR DE RAMI
MUNICIPIO DE LONDRINA (JULHO/83)

ASSALARIADO DO RAMI
MUNICIPIO DE LONDRINA (JULHO/83)

FIGURA - 05

TABELA 18

LOCAL DE NASCIMENTO DOS PRODUTORES RURAIS DE RAMI

MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

Local : Estado/País	nº	%
. Paraná	271	67,26
. Minas Gerais	48	11,91
. São Paulo	39	9,67
. Bahia	10	2,48
. Ceará	10	2,48
. Sergipe	09	2,23
. Pernambuco	05	1,24
. Alagoas	02	0,50
. Rio Grande do Norte	01	0,25
. Japão	08	1,98
Total	403	100,00
Não respondeu	06	

DISTRIBUIÇÃO POR SEXO :

- masculino	212	51,83%
- feminino	197	48,17%
Total	409 pessoas	100,00

Fonte : pesquisa in loco

TABELA 19

LOCAL DE NASCIMENTO DOS ASSALARIADOS DO RAMI
MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

Local : Estado	nº	%
. Paraná	78	73,61
. Minas Gerais	13	12,26
. São Paulo	05	4,71
. Bahia	03	2,83
. Pernambuco	03	2,83
. Rio de Janeiro	02	1,88
. Alagoas	01	0,94
. Mato Grosso do Sul	01	0,94
Total	106	100,00

DISTRIBUIÇÃO POR SEXO :

- masculino	54	50,94%
- feminino	52	49,06%
Total	106 pessoas	100,00%

Fonte : pesquisa in loco

LOCAL DE NASCIMENTO, POR ESTADO

-111-

Produtor do rami
MUNICÍPIO DE LONDRINA (JULHO/83)

ASSALARIADO DO RAMI
MUNICÍPIO DE LONDRINA (JULHO/83)

FIGURA - 06

mão-de-obra utilizada no rami, assim como a mão-de-obra feminina, executando as tarefas consideradas .. *mais leves* ,como por exemplo no corte do caule do rami, no *estendimento da fibra batida* ou descorticada (fibreira) , fotos 05 e 06) .

TABELA 20
ESCOLARIDADE DO PRODUTOR RURAL E DO ASSALARIADO DO
RAMI - LONDRINA/83

grau de escolaridade	PRODUTOR		ASSALARIADO	
	nº	%	nº	%
. analfabeto	42	10,27	71	16,03
. sô assina o nome	29	7,09	06	5,66
. primário incompleto..	82	20,05	29	27,35
. primário completo ...	113	27,63	20	18,87
. ginásial incompleto..	27	6,60	05	4,74
. ginásial completo ...	15	3,67	-	-
. colegial incompleto..	06	1,47	-	-
. colegial completo ...	09	2,20	-	-
. superior incompleto..	12	2,93	-	-
. não estuda(- 7 anos).	74	18,09	29	27,35
Total	409	100,00	106	100,00

Fonte : pesquisa in loco

FOTO 05 - "TRABALHADORAS DO RAMI"

MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

Conforme se observa na foto acima, as duas mulheres trabalham como *cortadoras*, isto é, cortam os caules do rami e formam feixes para serem descorticados. Utilizam um ancinho bastante afiado e à exceção do cuidado necessário para não se cortar, apresenta-se como um serviço que pode ser executado pelo sexo feminino porque não exige excessivo esforço físico. Em entrevista informal realizada com as duas mulheres, pôde-se constatar que elas preferem trabalhar com o rami, do que em outras atividades, apesar de alguns inconvenientes como por exemplo, o fato das mãos ficarem continuamente *encardidas*, isto é, com manchas de vidas à pectina que se encontra nos caules do rami. Pelo fato de estarem trabalhando para parentes (cunhado), consideram os ganhos melhores e também evidenciou-se um *certo gosto pelo rami*, que é reforçada pela afirmação de que *quem trabalha uma vez com o rami e se acostuma com o serviço não quer trabalhar em outra coisa*. Note-se também que o companhei -

rismo é bastante acentuado , e há que se ter muita união para que o serviço de descorticar seja realizado a contento , já que todos devem trabalhar sintonizados para que saia o produto final que deve ser uma *fibra de boa qualidade* .

No trabalho do rami notou-se uma nítida divisão de trbalho , ficando a cargo das mulheres , dos menores e dos mais idosos , tarefas que exigem menor esforço físico . No caso das trabalhadoras , na área rural , a mão-de-obra feminina é largamente empregada na lavoura familiar de subsistência, chegando a 40% nas regiões do Norte e Nordeste = do país, caindo para 8% em São Paulo , onde a agricultura é mais modernizada (GODINHO , 1982:06) .

Um aspecto a ser ressaltado é que na maioria das vezes, o trabalho não significa uma libertação de seu papel tradicional de dona de casa , e sim, que há um acúmulo à sua jornada de trabalho , com o *trabalho doméstico*, perfazendo em média um total de 13 horas de trabalho diárias (conforme a UNESCO), incluindo o domingo .

FOTO 06 - "O TRABALHO DO MENOR NO RAMI"

MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

A foto 06 mostra o trabalho do menor no rami , o qual é parte do sistema de produção da fibra . Desde tenra idade são levados pelos pais até os locais de descorticação , e inicialmente auxiliam estendendo as fibras , carregando a água para os demais companheiros ,basicamente se atendo aos serviços considerados mais *leves* .

Os menores, assim como as mulheres compõem os grupos cuja remuneração está sempre aquém das necessidades e do trabalho efetivamente realizado . Os pequenos produtores rurais de rami vêm na ajuda = do grupo familiar a possibilidade de viabilização de seu contrato, seja = com as compradores de matéria-prima ou com os proprietários da terra . Assim sendo, não lhes resta outra opção senão utilizar a mão-de-obra familiar (filhos, mulher, irmão, cunhado) .

FOTO 07 - O TRABALHO DO MENOR NO RAMI
Londrina - julho/83

- quanto ao local de moradia , todos os porcentageiros residem no local da plantação, pelo menos no período do corte, enquanto, dos proprietários, 9,67% residem em outros locais, seja em Londrina, Rolândia, ou na sede distrital, portanto, uma minoria é absenteísta . Destaque-se o caso de dois produtores que, possuindo sua propriedade , deslocam-se para outras áreas, em seguida ao corte de seu rami, para trabalhar também com o rami, sob a forma de meação ou arrendamento ;
- no que se refere ao tempo de moradia, entre os produtores , 50,0% residem há mais de 10 anos no local, 20,0% entre 05 e 10 anos , e os demais enquadram-se em faixas percentuais menos significativas .

Entre os assalariados, 37,5% moram há mais de 10 anos, 29,2% entre 05 e 10 anos . É significativo notar que 12,5% residem há menos de um ano no local e outros 12,5% entre 03 e 05 anos . Nota-se entre os assalariados uma maior rotatividade de endereços, que é propiciada pela própria condição de instabilidade de emprego . A tabela 21 demonstra os fatos apresentados .

TABELA 21

TEMPO DE MORADIA DO PRODUTOR RURAL E DO ASSALARIADO
MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

faixa de anos	produtor rural		assalariado	
	nº	%	nº	%
. menos de 01 ano	05	8,33	03	12,50
. de 01 a 03 anos	06	10,00	03	12,50
. de 03 a 05 anos	07	11,67	02	8,33
. de 05 a 10 anos	12	20,00	07	29,12
. acima de 10 anos ...	30	50,00	09	37,51
Total	60	100,00	24	100,00
Não responderam	02	-	-	-
Fonte : pesquisa in loco				

5.2. Características das relações de trabalho no rami

Os aspectos aqui analisados referem-se às formas que as sumem as relações de trabalho no rami, no tocante aos parceiros, arrendatários e assalariados . Procurar-se-á, dentro de um leque amplo de informações , privilegiar aquelas que possam efetivamente propiciar reflexões sobre a problemática *emprego* , a qual é de importância fundamental para se entender os direcionamentos do capital no mundo rural .

Dentre os produtores de rami, as figuras do porcentageiro e do arrendatário surgem como elementos de suma importância, visto que quase a metade (48,4%) é constituída por este grupo .

As condições de parceria variam, encontrando-se os mais diversos tipos de contratos :

tipos de meação	obrigações assumidas pelo proprietário
. 50%	tudo <i>a meia</i>
. 50%	metade da fibra é do dono e este paga o adubo e o bambu, ficando com o <u>meei</u> ro o trato e a <i>carpa</i> .
. 50%	adubo, pagamento do frete .
. 50%	50% do adubo, ferramentas de corte , maquinário , óleo diesel .
. 55%	adubo
. 60%	adubo, veneno, óleo diesel .
. 60%	somente o adubo é <i>a meia</i> , o restante é pago pelo meeiro .

Dentre as questões formuladas aos produtores de rami, pro

curou-se a verificação das atividades anteriores exercidas, que poderiam dar evidências de que o atual tipo de trabalho não era totalmente desconhecido, além do que apenas 35,4% dos entrevistados tem abaixo de 10 anos nesta ocupação .

Dos entrevistados, a ocupação anterior continua em sua maioria sendo a atividade agrária , voltada à produção de café, milho, algodão, na condição de porcenteiro, trabalhador rural - diarista, como auxiliar na propriedade da família, fiscal, tratorista . Apenas 6,4% = atuavam em funções urbanas, como carpinteiro, tintureiro, proprietário = de estabelecimento de comércio (*secos e molhados*), técnico de cooperativa .

Quanto aos rendimentos auferidos na atividade com o rami, a expressão mais utilizada é que *dã para o gasto* , *equilibram-se as despesas e as receitas* , que em anos de boa safra *dã para pagar as dívidas anteriores* ; notou-se também que no primeiro corte é difícil se conseguir cobrir as despesas e que nos 2º, 3º e 4º cortes, já começa a haver alguma sobra .

Lembre-se igualmente que o produtor de rami não sobrevive exclusivamente da fibra, havendo plantio para produtos de subsistência, como : arroz, feijão , milho, etc . Outras opiniões permitem concluir que alguns conseguiram bons resultados, mormente na safra de 1983, quando os preços foram melhorados, inclusive porque com a diminuição da área plantada houve a necessidade de suprir as indústrias ligadas ao setor .

Estas atividades alternadas têm muito a ver com as ocupações anteriores exercidas pelo assalariado, visto que se retorna a elas nos períodos em que não há corte da fibra . Na verdade, o que se verifica é o exercício de todos os tipos de atividades, que são obviamente pouco ou nada especializadas (à exceção do pedreiro, do carpinteiro, do motorista).

Levantou-se em seguida a questão ligada ao número de pessoas que trabalham na propriedade, tanto os que compõem o grupo familiar quanto os assalariados. Note-se que na cultura do rami, em Londrina, 28,9% são trabalhadores da própria família. Quanto ao sexo, cerca de 22,5% são constituídos de mulheres maiores de 15 anos, enquanto entre os assalariados este percentual cai para 5,6%. Habitualmente as mulheres trabalham em serviços considerados *mais maneiros*, a exemplo das *fibreiras*, das cortadoras.

No tocante ao total de pessoas da família que trabalham no rami, a média é de 2,8, enquanto que os assalariados alcançam uma média de 6,9. Observa-se por estes dados, que raramente uma família consegue suprir suas necessidades de mão-de-obra, obrigando-se a contratar assalariados ou *peões* para fazer frente a colheita e descorticamento do rami.

Um outra constatação é que dos 599 trabalhadores do rami (mão-de-obra familiar e assalariados), 4,2% são constituídos de menores de 15 anos e destes, 52,0% são mulheres.

Quanto o regime de trabalho, a grande predominância cabe aos diaristas, pois apenas 3,7% são mensalistas; os salários dos mensalistas variam de Cr\$ 25.000,00 a Cr\$ 70.000,00, e são constituídos de tratoristas, fiscais, mecânicos.

Os assalariados entrevistados são em sua maioria diaristas, percebendo em torno de Cr\$ 1.500,00 *a seco*, isto é, sem as refeições. Estes conseguem receber entre Cr\$ 24.000,00 e Cr\$ 30.000,00 por mês (o valor do salário mínimo regional à época era de Cr\$ 34.760,00).

Indagou-se das ocupações alternadas do assalariado, visto que no período de entre-safra há que se buscar uma outra atividade remunerada para o seu sustento. As atividades mais procuradas são ligadas ao mundo rural, como: *quebrar* milho, colher feijão, arroz, cuidar da

horta, colher café, capinar o rami, mas também há os que vão trabalhar = como servente de pedreiro, carpinteiro, em supermercados, como motorista, ensacador, empregada doméstica.

FOTO 08 - " O CAFÉ NA ENTRE-SAFRA DO RAMI "

MUNICÍPIO DE LONDRINA - Julho/83

A foto acima focaliza o produtor de rami e sua família= num momento de descanso da colheita de café. Após o último corte do rami, e a entrada de períodos de frio intenso (junho/julho), o café está= em condições de ser colhido. Percebe-se que esta alternância de atividades café-rami mostra-se altamente favorável, e é compatível com os períodos de término do corte do rami e o início da colheita do café. As barreiras existentes podem ser creditadas aos tipos de serviços que são basas

tante diferenciados (porém , ambos com o uso intenso de mão-de-obra), e aos percalços devidos à incidência de geadas na região .

Conforme o calendário agrícola (Figura 07) , pode-se = visualizar os produtos que podem ser desenvolvidos concomitantemente, sendo destacado o papel do café e do milho, que efetivamente foram constatados empiricamente .

Verificou-se também que pouquíssimos têm registro em carteira profissional (à exceção de alguns mensalistas) , justamente em função da sazonalidade do trabalho e a precariedade dos laços empregatícios.

Quanto às funções exercidas, varia conforme o número de máquinas descortificadoras existentes ; para cada máquina são necessários = em torno de 8/9 pessoas, como se discrimina a seguir :

- maquineiro : 4 pessoas
- bagaceiro : 1 pessoa
- fibreiro : 1 pessoa
- cortador : 2 pessoas
- carregador : 1 pessoa .

O trabalho realizado pode ser assim descrito :

- *MAQUINEIRO* : é o melhor remunerado, mas também o mais suscetível a acidentes, pois, este coloca o caule na boca da máquina e puxa-o, logo que este passe pelo rolo dotado de lâminas, que procura eliminar a parte lenhosa , para restar somente a fibra .
- *BAGACEIRO* :este faz a limpeza dos restos de caule e folhas que se aglomeram logo abaixo da máquina descorticadeira, levando inclusive este material para a área de rami já cortado, espalhando nesta área, que servirá de cobertura e de adubação .

CALENDÁRIO AGRÍCOLA - LONDRINA (PR)
- 1975 -

PRODUTOS	MESES											
	JAN.	FEV.	MAR.	ABR.	MAI.	JUN.	JUL.	AGO.	SET.	OUT.	NOV.	DEZ.
ALGODÃO												
ARROZ												
FEIJÃO DAS ÁGUAS												
SOJA												
TRIGO												
MILHO												
CANA-DE-ACÚCAR												
MAMONA												
RAMI												
CAFÉ												

FONTE: SECRETARIA DA AGRICULTURA DO PARANÁ

LEGENDA

- PLANTIO
- DESENVOLVIMENTO
- COLHEITA

FIGURA - 07

- *FIBREIRO* : é o elemento que estende as fibras em varais construídos com bambu, a fim de que as seque de forma uniforme e conseqüentemente obtenha um melhor preço de venda . Esta atividade é realizada pela mulheres , de preferência, por se tratar de uma atividade que exige menos esforço físico .
- *CORTADOR* : munidos de um ancinho (ã semelhança daqueles utilizados para o corte manual do arroz), faz-se o corte do caule do rami, bem junto ao solo, para que haja uma brotação uniforme e vigorosa .
- *CARREGADOR* : é também chamado de *camelo*, porque faz = todos os outros serviços não especificados .

Em relação ao tempo de trabalho, a média é de 45 dias por corte para aqueles que possuem uma sã máquina descortecedora. Prevendo-se 03 cortes anuais, cerca de 37,0% do ano é utilizado para o rami ; no entanto depende basicamente de condições climáticas favoráveis para que haja um maior número de cortes (a não ocorrência de geadas, chuvas bem distribuídas) .

No que se refere ao local de procedência dos trabalhadores , a maioria é da região, de distritos próximos (Guaravera, Irerê). Há casos específicos em que o produtor rural se dirige aos centros urbanos, a exemplo de Londrina, em busca desta mão-de-obra . O interessante é que estes não recorrem às agências de emprego ou estabelecimentos similares; uns se dirigem diretamente a pensões e hotéis próximos à Estação Rodoviária de Londrina , ou então oferecem emprego a pessoas que ficam em suas imediações ; são geralmente sem família e sem local fixo de moradia : são os denominados *peões* .

Aos assalariados são oferecidos dois tipos de remuneração:

livre e seco ; na primeira, o trabalhador recebe as refeições e na segunda o empregado leva a refeição de casa . A média salarial dos *diaristas livres* estava à época (julho/83) , em torno de Cr\$ 1.100,00 , com variações entre Cr\$ 500,00 e Cr\$ 1.500,00 , enquanto a dos *diaristas a seco* girava em torno de Cr\$ 1.400,00 , havendo casos de Cr\$ 1.150,00 e Cr\$... 1.800,00 por dia (às refeições acrescenta-se geralmente de 20 a 25% do valor pago aos *diaristas livres*) . Note-se que nas propriedades em que é fornecida a alimentação, surge um outro componente de importância no grupo : a cozinheira ou cozinheiro, pois, conforme a qualidade da refeição = há uma permanência mais prolongada ou não na propriedade . Nas propriedades visitadas , as refeições são geralmente preparadas pela esposa do = meeiro ou do proprietário, com a ajuda de filhas e noras , sendo que são elas que levam as *marmitas* até o local do corte .

É necessário ressaltar que são basicamente em número de três as refeições : o almoço, o café e o jantar . De manhã, antes da saída para o trabalho, os assalariados tomam , normalmente, apenas uma xícara de café preto ; o almoço é servido às 9/10 horas e o café às 13/14 horas . Após a jornada diária, e em seguida ao banho é servida a última refeição : a *janta* . Verificou-se em algumas propriedades a existência de hortas, que servem para complementar o cardápio, assim como encontramos = um arrendatário que possui entre seus diaristas um que se dedica exclusivamente a cozinhar para o grupo, o qual reside com os empregados num acampamento improvisado, de caráter temporário .

Quanto ao local de residência, no período da colheita , a maioria reside na propriedade , ou em sítios , fazendas da vizinhança , em distritos próximos . Dentre os assalariados, 17 (70,8%) moram no local, em barracões ou em casas para peões, enquanto os demais percorrem um máximo de três quilômetros para chegarem à propriedade .

No restante do ano, os *peões* se deslocam para outras re-

giões onde possam encontrar alternativas de trabalho , seja carpindo ,colhendo café , *quebrando* milho, trabalhando na horta, nas plantações de carã . Segundo um dos entrevistados, os assalariados *se espalham pelo mundo* , o que dá uma idéia dos constantes deslocamentos de que são atores . Há ainda alguns que vão trabalhar na área urbana : encontrou-se casos de mulheres que se dirigem às cidades para trabalharem como domēsticas , ou daqueles que serão serventes de pedreiro, ou ainda usufruem das economias feitas à época da colheita, e "*ficam bebendo pinga na pensão do Norberto*".

A opinião a seguir reflete o ponto de vista da grande = parte dos empregadores, a respeito dos peões :

"São sempre sozinhos; não tem nome, nem sobrenome, não tem documentos".

Das dificuldades encontradas na produção/descorticação= do rami, as mais citadas são referentes à falta de mão-de-obra , principalmente entre os maquineiros . As afirmações seguintes permitem melhor conhecer o problema :

"Parece que o povo está afastando . Está difícil de encontrar um maquineiro bom, apesar de nunca ter tido acidente com o Periquito".

"O problema relaciona-se com a mão-de-obra , mais especificamente com o maquineiro . Devido aos acidentes = que poderiam acontecer por descuido; geralmente estes ocorrem na segunda-feira e no sãbado . Hoje os acidentes são mais raros, pois, os buracos são padronizados, e a distância entre a boca e o rolete é maior".

"O pessoal de hoje é mais preguiçoso porque é diarista".

A opinião generalizada entre os produtores de rami é a questão referente à dificuldade de se conseguir bons maquineiros . É neces

sário que se avalie criticamente este fato, na medida em que alegações = simplistas não permitem chegar às causas . Algumas destas causas podem = ser apontadas , exigindo-se no entanto reflexões coordenadas com os da = dos empíricos :

- o assalariamento temporário pode ser um fator para = que tenha havido um significativo deslocamento da po = pulação rural para os centros urbanos ;
- a diminuição da área plantada de rami teve, como con = sequência, mudanças no uso do solo e no tipo de ativi = dade ; não houve interesse de se treinar os novos = *maquineiros*, daí a preocupação dos produtores com a = idade dos atuais *maquineiros* ;
- os acidentes que ocorrem com os *maquineiros* têm servi = do de barreira para o recrutamento de *maquineiros* = mais novos .

Os outros problemas , com citações em número bastante = restrito se referem às condições climáticas : chuva, vento, seca,etc. :

- "São quando chove muito, fica estendido no chão(a fibra) e apodrece ; tem de virar para não apodrecer".*
- "Vento : às vezes está bonito (o ramizal) , o vento for = te derruba quando é novo, e então não cresce mais".*

Questionou-se ainda sobre os aspectos referentes à mã = quina descorticadora. De uma maneira geral, admitiu-se que há algum pe = rigo no seu uso, mas, isto é agravado pelas condições do operador : saú = de, condição física, emocional e cuidados . Notou-se que são raros os acidentes ocorridos, os quais podem ser creditados ao maior controle, que é exercido pelos pequenos produtores rurais , que utilizam muitas vezes, pessoas da própria família na máquina descorticadora . Algumas opiniões

ressaltam os pontos positivos e negativos das máquinas PERIQUITO e CACOL, que são utilizadas mais pelos pequenos ramicultores :

- "A máquina Periquito está na propriedade há 12 anos. Nós mesmos arrumamos , consertamos a máquina. Nunca ninguém se machucou".
- "Hoje não tem perigo, porque a boca é bem estreita, mas judia muito da pessoa. A gente possui seguro e sendo a boca grande, o seguro não aceita".
- "De primeiro era considerada perigosa; hoje não; sempre havia acidentes no começo da semana , porque o trabalhador estava de ressaca; hoje, se a pessoa está bêbada, não deixa trabalhar. A CACOL é mais fechada, é = mais segura, não entra a mão ; pago ainda o seguro em Uraí".
- "O PERIQUITO faz um tipo melhor de fibra , é mais perigosa, rende menos, mas no preço ganho mais".
- "Todos os agricultores são obrigados a ter o PERIQUITO, pois é o melhor, o mais barato e o que rende mais . As outras máquinas são iguais ou inferiores".

Estas opiniões não se alinham com as afirmações contidas no item 3.2. e também com as denúncias formuladas pelo Senador Leite Chaves (1981), que se basearam principalmente nas grandes propriedades de rami, do município de Uraí . A lógica do raciocínio, também exercida pelos ramicultores entrevistados em Londrina, permite visualizar os fatos , primeiramente, levando-se em conta que, na região londrinense, predominam os pequenos produtores e estes têm naturalmente um maior poder de controle na descorticação, tanto em termos do uso adequado da máquina, quanto = ao verificar as condições físicas e emocionais do maquinário . Em outros=

termos, o pequeno produtor melhor fiscaliza sua máquina e identifica também comportamentos que eventualmente poderão vir a prejudicar o desempenho do *maquineiro* (trabalhadores que estejam bêbados, doentes, ou são irresponsáveis) .

Indagados sobre a possibilidade de haver outras opções = para que se faça o descorticamento, a resposta esbarra no bom senso porque uma máquina mais moderna não utilizaria o total de pessoas de hoje e teria uma produtividade maior, necessitando portanto de uma área maior de rami plantado, além do que o preço da máquina seria muito mais elevado.

Temos as seguintes afirmações para esta questão :

- "O que se deveria inventar era uma máquina que não precisasse de maquineiro, porque este está difícil de conseguir . As automáticas , elêtricas, não dão rendimento e comem demais a fibra".*
- "A automática não vale a pena ; utiliza 12 pessoas ,mas é muito cara . Cai a qualidade da fibra, porque não sai nada limpa".*
- "Já trabalhei com a máquina automática, ela não oferece perigo, mas precisa de muita terra, a máquina automática é só para grandes produtores".*

FOTO 09 - "ASPECTO DA DESCORTICADEIRA MECÂNICA"

MUNICÍPIO DE LONDRINA - julho/83

As máquinas citadas pelos entrevistados, conforme se vê na foto acima, são utilizadas numa grande propriedade de rami, localizada em Londrina, a qual conta com seis máquinas. Este tipo de maquinaria faz o corte do rami e descortica mecanicamente, sem a necessidade de se fazer a alimentação manual. Houve redução na mão-de-obra utilizada, mas é viável apenas para grandes cultivos, quando, trabalhando em duas turmas, estendem a fibra até secar (em terreiros apropriados), enfardam e são levados à amaciadeira. É importante ressaltar aqui que este grupo empresarial cultiva, colhe, descortica e amacia o rami na propriedade, para em seguida enviar este sub-produto para outra unidade de beneficiamento onde são realizadas as etapas de alvejamento e outras até alcançar o produto =

final que pode ser o barbante, ou os fios *tops*, para exportação .

A contradição que se verifica na inserção de um maquinário moderno , se resume à seguinte constatação : enquanto o descortecedor manual (*Periquito*) pode provocar acidentes, amputando dedos e mãos, apesar de utilizar mão-de-obra intensiva, o descortecedor mecânico diminui consideravelmente a incidência de acidentes, ao mesmo tempo em que desemprega um contingente expressivo de trabalhadores .

No bojo destas contradições procurou-se entender os processos que permeiam as relações de produção e de trabalho, com a entrada da tecnologia no campo, impulsionada pela necessidade de viabilização do capital .

Verificou-se ainda que dentre os assalariados entrevistados, que apenas um possui registro em carteira, e este é mensalista, enquanto os demais são diaristas, porcentageiros, empreiteiros ou sócios .

Indagados sobre o total de dias de trabalho por mês, a incidência maior está entre 20 e 25 dias, sendo o período da safra do ramí a época de maior volume de trabalho . Este período varia de outubro a fevereiro, de setembro a maio ou de novembro a julho, claro é que dependendo das condições climáticas . Houve casos de assalariados afirmarem = que o único mês em que há menos volume de trabalho é o de junho, visto = que é sem dúvida o período em que normalmente se registram as mais baixas temperaturas do ano .

Poucos, 16,7% não trabalham em outras culturas, e os que trabalham, dedicam-se à colheita do milho, feijão, arroz, café, na carpinha, em reflorestamento, na construção de cercas , ou então trabalham como servente de pedreiro na cidade .

Foi ainda solicitado que relatassem sobre o tipo de atividade que propiciasse maiores rendimentos ; cerca de 54,2% afirmaram que

o rami é o que melhor remunera , seguido do milho, café e gado .

É importante notar que no corte do rami, algumas funções são específicas ou exigem uma certa experiência, a exemplo do *maquineiro* ou *batedor* . Em função disto, indagou-se dos tipos de serviços executados pelos assalariados ; cerca de 10 (41,7%) são *maquineiros*, isto é, executam o serviço mais bem remunerado , e também exigente em atenção , pois é suscetível a acidentes . Os demais são cortadores, fibreiros, bagaceiros, *camelos* , e em muitos casos não há uma divisão de trabalho precisa, deslocam-se as pessoas conforme as necessidades da máquina . Houve casos também de, os *maquineiros* atuarem como cortadores , acumulando-se os encargos e ao mesmo tempo não ficando somente com o ofício de *bater a fibra*, que é, sem dúvida, um trabalho que exige constante esforço físico.

As formas de se conseguir trabalho no rami não variam muito, pois basicamente ocorre entre vizinhos, antigos conhecidos, informações transmitidas por amigos, parentes ; fato é que os que trabalham com o rami formam um conjunto de pessoas com os mesmos interesses, o mesmo tipo de trabalho, facilitando os deslocamentos e/ou transferências de locais de serviço . Os depoimentos abaixo, melhor apresentam a situação:

-*"Morava no vizinho, trabalhando na lavoura e fui indicado para fazer porcentagem há 12 anos atrás"*.

-*"Começou a trabalhar por intermédio de informações dos 'camaradas' que tocam o serviço"*.

-*"Trabalho nesta propriedade porque conheço todos os que plantam rami na redondeza"*.

-*"Já morava por perto, trabalhando como diarista"*.

-*"Encontrou emprego por informação de amigos"*.

Os assalariados , em sua maioria, trabalham entre oito e nove horas diariamente, com uma hora para o almoço . Dos entrevistados,

13 (54,2%) trazem almoço e café de casa (em marmitas, caldeirões), e 08 (33,3%) recebem a marmita no local de serviço, trazidas que são pelas esposas, filhas, dos porcentageiros e dos patrões ; 02 (8,3%) retornam para casa no horário de almoço , pois residem próximo ao local do corte . Note-se que na maioria dos casos a composição do almoço e do café é modificada apenas na *mistura*, isto é, no café ,usualmente também se fornece arroz e feijão, mas substitui-se a carne por um ovo frito .

Um outro ponto abordado, referiu-se aos serviços anteriores e ao atual e, em que medida há maior ou menor receptividade com relação ao rami . Dentre as respostas , 13 (54,2%) disseram que o trabalho, no rami, é bom, apontando as razões seguintes :

- "Rami é bom porque dá mais dinheiro e mais movimento ao dinheiro"*.
- "É bom, porque é um serviço pesado, perigoso, mas tem trabalho até julho quando não gea, falhando somente em agosto e setembro"*.
- "Prefiro a sacaria e o rami, porque dá mais dinheiro"*.
- "Prefiro o rami porque há maior rendimento do que em outras lavouras"*.
- "Serviço bom porque é 'seguro' , há mais serviço, pagam mais, mas trabalha-se mais também"*.

Dos que não consideram o trabalho do rami uma boa opção, 04 (16,7%) emitiram opiniões como :

- "É mais difícil, porque antes trabalhava com o trator"*.
- "Prefiro trabalhar na enxada, pois o rami é um serviço ruim"*.

Os demais entrevistados acham que o serviço é o mesmo , tanto faz trabalhar no rami, ou no café, ou no cultivo de cereais; uns

preferiam trabalhar em um centro industrial, mas, então as probabilidades de se conseguir um emprego que supra suas necessidades com a pequena ou nula especialização, são mínimas .

Indagados sobre o ganho no rami, e se este consegue suprir as necessidades de sobrevivência, todos os entrevistados responderam afirmativamente, porque alguns possuem horta, criação de galinhas, porcos e plantam feijão, para a subsistência ; outros equilibram o orçamento fazendo muita economia, e há casos em que outros membros da família auxiliam na renda familiar . Há preocupações com o ganho que não está acompanhando a alta dos preços, e há até afirmações como : *acho que ganho pouco, mas o 'gato' não tem condições de pagar mais*, evidenciando-se uma subordinação ao intermediários de serviços , que procura ter contínuos lucros, ou então ocorre esta defasagem entre o ganho do setor rural e o custo do setor urbano, por uma subordinação num nível mais amplo do mundo rural ao = setor hegemônico , que é o mundo urbano-industrial .

No tocante às dificuldades encontradas no trabalho com o rami, as mais citadas pelos entrevistados são quanto à máquina, e o trabalho do *batedor*, e no tocante às condições climáticas (geadas, chuvas). Notou-se uma preocupação maior quanto ao trabalho do *maquineiro*, na medida em que este é mais vulnerável a acidentes, além do que é necessário = ter uma boa saúde, para suportar o pesado ofício de *bater o rami* .

As opiniões a seguir, melhor explicam os fatos :

-*"Se o maquineiro for fraco, não aguenta"*.

-*"Quando tem de acontecer acidente, não tem jeito, pois se a fibra enroscar não tem mais jeito"*.

-*"Maquineiro é perigoso e sofrido"*.

A pergunta final , referiu-se à máquina descorticadora do rami; as opiniões são variadas, mas em sua maioria revelam a necessida

e de cuidados redobrados no seu uso :

-*"A CACOL é a melhor ; não conheço outros tipos".*

-*"A máquina de descorticar, CRISTAL, é adaptada, mais fácil de trabalhar".*

-*"Se não tiver cuidado, todos os tipos de maquinários são perigosos".*

-*"A PERQUITO é boa, é maior, não segura a fibra. A máquina CACOL morde a fibra e fica dura".*

-*"É perigosa, todas tem perigo, mesmo a automática, porque ela só não puxa; o perigo está na limpeza ".*

Os aspectos visualizados nesta pesquisa permitem apresentar as formas de atuação do proprietário, do procenteiro, do arrendatário e do assalariado temporário . São categorias que ainda subsistem, e no caso do porcentageiro há uma variação dos tipos de contratos feitos, que resultam de negociações feitas ao longo do tempo, desde a época em que provavelmente foi *maquineiro*, até alcançar a posição de meeiro .

É importante notar que se faz o cultivo de outros produtos, seja para a subsistência da família, seja para fins comerciais, como por exemplo o milho e o café . Quanto ao café, mostra-se como a cultura que permite o trabalho no campo durante o ano todo, desde que associado ao rami .

No que se refere ao pagamento devido ao trabalhador assalariado, duas modalidades são as mais utilizadas : a *seco e livre* . A maioria dos que têm o fornecimento da alimentação por parte do empregador é constituída de *peões*, trabalhadores itinerantes que se dirigem de propriedade em propriedade em busca de trabalho . Para estes é fornecido ainda um local para dormir, quase sempre em *tulhas*, *paiois* . Os demais residem próximos aos locais de trabalho, deslocando-se diariamente, a pé .

Um outro aspecto a ser referenciado é o que diz respeito à máquina descortadora e as pessoas que trabalham nela, direta ou indiretamente, via de regra, a atividade é executada com a conjunção de esforços do cortador, do carregador, do machineiro, do fibreiro, do bagaceiro, e estes devem trabalhar harmoniosamente, para poderem alcançar uma boa produtividade. Reside talvez neste aspecto, o *gostar* do trabalho no rami, uma vez que há a socialização maior da atividade, pois, há dependências recíprocas. No entanto, dentre as várias funções existentes no beneficiamento da fibra, o papel do machineiro é sem dúvida o mais vulnerável, pois além do desgaste físico, há o risco de mutilação, quando ocorrem os acidentes. Sabem os entrevistados, pequenos ramicultores, da existência de máquinas automáticas de descorticar, mas também têm o conhecimento de que o preço é elevado, assim como as fibras beneficiadas não são ainda de boa qualidade, e são viáveis apenas para grandes plantações de rami.

Por outro lado, esta viabilização trará consequências de ordem social, gerando desemprego em massa, enquanto que a utilização da descorticateira manual apesar de oferecer mais oportunidades de emprego, também ocasiona acidentes, mutilando os trabalhadores do rami.

Apesar da existência de aspectos desfavoráveis, o rami ainda continua sendo uma cultura que não decepciona os que a ela se dedicam de fato. Embora esta cultura seja exigente na etapa do beneficiamento, alegam os ramicultores que esta lhes traz rendimentos, e há a circulação do capital, logo em seguida aos cortes, que chegam a alcançar o número de cinco conforme o ano, em que o inverno for mais brando.

...

6. C O N C L U S Õ E S

A produção deste trabalho envolveu basicamente a problemática ligada às transformações no quadro agrário, em função da gradativa significância que tomava a agricultura no sistema de economia capitalista brasileiro . Foram então objeto de estudo as relações técnicas de produção e transformação e as relações de trabalho na cultura do rami, localizada no município de Londrina .

Os objetivos da pesquisa obedecem a esta linha de pensamento , na medida em que se buscou as causas primeiras da atual situação= vivida pelos pequenos produtores, procurando desta forma responder aos questionamentos feitos quando do início dos trabalhos . As questões ligadas ao mundo agrário, a luta dos trabalhadores rurais volantes ou *bóias-frias*, a coexistência de formas *arcáicas* de produção no campo, com a agricultura empresarial, a subordinação do campo ao capital industrial-urba - no, foram objeto de reflexão, e posteriormente procurou-se a vinculação = com os dados do levantamento empírico realizado .

Num nível mais específico , isto é, quando se enfocou = os produtores rurais de rami, foram identificadas as formas de atuação das indústrias de processamento . As empresas que beneficiam a fibra procu-ram obter uma matéria-prima de boa qualidade - que se preste inclusive para a elaboração de fios para exportação -, e , para tanto acionam os meca

nismos para se conseguir os resultados desejados . Trata-se então de incentivar pesquisas para a melhoria da qualidade e da produtividade, para a criação de novas variedades, além da pesquisa de adubação e aperfeiçoamento da máquina desfibradeira de rami, em trabalho conjunto com instituições governamentais de pesquisa do setor .

Uma outra forma de obtenção de fibras de qualidade superior é realizada mediante as visitas periódicas de técnicos da empresa nas lavouras de rami, com dois objetivos principais : prestar assistência técnica aos ramicultores, verificando as condições da máquina descorticadora , regulando-a se necessário, demonstrando a melhor maneira de se obter fibras 'mais longas e mais limpas' e também para que se tenha uma estimativa da safra . Na ocasião são feitos comentários acerca dos preços da fibra , procurando levar os produtores a entregar a produção na sua empresa . Não há, como em outros tipos de cultura destinada à indústria,-como no caso dos citros e do tomate -, o estabelecimento de um contrato formal de fornecimento da produção .

Evidenciou-se a subordinação ao capital urbano-industrial, principalmente junto aos pequenos produtores, na medida em que são vulneráveis aos *preços do dia*, e ainda dependem , em grande parte de financiamentos para custeio da safra, tanto dos estabelecimentos de crédito, quanto das empresas beneficiadoras, as quais fazem pequenos empréstimos, a curto prazo, vinculando o seu ressarcimento à entrega da fibra .

Os grandes produtores de rami fazem parte de um complexo agroindustrial, fornecendo a matéria-prima para o grupo a que pertencem . Neste caso, além de se inserir no setor urbano-industrial, usufruem dos benefícios da verticalização, e naturalmente os resultados da acumulação de capital são visíveis, somente que ainda se atrelam ao desempenho no mercado internacional, o qual dificulta frequentemente a entrada de concorrentes, principalmente àqueles do Terceiro Mundo .

Uma outra preocupação referiu-se à verificação dos reflexos da implantação de unidades agroindustriais nas relações de trabalho rural. De uma forma geral, os estudos realizados com relação ao problema têm demonstrado que a transferência da produção do setor agrícola (que é pulverizada) para o setor industrial - constituído na maioria dos casos em oligopsônios (que são altamente concentrados) - , determina um controle, uma subordinação e uma manipulação do capital industrial sobre o campo, deixando de ter uma dinâmica própria . No caso do rami, em que a produção total é remetida à indústria, estes aspectos são atenuados em face da ocorrência de alguns fatos, como a concorrência dos fios sintéticos e a diminuição da área plantada .

Lembre-se que em 1960, o Paraná contava com 6.050 hectares de área plantada, alcançando o pico em 1970 com 19.965 hectares, para em 1984 contar com apenas 4.200 hectares de rami . Estes números demonstram que nos períodos de grande demanda do rami, também proliferaram as empresas de beneficiamento e compra da fibra , e hoje subsistem apenas três no município de Londrina . Dada a redução da área de cultivo, a tendência é de que os preços melhorem consideravelmente para o produtor, na medida em que estes favorecem uma matéria-prima que está escasseando no mercado .

Segundo informações de técnicos da Secretaria de Agricultura do Estado do Paraná, houve algumas tentativas de se incentivar o cultivo, por parte das empresas processadoras, inclusive propondo uma reunião com os produtores para discutirem sobre o assunto, porém até mesmo esta não se realizou, motivados talvez por razões ligadas à falta de interesse por parte dos ramicultores ou cautela por parte das empresas .

Analizou-se também as ligações entre a implantação das indústrias de beneficiamento do rami, a estrutura fundiária e as relações

de trabalho rural-urbano . Neste particular, ressalte-se que no município de Londrina, apenas uma empresa cultiva totalmente para seu consumo, e as demais adquirem a fibra de pequenos produtores . Assim sendo, proliferaram as pequenas culturas de rami no município, as quais se mostram = viáveis, além do que utilizam mão-de-obra familiar e trabalhadores assalariados no descorticamento .

No tocante às relações de trabalho, observou-se que a utilização de mão-de-obra intensiva , soma-se também uma maior circulação de capital, na medida em que à cada corte de rami, consegue-se vender a fibra descortificada e assim estará sempre com algum valor monetário disponível .

Note-se também que os empregos no rami, principalmente nas funções melhor remuneradas (maquineiro, bagaceiro) e mais especializadas têm tido alguma dificuldade na contratação . A justificativa dada é que poucos são atraídos para um trabalho que exige grande esforço físico, agilidade e cuidado, o que evidentemente não é compensado pela remuneração recebida . Neste caso, dois tipos de alternativas surgem : a primeira, refere-se à remuneração diferenciada, o que já ocorre em grande parte das pequenas propriedades percorridas, e a segunda, diz respeito ao papel exercido pela tecnologia , isto é, a busca de um maquinário descortificador que tenha um bom rendimento, não seja perigoso para o operador e que produza uma fibra de qualidade superior .

Os pressupostos contidos na elaboração do projeto de pesquisa foram corroborados em sua maioria, como se verificou em itens = anteriores. O que é necessário colocar , é que , sem dúvida , uma fibra de boa qualidade tem aumentada sua capacidade de barganha, o que somada à relativa escassez no mercado de fibras naturais possibilitaria ao ramicultor ter condições mais adequadas para sua subsistência e consequentemente, os trabalhadores assalariados teriam chances de conseguir melho

rias, desde que houvesse um consenso entre as partes interessadas .

Quando da realização do levantamento empírico, foram discutidos com os ramicultores os aspectos relativos aos resultados auferidos com o rami . As opiniões emitidas refletiam as experiências vividas pelo produtor, que se mostram positivas quando diz :"(...) *hoje está melhor; no início o rami ajudou bastante, pois de cinco alqueires em 1953, possui hoje 500 alqueires adquiridos através do trabalho do rami*" . Outros consideraram a situação equilibrada , visto que "(...) *os filhos = estão crescendo, mas casam logo, o que se ganhou se gasta, quase não sobrando para guardar ; comprou apenas uma 'data' em Londrina*". Note-se = que esta situação não se deve apenas ao tipo de atividade hoje exercida , mas sim é reflexo de uma situação conjuntural da economia, que é conhecida pelo entrevistado, no momento em que há referências ao custo de vida de hoje e de anos passados, à desvalorização diária da moeda . Um outro ponto abordado referiu-se ao trabalhador assalariado, com a certeza = de que *no geral, os empregados estão em situação pior do que em outros = tempos*", afirmação que define a espoliação de que é alvo esta camada da população que sobrevive apenas com a venda de sua força de trabalho .

Conclui-se portanto que, assim como ocorre com as demais ~~colinas industriais~~, tais como o algodão, a cana-de-açúcar, o tomate, os citros, que ainda exigem mão-de-obra intensiva, o rami conheceu momentos = áureos e de estagnação, notadamente atrelados ao movimento do capital urbano industrial, que manipula principalmente os pequenos produtores de rami .

Num outro enfoque, ligado às relações de trabalho, verificou-se a existência de inúmeros porcentageiros ou meeiros, os quais ainda= subsistem , porque é sem dúvida a forma da exploração do sobretrabalho familiar . A existência de uma mão-de-obra que complementa o grupo familiar, representado pelos *peões ou bôias-frias* , ou assalariados temporários , evi

dencia a capacidade de absorção de grande número de empregados neste tipo de atividade .

É ainda necessário que se retome a questão da subordinação do campo ao capital industrial, o qual opera quase sempre em condições de menor risco do que o campo, que além das condições climato-edáficas têm de se precaver com os preços dos produtos, a remuneração dos empregados, os problemas sociais decorrentes da má remuneração e que, no entanto, cumpre o papel de sustentáculo do setor produtivo do Estado , que é, predominante mente voltado para o setor agrário .

...

BIBLIOGRAFIA

01. ALBUQUERQUE, R.H.P.L. *Capital comercial, indústria têxtil e produção agrícola*. São Paulo, HUCITEC/CNPq, 1982. 268 p.
02. AMIN, S. & VERGOPOULOS, K. *A questão agrária e o capitalismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977. 179 p.
03. BESKOW, P.R. Agricultura e capitalismo no Brasil. *Encontros com a Civilização brasileira*, Rio de Janeiro, 3(19):113-126, jan.1980.
04. BRAGA, O.S. *Cultura e beneficiamento do ramí*. Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1947.45 p.
05. CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Liv. Duas Cidades 1979. 284 p.
06. CANO, W. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. Rio de Janeiro, Difel, 1977. 317 p.
07. CATANI, A.M. *O que é capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1982. 139 p.
08. CESARIO, A.C.C. *Industrialização e pequenos empresários em Londrina*. Curitiba, Grafipar, 1981. 145 p.
09. COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. 2.ed. São Paulo, 1977. 295 p.
10. D'INCAO E MELLO, M.C. *O bôia-fria; acumulação e miséria*. Petrópolis, Vozes, 1975. 154 p.
11. DOBB, M.A *evolução do capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. 482p.
12. FACULDADE DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS. Departamento de Economia Rural. *A mão-de obra volante na agricultura*. Botucatu, CNPq/UNESP, 1982. 337 p.
13. FRANÇA, A. *A marcha do café e as frentes pioneiras*. Rio de Janeiro, CNG, 1960. 302 p.
14. FRANCO, M.S.C. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, Ática, 1976. 235 p.
15. GODINHO, T. *As mulheres e o trabalho*. São Paulo, Ed.Aparte Ltda. s.d, p.06
16. GORENDER, J. *Gênese e desenvolvimento do capitalismo no campo brasileiro*. São Paulo, CEDEC/Global, s.d.
17. GRAZIANO DA SILVA, J. *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 192 p.

18. GRAZIANO DA SILVA, J. Para onde vai a agricultura ? *Encontros com a Civilização Brasileira* . n.10, abr.79
19. _____. *Progresso técnico e relações de trabalho na agricultura* . São Paulo, HUCITEC, 1981. 210 p.
20. _____. *O que é questão agrária* . São Paulo, Brasiliense , 1982 . 108 p.
21. _____. *Estrutura agrária e produção de subsistência na agricultura brasileira* .São Paulo, HUCITEC, 1978. 267 p.
22. GRAZIANO DA SILVA, J. e alii. Tecnologia e campesinato : o caso brasileiro. *Revista de Economia Política*. 3(4):21-56, out.dez.83
23. GRAZIANO DA SILVA, J. & STOLCKE, V. *A questão agrária*. São Paulo, Brasiliense, 1981. 185 p.
24. GRAZIANO NETO, F. *Agricultura e indústria; o caso do tomate em Taquaritinga*. Piracicaba, 1977. 126 p.
25. _____. *Capitalismo e tecnologia no campo; notas preliminares. Encontros com a Civilização brasileira*. Rio de Janeiro, n.10, abr.79
26. _____. *Questão agrária e ecologia; crítica da moderna agricultura*. São Paulo, Brasiliense, 1982. 154 p.
27. GUIMARÃES, A.P. *A crise agrária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 362 p.
28. _____. *Quatro séculos de latifúndio*. São Paulo, Paz e Terra, 1981. 255 p.
29. HAIDA, T. Ramí .Curitiba, Ministério da Agricultura, Serviço de Acor do de Classificação no Estado do Paraná. 1964 (mimeografado)
30. IPARDES/CODESUL. *Formação de capital na agricultura paranaense* .Curitiba, 1979. 113 p.
31. IAPAR-Instituto Agrônômico do Paraná . *Programas e Projetos de Pesquisa em andamento* .Londrina, 1983
32. KAUTSKY, K. *A questão agrária* . 3.ed. São Paulo, Proposta Ed. 1980 . 329 p.
33. KONDER, L. *O que é dialética* .São Paulo, Brasiliense, 1981. 87 p.
34. LÊNIN, V.I. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia. O processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo, Abril Cultural, 1982. 402 p.

35. _____. *O problema agrário-I*. Belo Horizonte, Ed.História Aldeia = Global, 1978. 106 p.
36. LOUREIRO, M.R. *Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil*. São Paulo, Cortez Ed., 1981. 155 p.
37. _____. *Parceria e Capitalismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. 135 p.
38. MARTINS, J.S. *O cativo da terra*. São Paulo, Liv.Ed.Ciências Humanas, 1979. 156 p.
39. _____. *Expropriação e violência*. São Paulo, HUCITEC, 1980. 181 p.
40. _____. *A sujeição da renda da terra ao capital e o novo sentido = da luta pela Reforma Agrária. Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, 3(4):199-222, abr.1980
41. MARX, K. *O capital*. 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980. v. 2
42. MELLO, J.M.C. *O capitalismo tardio*. São Paulo, Brasiliense, 1984. 182 p.
43. MOURA, M. *Os herdeiros da terra*. São Paulo, HUCITEC, 1978. 100 p.
44. MULLER, G. *Agricultura e industrialização do campo*. *Revista de Economia Política*. São Paulo, Brasiliense, 2(6):47-78, abr.jun.82
45. _____. *Estado, estrutura agrária e população*. Petrópolis, Vozes, 1980. 141 p.
46. OLIVEIRA, A.U. *Agricultura e indústria no Brasil*. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, (58):5-64, set.81
47. _____. *A questão agrária*. in ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 4, Rio de Janeiro, 1980. Anais do ... Rio de Janeiro, AGB, 1980
48. OLIVEIRA, F. *A economia brasileira; crítica à razão dualista*. Petrópolis, Vozes/CEBRAP, 1981. 87 p.
49. _____. *Elegia para uma Re(li)gião*. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. 137 p.
50. PADIS, P.C. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. São Paulo, HUCITEC e Secr.Cult.Esportes Pr. 1981. 235 p.
51. PARANÁ. Secretaria de Agricultura. Departamento de Economia Rural. *Agropecuária paranaense; 1982/83*. Curitiba, 1982. 169 p.
52. _____. *Rami*. Curitiba, 1975. 20 p.
53. _____. *Rami (Boehmeria nivea, Gaud.)*. Curitiba, 1978. 130 p.

54. PASTORAL da terra; estudos da CNBB. São Paulo, Ed.Paulinas, s.d. = 193 p.
55. PRADO JÚNIOR, C. *A questão agrária*. São Paulo, Brasiliense, 1979. 188 p.
56. REUNIÃO NACIONAL SOBRE MÃO-DE-OBRA VOLANTE NA AGRICULTURA, Botucatu, 6-7 dez.1979
57. QUEIROZ, M.I.P. *O campesinato brasileiro*. São Paulo, EDUSP, 1973. 242 p.
58. RANGEL, I.M. *Questão agrária e agricultura. Encontros com a Civilização brasileira*. Rio de Janeiro, (7):172-92, jan.1979
59. SANTOS, J.V.T. *Colonos do vinho*. São Paulo, HUCITEC, 1978. 182 p.
60. SÃO PAULO. Secretaria de Planejamento. *Trabalho volante na agricultura paulista*. São Paulo, 1978. 428 p.
61. SCARFON, M.L. *Crescimento e miséria*. São Paulo, Simbolo, s.d.155 p.
62. SINGER, P. *Capital e trabalho no campo*.2.ed. São Paulo, HUCITEC, = 1979. 146 p.
63. SORJ, B. *Estado e classes sociais na agricultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. 152 p.
64. SORJ, B. et alii. *Camponeses e agroindústria ; transformação social e representação política na avicultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982. 119 p.
65. SPINDEL, C.R. *Homens e máquinas na transição de uma economia cafeeira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979. 184 p.
66. SZMRECZANYI, T. & QUEDA, O. *Vida rural e mudança social*. 3.ed. São Paulo, Ed.Nacional, 1979. 239 p.
67. VALVERDE, O. *Planalto Meridional do Brasil*.Rio de Janeiro, CNG, 1957. 339 p.
68. VELHO, O.G. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo, Difel, 1979. 261 p.
69. VINHAS, M. *Caráter da Reforma Agrária Brasileira. Encontros com a Civilização brasileira*. 3(4):223-232, abr.1980
70. _____. *Problemas agrário-camponeses do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980. 151 p.

71. _____. *A terra, o homem e as reformas*. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1980. 151 p.
72. WANDERLEY, M.N.B. *Capital e propriedade fundiária*. Rio de Janeiro, = Paz e Terra, 1979. 145 p.
73. ZURAWICKI, S. *Problemas metodológicos de las ciencias económicas*. México, Nuestro Tiempo, 1972. 208 p.

Complemento :

74. CHAVES, F.L. *Por um amanhã de justiça*. Brasília. 1981 .
- 75.. PEROSA JR, M.R. *A indústria no campo* .in Reunião Nacional sobre mão de-obra volante na agricultura, Botucatu, 6-7 dez.1979
76. STEIN, L. et alii. *As novas formas de trabalho assalariado e as = transformações da agricultura brasileira* . in Reunião Nacional so bre mão-de-obra volante na agricultura, Botucatu, 6-7- dez.1979
77. STINCHCOMBE, A.L. *Classes sociais e meio rural*.in *Vida Rural e Mu - dança Social* , de SZMRECSÁNYI, T. e QUEDA, O. 3.ed. São Paulo , Ed.Nacional, 1979.

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.fflch.usp.br/>.